

REVISTA DA SEMANA

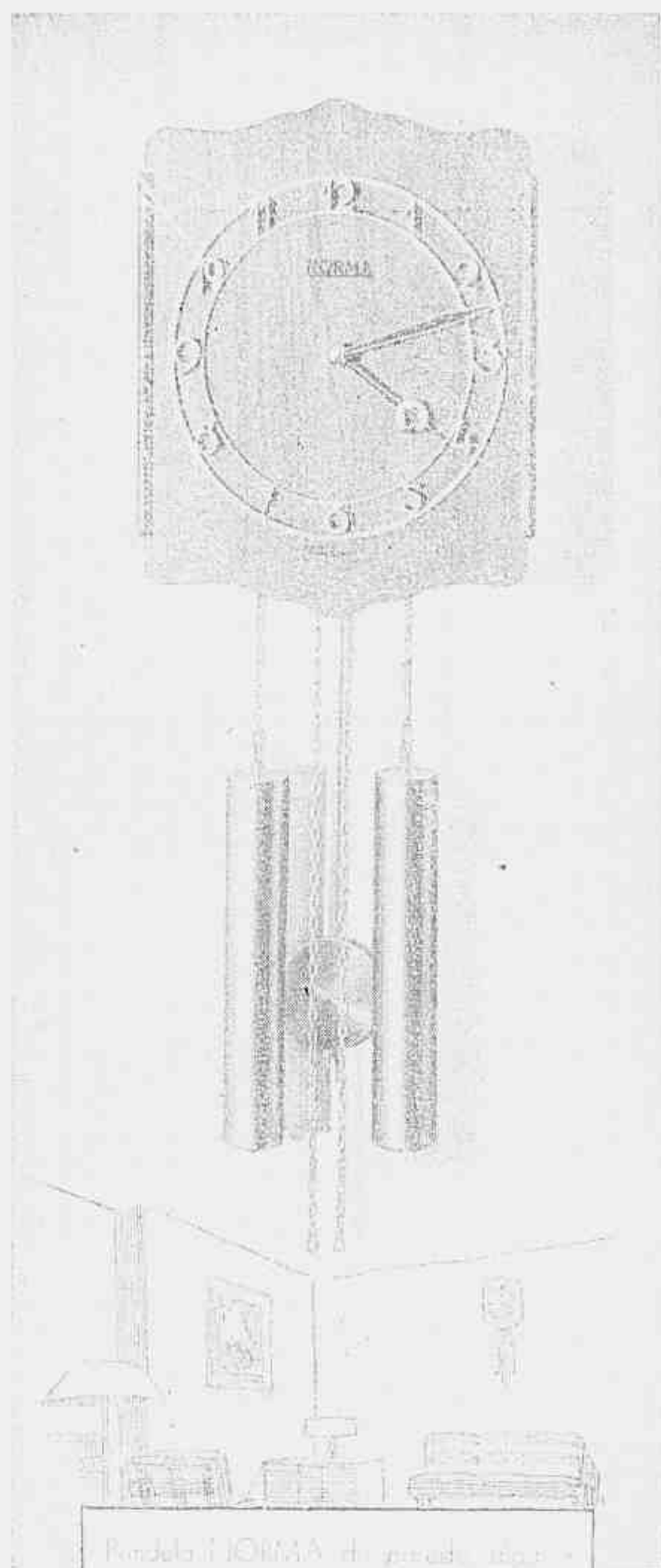


N.º 44

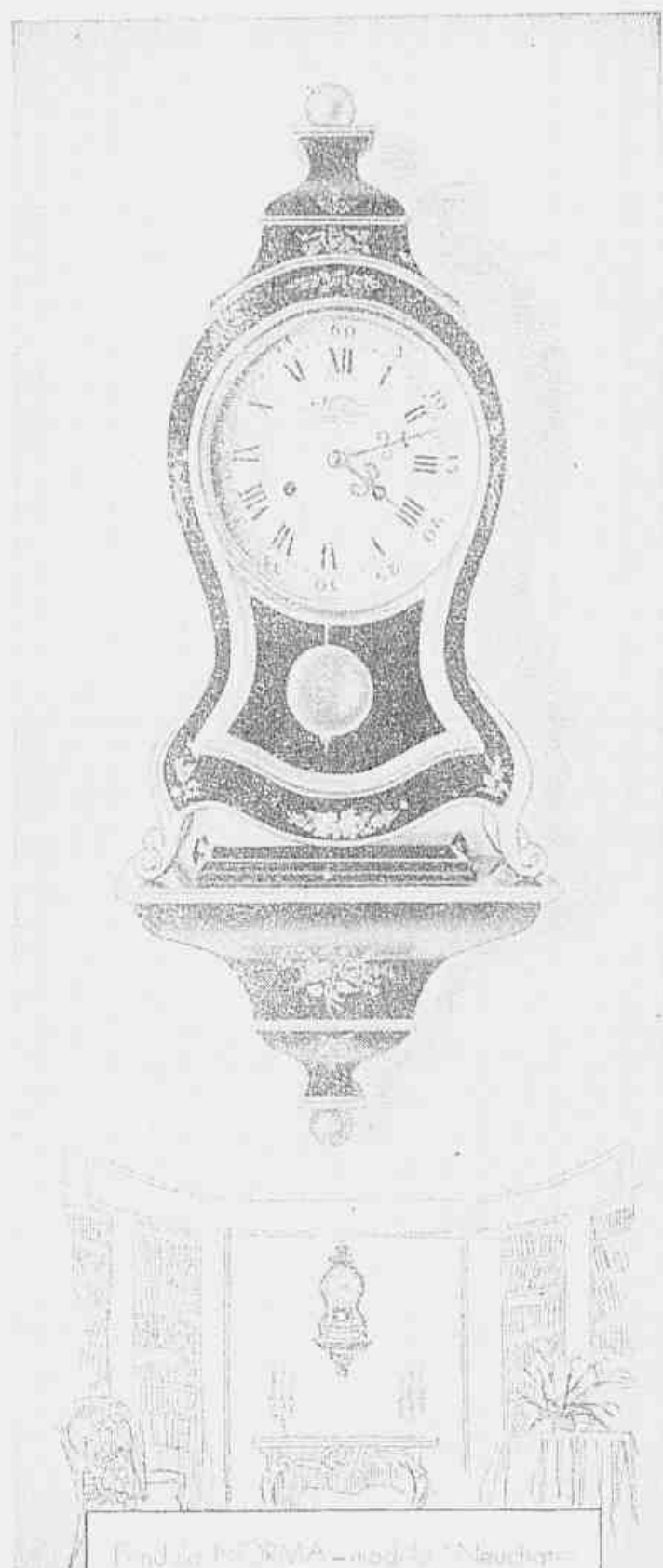
Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

1-11-47

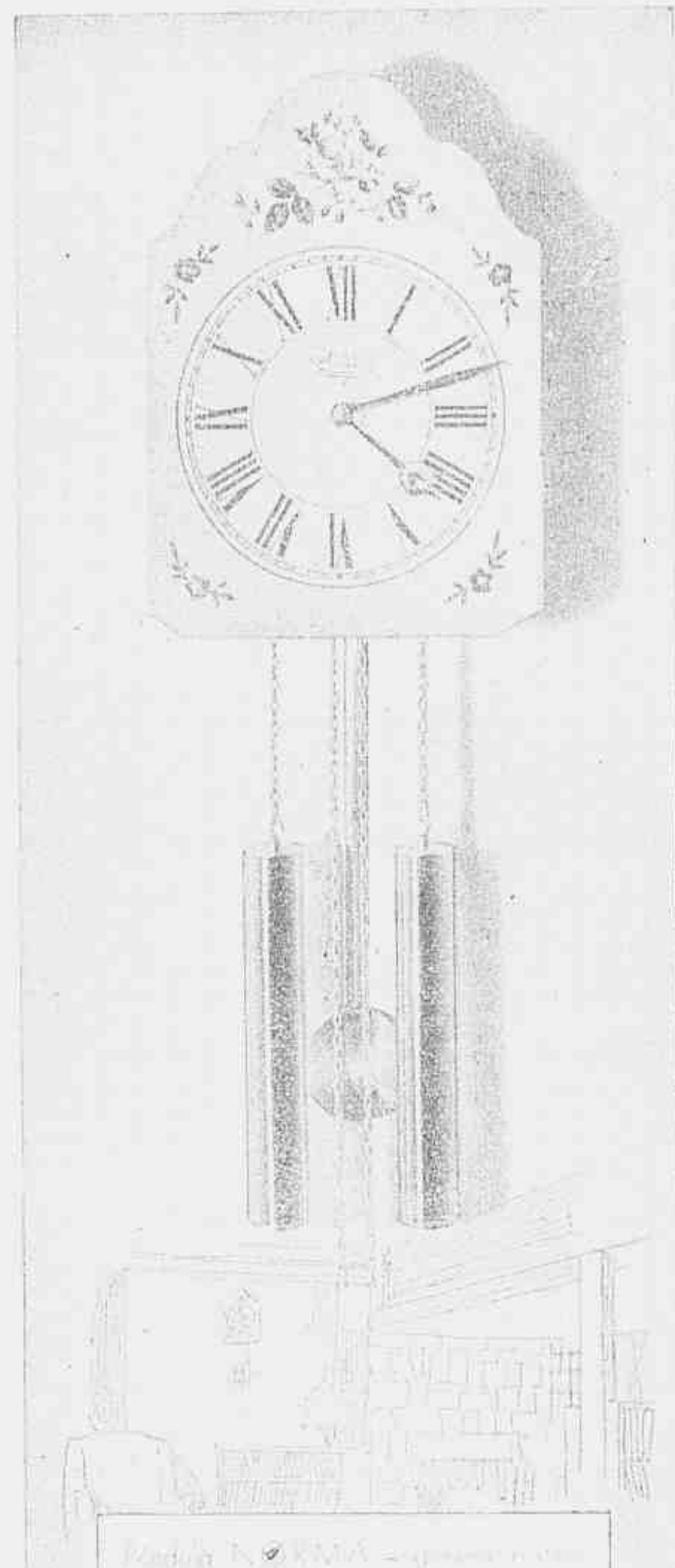




Pêndulo NORMA de grande porte -
mar 2 m de altura. Alfabeto latino horas e
minutos. 12 h. Base e suporte de metal.
Para o lar e escritório.

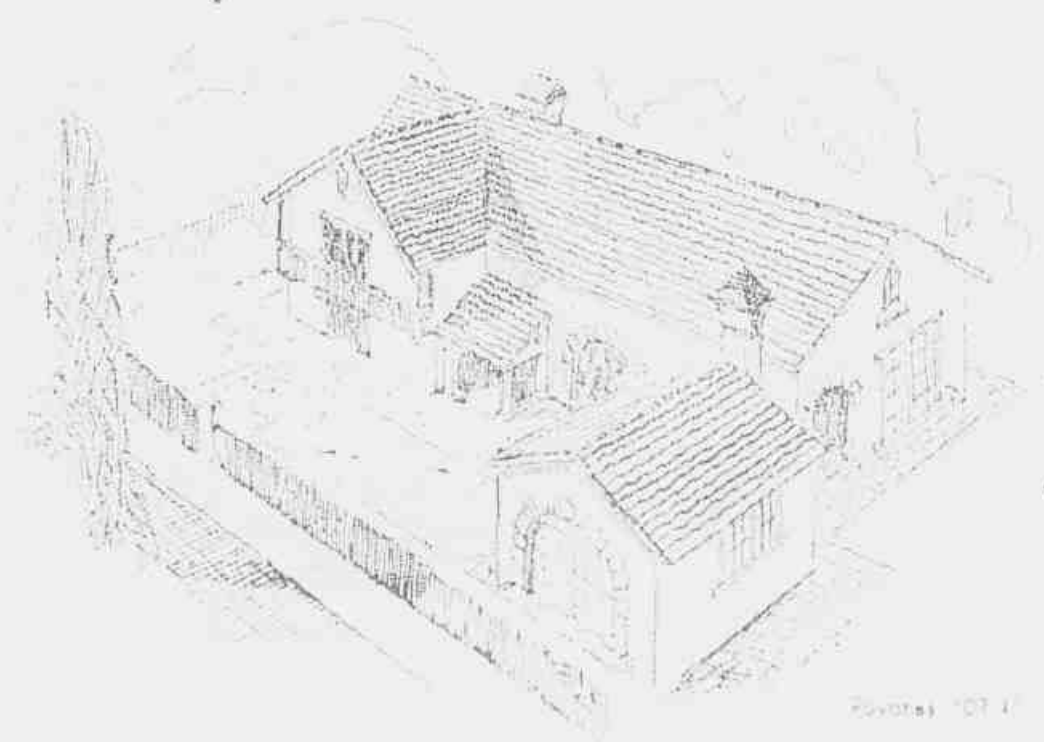


Pêndulo NORMA - modelo "Neuchâtel-
lase", com cadênte automático. Dima-
nismo, em aço. Caixa, vidro e joias.
Bata horas e minutos. Para sala
e escritório.



Modelo NORMA - suspensão e base
em madeira. Alfabeto latino horas e
minutos. 12 h. Base e suporte de metal.
Para o lar e escritório.

Pêndulo Norma *um toque de beleza e precisão no conforto do seu lar!*



Recomendadas pelos mais famosos decoradores para completar a alegria e o encanto do lar, as pêndulas NORMA, graças à elegância de suas linhas e à precisão do seu funcionamento, se impuseram como verdadeiras obras-primas de relojoaria suíça.

Sob os mais lindos e diferentes modelos, sempre se encontra uma pêndula NORMA para cada peça de sua casa.

VIVA BEM TÔDAS AS HORAS COM UM RELÓGIO

NORMA



Uma grande parada de trabalhadores levou ao general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, a solidariedade operária ao rompimento. Até o momento em que encerramos os nossos trabalhos, o embaixador brasileiro, Pimentel Brandão, e seus auxiliares, ainda estavam retidos em Moscou. Durante a semana, discutiu-se a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas. As posições não foram retificadas: udenistas contra, pessedistas a favor. Um tremendo acidente abalou a cidade mineira de Santos Dumont, antiga Palmira. Dois vagões de explosivos da Central do Brasil, deixados criminosamente num desvio, explodiram, quase vindo a baixo a cidade. Mortos e feridos em quantidade. Continua a ferver a panela política de São Paulo. Ademar de Barros e Ugo Borghi mexem o angú a favor de Novelli Junior, e Getúlio e Prestes a favor de Cirilo Junior. Entre os dois partidos, está sendo espremido o deputado e professor Plínio Barreto, que é candidato apenas da UDN Como legenda de uma fotografia, onde aparece a duquesa de Montoro, filha do duque de Alba, no dia do seu casamento, tendo ao lado o sr. Assis Chateaubriand, diretor dos "Diários Associados", a matutino "O Jornal", do Rio de Janeiro, publicou o seguinte: — "Senhora. Aqui estou na qualidade de antigo vassalo da coroa de Espanha, a qual expediu em 1625 aqueles marinheiros e soldados que cruzaram o Atlântico Sul, sob o comando de seu décimo-segundo tio-avô, dom Fradrique de Toledo Osorio. Eles iam resgatar o Brasil da dominação flamenga. Tem a Bahia, província brasileira, o seu destino, nos reinados de Felipe II, Felipe III e Felipe IV, intimamente ligado à Casa d'Alba. Foi um Alba e, portanto, um seu colateral, o libertador do mais lindo pedaço da terra do Brasil. E é em reconhecimento do seu feito e do valor que ele pôs em prática-lo, que os baianos do Instituto Histórico da Cidade do Salvador e dos Diários e Rádios Associados dessa metrópole americana lhe enviaram, pelas minhas mãos, esta mensagem e esta pedra. Que o Senhor do Bom Fim, padroeiro da cidade da Bahia, faça você feliz, são os nossos votos". Assim falou, na grande mesa solarenga do comedor do Palácio de Las Dueñas, de Sevilha, o sr. Assis Chateaubriand, ao entregar a Maria do Rosario Cayetana de Montoro a água marinha e a mensagem que levava. A água marinha era uma pedra azul-escura, azul como as águas do Recôncavo. A cacimbinha dos olhitos de Cayetana se abriu e ela, como uma rola do sertão, olhava espantada e sorridente para as dádivas que aquele peregrino, ido de longes terras, lhe entregava em testemunho da gratidão de um povo longínquo, pelo sangue que os espanhóis do filho do segundo Duque d'Alba derramaram junto conosco, numa guerra que seria, de fato, a primeira guerra da independência do Brasil. Já que estamos transcrevendo, vamos transcrever aqui a mais sintética das crônicas teatrais que já temos, — de Paschoal Carlos Magno, no "Correio da Manhã", sobre a farsa "Escandalosa", estrelada no Rival num momento de infelicidade e irreflexão da atriz Alda Garrido. Ela: "Raras vezes assisti a espetáculo tão lamentável como "Escandalosa", que se estreou ante-ontem no Rival. Levantei-me de cabeça baixa, envergonhado, no meio do segundo ato, e saí. Como é que uma atriz, com o extraordinário talento da senhora Alda Garrido encena um original desse quilate e obriga seus contratados a humilhação de interpretar tamanha vulgaridade?" Nessa mesma edição, Paschoal Carlos Magno publicou uma sugestão, no sentido de ser fundado o Clube da Vaia, para entrar em ação contra a subliteratura e o mau gosto no teatro. A sugestão causou pânico em certos meios. Foi publicado, finalmente, pelo ministro da Educação e Saúde Pública, sr. Clemente Mariani, o novo regulamento do Salão Nacional de Belas Artes, que pôs termo à ditadura do sr. Oswaldo Teixeira. O prefeito da cidade, general Angelo Mendes de Moraes, mudou seu gabinete do edifício São Borja, — nome que ainda era uma homenagem à terra do ex-ditador Getúlio Vargas, — para o Palácio Guanabara, que se achava desabitado. A bem da segurança do público e do sossego dos moradores do local, o prefeito proibiu o funcionamento do incrível mafuá da Avenida Passos. Bravos! Fez muito bem. A Assembléia Constituinte Mineira, alarmada com o excesso de feriados estaduais e municipais, aprovou uma emenda nos seguintes termos: "A concorrência de feriados estaduais e municipais não obrigará a paralisação das atividades privadas, nos termos da legislação trabalhista em vigor". A providência é boa, mas a redação é ambígua. Afinal, que é que manda a legislação trabalhista? Parar ou não parar? E se já há legislação federal em vigor, sobre o assunto, como poderá a legislação estadual alterá-la? Da Turquia, nação cuja capital tem nome de gato, chega-nos uma boa notícia. Até que enfim deixou de haver ali "partido único"! Ali só existia o "Partido do Povo", que, aliás, não era o do povo, mas o do governo. E acrescentam essas informações: "Sabemos que desde o ano passado, foi criado um grande Partido oposicionista, desaparecendo o sistema anteriormente dominante do "Partido único". Agora, cogita-se de prosseguir nessa evolução, surgindo duas teses de real importância à consideração do Congresso: independência do presidente da República com relação aos partidos políticos e a reorganização sob bases mais democráticas do Partido do Povo". Para terminar algumas notícias econômicas que talvez interessem a todos. Aqui vão elas: "A falta de aço nos Estados Unidos tem afetado seriamente a indústria automobilística, acarretando, inclusive, o desemprego para milhares de operários. A produção de setembro foi afetada por vários fechamentos de curta duração em algumas das fábricas, ocasionados por falta de matérias primas. Ao mesmo tempo em que se verifica a redução da produção, tem-se como certo o aumento dos preços, tendo declarado o presidente da General Motors Corp., Mr. C. E. Wilson, que "mesmo sem aumento de ordenados as alterações de ordem mecânica e o custo dos materiais aumentarão os preços dos carros de 1948. O custo da vida continua a subir e não vejo qualquer indicio de estacionamento ou redução". Alcança extraordinária intensidade nos Estados Unidos a campanha de poupança interna para que possam os suprimentos de cereais para a Europa aumentar até o necessário para as grandes requisições causadas pela devastação da guerra. O presidente Truman tomou pessoalmente várias providências, e agora se informa que 39 destilarias norte-americanas decidiram cerrar suas portas, a partir de ontem, durante 60 dias, a fim de economizar cereais. A referida decisão foi tomada mesmo contra um apelo do Sindicato dos Trabalhadores em Destilarias para um adiamento de dez dias, a fim de se tentar uma medida conciliatória que evitasse o desemprego. Desde o princípio deste ano, a França — que antes da guerra exportava mais de um milhão de toneladas de produtos siderúrgicos, vem reagindo aos poucos, nos mercados estrangeiros, enquanto diminuem suas importações nesse ramo. O movimento de exportações de 11.300 toneladas em janeiro passou a 18.300, enquanto as segundas, que chegaram a atingir 61.000 toneladas no mês de maio, baixaram no mês do ano para 48.000. O volume da extração de carvão aumentou gradativamente nas semanas que antecederam à que vai de 28 de setembro a 4 de outubro. Nas duas últimas, a diferença foi de 941.958 toneladas para 991.241, ou sejam perto de 60.000 toneladas. A importação no mesmo período se deteve em 454.642 toneladas. E, agora, até sábado vindouro.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam. Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no máximo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.º ORDEM AVIAÇÃO E R. CEITAS MEDICAS COM EXATIDAO

O PINCE-NEZ DE OURO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNS

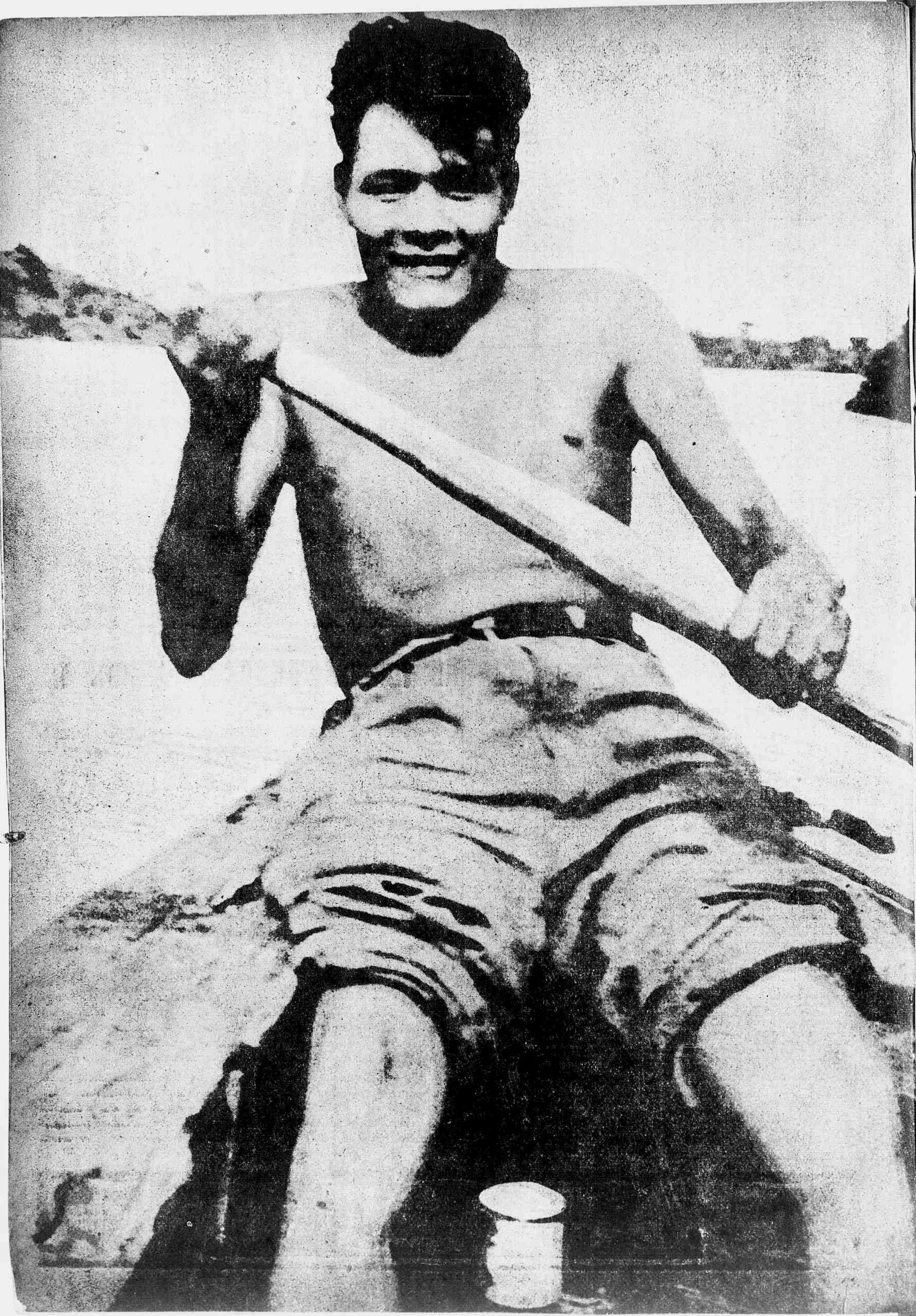
R. CARIOCA N.º 28

Loalheria

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES.

LUIS R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO





Na página ao lado: este índio páreets, que aparece na canoa, remando valentemente, sabe ler e escrever. E' um dos muitos indígenas que o general Rondon integrou na civilização. Em cima: o repórter-fotógrafo Raymond Maufrais, entre dois guerreiros indígenas das margens do rio Araguaia, acostumados ao contacto com os brancos, a posar para os cinematografistas e sempre prontos para receber presentes. As aventuras "heróicas" de alguns expedicionários entre os nossos índios às vezes não passam dessas "malocas" de mansos...

VARANDO O CORAÇÃO SELVAGEM DO OESTE BRASILEIRO

JORNADA SEM GLÓRIA NA ZONA DO ARAGUAIA — A BRAVURA DE UM CAMINHÃO VENCEDOR DE ATOLEIROS — ÍNDIOS, SIM, MAS SÓ CIVILIZADOS, ATÉ SABENDO LER E ESCREVER. — PEIXES DE TRINTA QUILOS CACADOS À BALA NO GRANDE RIO — SEPULTURAS ANÔNIMAS DOS HERÓIS DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS.

Reportagem e fotografias de RAYMOND MAUFRAIS
(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

O século vinte proporcionou à humanidade recursos fantásticos como a bomba atômica, a penicilina e também com o "swing" e os mais exóticos meios de diversão. Entretanto, verificamos que nesta altura da civilização, o progresso ainda se recusa categoricamente a oferecer um conveniente sistema de vias de penetração aos que desejam varar o interior do Brasil.

Nisso, sem dúvida, os amantes das aventuras encontram um campo de exploração sem limites. O Brasil que nos seduz não é o das avenidas do Rio e São Paulo ou de outras cidades e regiões privilegiadas deste país, mas o Brasil que a imaginação infantil conserva, povoado de maravilhas, de riquezas e florestas de grandes atrações. Nem todos pensam assim mas, com toda sinceridade, eu afir-

mo que o sertão tem seu encanto, sobretudo quando se o observa com um olhar otimista. Não obstante a boa vontade dos que têm por missão explorar seus recursos, a penetração do Oeste brasileiro é muito lenta e as viagens feitas neste sentido lembram de certa forma as narradas que foram narradas por nossos avós na época dos carros de bois.

O repórter, sempre à procura do novo e do desconhecido para comunicar aos seus leitores, quase não pôde descrever o seu contentamento quando soube de que, no fim da jornada, seus esforços seriam coroados com a promessa de um encontro com os índios cuja tribo é tida como a mais feroz do Brasil, — os Xavantes. Neste ponto, entretanto, a expedição foi um fracasso, embora não tenha sido de todo inútil a tentativa, pois



Para varar o interior de Goiás, através da floresta, dos alagadiços desertos, dos pantanais, é preciso um pouco de coragem, não por causa dos índios, mas dos mosquitos e da malária. Às vezes, é necessário a gente descer, desembainhar o facão e abrir passagem, onde o mato cresceu. Ou, então, porque é necessário cortar toras de madeira e colocar nos atoleiros, afim de que os caminhões possam prosseguir.



O repórter-fotógrafo encontra um estroco que, há dez anos, trabalha como garimpeiro, no interior de Goiás. Vida rude, em contacto com a natureza agreste, metido num boqueirão, procurando ouro. Quando é afortunado, vai à cidade vender o produto do seu trabalho e gasta o que apurou em algumas semanas de ócio e prazeres...

como afirmou o Inspetor Francisco Melrelles, do S. P. I., através dela nos foi possível obter uma verdadeira imagem de grande parte do Brasil, com o conhecimento do interior aos Estados de Goiás e Mato Grosso.

O CAMINHO DO SÉTIMO CÉU

Há muitos anos capital em gestação, parecendo que nesta situação permanecerá ainda por alguns decênios, pois quando há dinheiro não há material e quando este aparece não há vias de transporte para conduzi-lo para tão longe. — Goiânia não deixa em nossa memória senão a lembrança de um traçado perfeito de soberbas avenidas, de quarteirões e de passeios ainda em esboço. O caminhão do Serviço de Protecção aos Índios deixa a pequena cidade sem dificuldades e avança pela estrada que deve teoricamente levar a expedição à cidade de Goiás. Viajamos sobre uma pista, — eis o termo apropriado, — pois, após alguns quilômetros de asfalto, antes mesmo de atingir o bairro Campina, a avenida passa por sobre uma elevação de centenas de metros que bordejia as margens de uma corrente de águas negras e sujas.

O caminhão, embora de excelente fabricação, ringe e ronca, desliza, resvala, e patina, deixando os pobres passageiros ante a iminência de serem despejados na lama. O leitor já se encontrou alguma vez num lugar êrmo, à noite, num caminhão atolado numa estrada e sem recursos para resolver a situação. Pois esta era a nossa, agravada ainda por nos encontrarmos bem longe de qualquer centro civilizado. Depois dos esforços despendidos pelos choferes e os passageiros, começamos a andar passando de quando em vez por fazendolas miseráveis e abandonadas, que imprimissem uma nota humana a êste deserto.

De distância em distância encontramos uma das viaturas típicas do sertão, que datam dos tempos do Brasil Colônia, o carro de bois puxado por uma, duas, três ou mais juntas. Aqui e ali encontramos um sertanejo, com chapéu de couro, montado a cavalo, andando pela estrada, sob um sol inclemente, levantando poeira que cega aqueles que se atrevem a andar nos passos do gnieto.

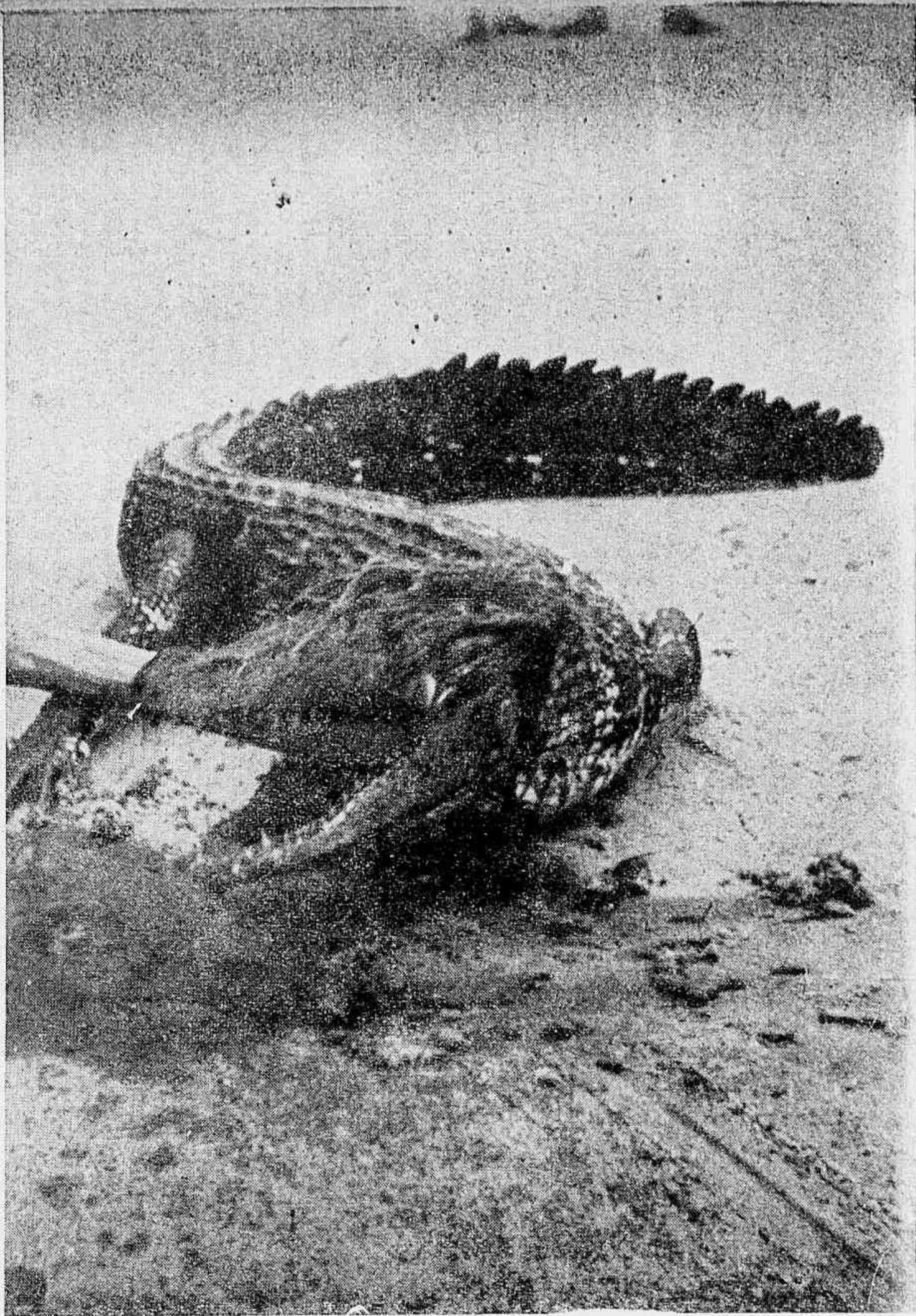
Após um dia ensolarado, cá a noite, e também a chuva trazendo consigo um calor típico das regiões tropicais. O caminhão continua sua marcha e, finalmente, divisamos as primeiras luzes de Goiás, a antiga capital do Estado. Ensoçados de suor e sujos de poeira, o nosso primeiro pensamento é tomar um banho, entretanto o hotel, — êste era o nome que se dava ao casebre que nos abrigava, — não dispunha dêste recurso essencial da civilização. As ruas de Goiás, estreitas e tortuosas, são calçadas com grandes lajes, que até hoje não foram desgastadas pelos pneus de automóvel. As ruínas de uma antiga catedral se erguem ao lado de uma praça minúscula e bem ajardinada. Casais passeiam alegremente, rapazes troteiam e esporeiam os cavalos para mostrar as suas boas qualidades de cavaleiro. As moças, de tez morena, dirigem olhares para os jovens bronzeos e musculosos. Embora com seu conhecimento rústico e suas ruas estreitas e mal iluminadas, Goiás é, ao contrário de muitas outras do Brasil, uma cidade que o visitante ama logo ao primeiro contacto.

O chofer que nos conduzia advertiu-nos de que a jornada no dia seguinte seria pior do que a que havíamos atravessado. Na realidade, tal ocorreu. Numa estrada de leito muito estreito que sem dúvida não chegava a dois metros, e coberta de lama, resultante da chuva que caía à noite, o caminhão começou a andar. Devido a situação da estrada,

Em baixo: o Inspetor do Serviço de Protecção aos Índios, Francisco Melrelles, com sua esposa e sua filha, às margens do Araguaia. Na página à direita: uma cena típica da vida do oeste brasileiro: uma barbearia ao ar livre, na qual um barbeiro rural faz a barba de um dos membros da expedição.







A esquerda: Casas de taipa, ou sopapo, cobertas de sapé ou de folhas de palmeiras, eis o gênero de habitação comum no oeste do Brasil. O caboclo nada mais deseja. — e ali ainda não chegaram o rádio, a luz elétrica, a geladeira e outras expressões do conforto e da civilização moderna; à direita: o jacaré, uma das riquezas da região, não só fornece carne saborosa, tão saborosa quanto o peixe, como ainda couro resistente, que curtido, serve para cintos, bolsas e sapatos femininos.

podemos dizer que a cada cem metros éramos obrigados a descarregá-lo, e empurrá-lo, arrancando-o dos enormes atoleiros. Ao lado disso, de vez em quando encontrávamos no meio da estrada uma árvore caída, que éramos obrigados a afastar do caminho, para que o carro pudesse continuar sua marcha. Depois

de um dia de trabalho, sem nenhum avanço digno de menção, a noite nos apanhou em plena floresta, num local onde não se via sinal algum de qualquer habitação. Viajando na carroserie, entre dois caixões, a cada solavanco do carro batíamos com a cabeça de encontro à carga. Não, podendo mais suportar esta situação, passamos a viajar em

cima da carga, na suposição de que seria melhor.

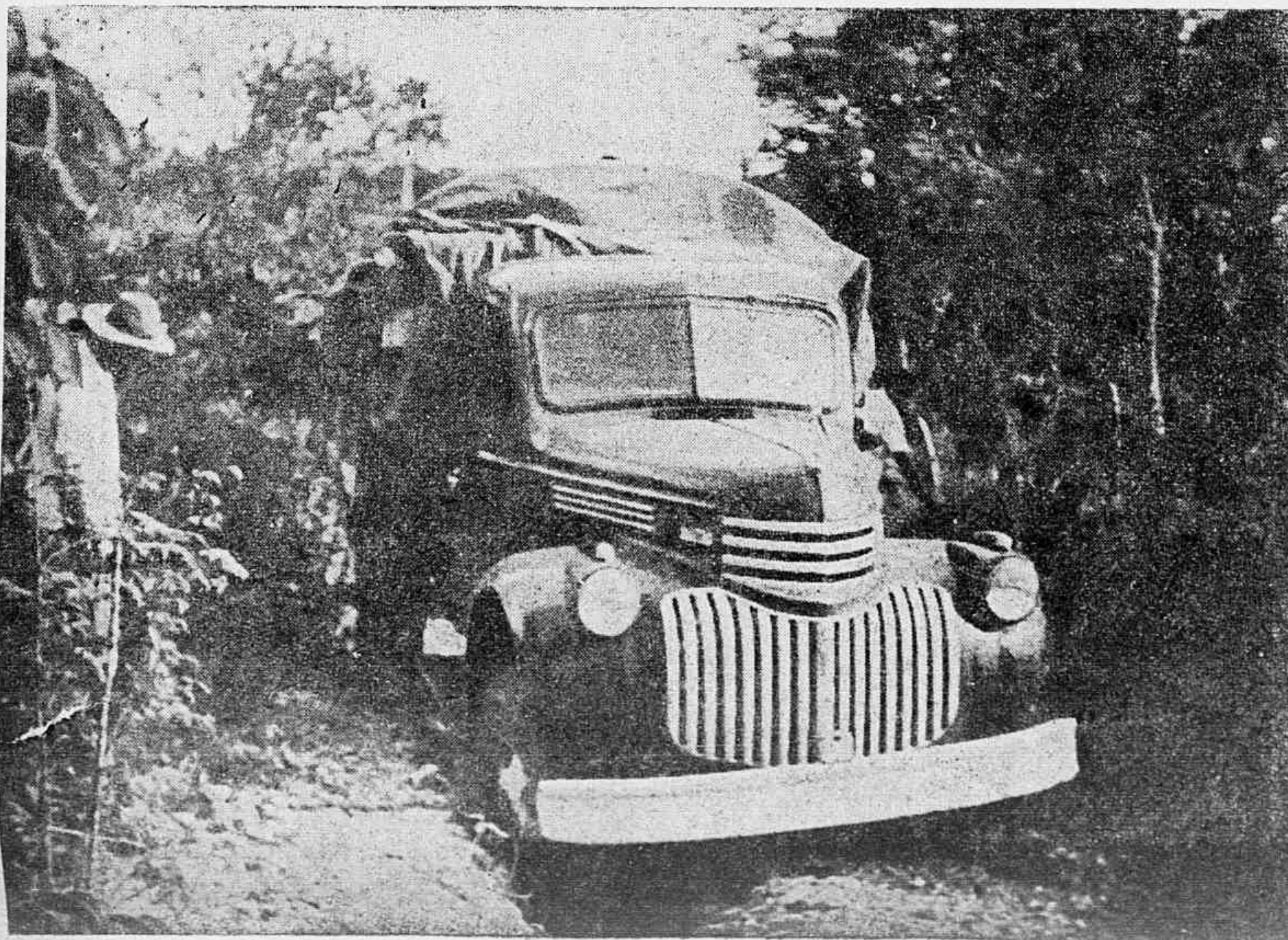
Aos primeiros raios da aurora, após ter retirado o caminhão do atoleiro, com a ajuda de alavancas e troncos, começamos a jornada. A floresta tornava-se cada vez mais densa e os galhos das

árvores encobriam a estrada, e nós sobre a carga éramos obrigados a esconder a cabeça entre os joelhos para que os cipós e os gravetos não nos atingissem o rosto.

Depois de andarmos alguns quilômetros, um alagadiço nos obrigou a descarregar o caminhão. De novo fomos obrigados a interromper a viagem. O esforço conjugado do chofer e dos demais passageiros não bastou para tirar o caminhão do atoleiro. Tivemos que atrelar ao veículo uma junta de bois para que não passassemos o resto do dia sob o calor infernal dos dias tropicais. Felizmente estávamos a poucos quilômetros de Leopoldina e, à tarde, após um percurso de 375 quilômetros atingimos esta cidade, que é um lugarejo perdido na floresta, sujo e pobre, com corrente caudalosa e barrenta do rio Araguaia, durante as cheias formando charcos e poças d'água estagnadas, onde os mosquitos pululam e transmitem a febre a todos que ali pernolitam.

Em tudo isso não devemos esquecer o espírito, podemos dizer, quase oriental do nosso chofer, que, à noite, quando, cansados, nos preparávamos para dormir, nos disse:

— Tivemos sorte. Fizemos ótima via-



O caminhão heróico das nossas aventuras até às margens do Araguaia, onde o trocamos por uma canoa, por sua vez trocada por burros e cavalos na margem oposta. Não vimos Xavantes. Só vimos caraças e parecis civilizados, — e uma região que faria a felicidade de milhões de pessoas que, no continente congestionado da Europa, estimariam encontrar terras virgens e férteis para o amanhã. Golás, ainda semi-primitivo e quase inabitado, é todo um mundo novo, de vastos recursos e de possibilidades extraordinárias, quando ali chegar um ímpeto gigantesco de civilização.



O rio Araguaia é extraordinariamente piscoso. Há peixes tão grandes nas suas margens que se pode, não apenas pescá-los, mas caçá-los com armas de fogo. Este enorme peixe, na fotografia à esquerda, com trinta quilos de peso, foi abatido com um tiro de Winchester. A direita: a tumba esquecida dos que perderam a vida desbravando aqueles ermos: Joaquim C. Mendes, Fredolino Torres, Domingos Carvalho, Oscar Grecoviak, — mortos em novembro de 1941, em uma "entrada" além do Araguaia, numa tentativa vã para estabelecer comércio pacífico com os ferozes Xavantes.

gem... A volta é que vai ser dura de roer. Na última vez, o inverno nos obrigou a passar dois meses aqui, neste mesmo lugar...

340 QUILOMETROS EM 3 DIAS

O interior do Brasil, ainda hoje desprovido de estradas, obriga o viajante a recorrer a qualquer meio de transporte. Ao alcançarmos o rio Araguaia, começou outra fase de nossa aventura. Embarcamos numa canoa dessas utilizadas pelos sertanejos nas suas viagens, muito carregada e que, ao menor movimento ameaçava constantemente nos jogar nas águas sujas e amarelas do rio. A carga, composta de sacos, selas e caixas de munição, e os cinco passageiros que viajavam a bordo, faziam com que o índio carajá ao leme da embarcação pingasse de suor devido ao esforço dispendido para fazer a canoa deslocar. Uma nuvem cobrindo o céu logo se transformou em chuva e as rajadas de vento que soprava das margens do rio regelavam os passageiros. Tudo fizemos para proteger o material que trazíamos, afim de evitar que a chuva e o vento o danificassem. De repente desponta o sol e o calor sufocante começou a inquietar os que há pouco estavam tiritando de frio.

Genésio Pimentel Barbosa, engenheiro civil, funcionário de categoria do Serviço de Proteção aos Índios, amigo e companheiro do general Rondon, aqui ficou sepultado, depois de ter sido abatido a borduna pelos terríveis índios Xavantes, em sua tentativa de contacto de 6 de novembro de 1941. Pimentel Barbosa e seus companheiros, massacrados pelos Xavantes, foram verdadeiros heróis do S. P. I., porque, fiéis ao código de honra do Serviço, jamais usaram de violência, embora pudessem vítimas dela.

Completamente encharcados e enlameados desembarcamos numa encosta escorregadia. Uma junta de bois, atrelada a um carro nos conduziu à fazendola de onde devíamos iniciar nova jornada. Dois homens saíram à procura dos cavalos, que viviam soltos numa ilha fluvial situada a três quilômetros. Neste

interim todos nós nos apressamos em por em ordem a bagagem para a partida. Fomos avisados de que devíamos levar apenas o indispensável, não esquecendo, porém, de uma boa dose de atebriina, para nos proteger contra a malária. A nossa empáfia de civilizados desapareceu quando verificamos que tínhamos mul-

to que aprender com os homens que vivem no sertão. A primeira coisa que o neófito tem a fazer é disciplinar a impaciência, pois o sertanejo não tem pressa. Quando nos avisam de que partiremos em tal dia, devemos sempre estar

(Cont. na pág. 55)



A VIDA DE EPICURO

(342 A. C. — 270 A. C.)

Por HENRY THOMAS E DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

N^o primeiro livro de Gargantua conta-nos Rabelais uma história fantástica a respeito da Abadia de Thélème. Essa fictícia abadia é o lar da ordem religiosa Fais Ce Que Vouldras (faze o que quizeres). A única regra que deve ser observada nesta abadia e não observar regra nenhuma. Não há-de aí haver relógios para lembrar a ninguém o tempo das orações ou tarefas. Em vez de fazerem os três votos, castidade, pobreza e obediência, poderão os monges e monjas desse convento, casar, ganhar dinheiro e viver em liberdade. As portas dessa abadia não-de ser fechadas contra "intolerantes, hipócritas, promotores, magistrados, mercadores, banqueiros, bêbedos, mentirosos, covardes, trapaceiros e ladrões". De outro lado, há-de ser esse sítio o lar congénial de "todos os nobres espíritos em busca de alegres travessuras", homens que amam o prazer e mulheres capazes de agradar — alegres, espirituosas, prazenteiras, elegantes, joviais, formosas, cortesias, dignas, delicadas, galhofeiras, ladinas, deliciosas, encantadoras, engenhosas, bonitas, magnéticas, jovens, maduras, queridas, preciosas, galantes, finas, graciosas, completas, astutas, bem-feitas e maravilhosas senhoras.

Tais são os membros que devem formar a irmandade masculina e feminina dessa ordem religiosa de "piadosa negligência". A sua única tarefa consiste em não dar atenção à vida incerta de amanhã e concentrá-la na vida certa de hoje.

Esta abadia rabelaisiana de Thélème é uma caricatura do Jardim de Epicuro, famoso mosteiro do prazer fundado pelo mais triste dos filósofos atenienses. O Jardim de Epicuro, como a abadia de Thélème, era um retiro religioso. Não era, contudo, viveiro de devassidões. Pelo contrário, era sítio de calma meditação. A palavra epicurista é um dos termos de que mais se tem abusado em quase todos os idiomas. Um epicurista é hoje um adepto da concupiscência egoísta, um homem que satisfaz os apetites de seu ventre. Anda longe de ser um discípulo de Epicuro, o profeta que fundou uma religião baseada nos prazeres do espírito. É uma das pilhérias do destino, que o símbolo da glotonaria esteja associado ao nome do mais famoso asceta do mundo antigo. Epicuro foi o menos epicurista de todos os epicuristas.

Vejamos, todavia, o homem.

II

Nasceu na ilha de Samos (342 a. C.) durante a agitação macedônica contra a liberdade da Grécia. Seu pai, mestre-escola ateniense, implantou-lhe no coração o desprezo da tirania. Exercia, sua mãe, a medicina charlatanesca da alma, vendedora astuta de orações, que se oferecia para curar moléstias por meio de mágicos feitiços e encantamentos. Quando criança, era obrigado a acompanhar a mãe de casa em casa, ajudando-a a dispensar as suas piedosas fraudes. Dessa maneira, adquiriu ele um sadio desprezo pela superstição.

Demonstrou interesse precoce pelo estudo da filosofia. Um dia, quando tinha cerca de doze anos de idade, o seu professor tentou lhe explicar a criação do mundo. "Tudo", dizia o mestre, "provém do Caos."

"Sim", replicou Epicuro, "mas de onde proveio o 'caos'?"

"Não sei", tornou o mestre. "Ninguém sabe".

Dêsse momento em diante, deliberou Epicuro fazer sua tarefa de sabê-lo. Consagraria sua vida à indagação da origem do caos que, por seu turno, era a origem do mundo.

Aos dezoito anos foi para Atenas. Era um período de turbulência. O governador de Atenas, indicado por Alexandre, era o típico ditador do mundo antigo (ou do mundo moderno, também). Em seu esforço por abater o espírito democrático em todos os Estados gregos, baralhou a população dos territórios conquistados, expulsando os indígenas "rebeldes" e substituindo-os por colonizadores macedônios. Entre os refugiados que assim se viram despejados de seus lares estavam os pais de Epicuro, obrigados a fugir para a Ásia Menor, onde Epicuro, foi encontrá-los, depois de breve estadia em Atenas. Tentou o filósofo esquecer o pesadelo da vida no sonho da filosofia. Além de sua velha indagação da origem do caos, havia nele, agora, um novo impulso, um desejo de encontrar uma maneira de sair do caos.

Jamais a encontrou, fôsse nas distrações da política, fôsse nas abstrações da teologia. Encontrou, contudo, alguns princípios físicos e metafísicos que lhe permitiram construir para si um oásis de paz entre as areias turbilhonantes da existência. Enriquecido com essa descoberta, regressou a Atenas, comprou num dos subúrbios uma casa com jardim e instalou uma academia ao ar livre para o ensino da filosofia.

Co-educativa, estava a academia aberta a todas as classes, inclusive à dos escravos e prostitutas. Porque como explicava Epicuro, não há distinção de classes no reino do saber. Viviam juntos, o mestre e os discípulos em sua ademia em termos de igual sociabilidade e mútua consideração. Como era de esperar, muitas murmurações se altearam em Atenas tocante à "devassidão sensual" e às "orgias de amor livre" no Jardim de Epicuro. Careciam, contudo, de fundamento essas murmurações. Longe de ser grosseiramente sensual, a vida dos acadêmicos era simples a ponto de chegar à abstinência. Pão de cevada e água, com um meio quartilho de vinho de quando em vez, constituíam a sua razão cotidiana. O queio era luxo reservado apenas aos feriados excepcionais. "Mande-me algum queijo preservado", escreveu Epicuro a um amigo, "para que possa a nossa comunidade dar-se o luxo de uma festa". A comida succulenta era tabu para a academia, pois tal comida não resulta prazer mas em sofrimento — o sofrimento da indigestão. "Fascina-me o meu pão com água", escreveu o mestre, "e cuspo sobre as murmuras — não por causa delas mas por causa das inconveniências que as acompanham."

Pão, água e o vinho da filosofia — nisso consistia, para Epicuro, a substância da vida feliz. Mas que filosofia era essa que permitia a Epicuro e a seus discípulos encontrar a alegria no meio de tanto descontentamento? Era a filosofia de paixão, imperturbabilidade, tranquilidade de um espírito sadio. Desenvolveu Epicuro essa filosofia numa série de trezentos livros — os filósofos gregos não somente tinham muito que dizer, como o diziam longamente. Todos esses livros de Epicuro foram perdidos. Temos, felizmente, um claro bosquejo de sua filosofia no poema épico de Lucrécio, De Rerum Natura (Da natureza das coisas). Era Lucrécio um filósofo epicurista que viveu em Roma cerca de duzentos e cinquenta anos depois de Epicuro. O seu poema sobre a natureza das coisas é uma das mais estranhas composições na história da literatura, pois, apologia da lógica fria, foi escrita, no entanto, com paixão incandescente. É a obra de um descrente que nega a humanidade de Deus mas que sustenta a divindade do homem. Tem sido denominada uma das grandes bíblias do mundo — a Bíblia dos incrédulos.

Uma rápida vista de olhos por esse poema épico de profana contextura far-nos-á entrar no simples mas fascinante Palácio do Prazer, conhecido como a filosofia de Epicuro.

III

O propósito do viver, de acôrdo com Epicuro, é gozar a vida. Mas, para que possamos gozá-la, devemos compreendê-la. Precisamos familiarizar-nos com o mundo que habitamos, precisamos descobrir quem somos e por que somos o que somos.

Antes de tudo, compreendamos distintamente o que somos. Não somos — afirma Epicuro — os filhos de um Deus beneficente, mas os enteados de uma Natureza indiferente. Não é a vida o plano esboçado por um divino artefice. É um acidente, apenas, num universo mecânico. Podemos, todavia, se quisermos, transformá-lo num acidente, se não feliz, pelo menos interessante.

E como podemos fazê-lo? Arrancando de nossas cabeças os grandes terrores que rodeiam a humanidade; o medo dos deuses e o medo da morte.

Nada temos que temer dos deuses — continuou Epicuro — porque não somos os seus escravos. Eles não têm jurisdição sobre nós, porquanto não nos criaram. Na realidade, não criaram coisa alguma. Não é o universo obra de Deus mas o resultado fortuito do movimento dos átomos através do espaço infinito.

E isso leva-nos à teoria atômica de Epicuro — precursora da atual interpretação mecanicista do universo.

Para a construção de seu sistema atômico, Epicuro apropriou-se em parte, da filosofia de Demócrito, um desses antigos filósofos gregos a quem o descobrimento de uma verdade científica era mais importante que a subjugação de um império.

Epicuro encontra uma resposta à sua velha pergunta sobre o Caos, nessa hipótese de uma infinidade atômica de material construtivo — tijolos infinitesimais — de que se fazem os universos. Porque ela fazia mais do que lhe explicar a origem do Caos — removia-o totalmente. Não pode existir nada semelhante ao Caos, ou ao nada asseverava Epicuro. E apresentava três razões para tal asserção:

1. O mundo não poderia ter vindo do Caos, porque nada pode ser criado do nada.
2. O mundo não pode dissolver-se no Caos, porque coisa alguma pode aniquilar-se.
3. Logo, a soma total de matéria — a coleção de tijolos de que são construídos os universos — permaneça sempre a mesma. Ela não pode ser acrescentada com nada que proceda do nada, e não pode ser diminuída pela transformação de alguma coisa em nada.

O mundo, portanto, consiste numa infinidade eterna de coisas existentes — isto é, átomos materiais. (O grego, átomos, significa partícula de matéria que não pode ser cortada nem dividida em partículas menores. Um átomo, na filosofia de Epicuro, como também na física moderna, é o menor componente possível de um corpo material). Os átomos que compõem a estrutura do mundo, disse Epicuro, não nascem, não morrem e são imutáveis. São dotados de movimento eterno e descendente, através do espaço infinito. De vez em quando, porém, desviam-se de seu movimento descendente como partículas de pó, num raio de sol ou como gotas de chuva que turbilhonam juntas em remoinhos a uma rajada de vento. Ao turbilhonarem assim, colidem e conjugam-se an substância das estrelas, das terras, das luas, dos sóis e dos universos.

Têm esses átomos porém, pesos, formas e tamanhos diferentes. E essas diferenças são a razão da existência da infinita variedade de coisas que participam da formação do mundo.

Mas o nosso mundo, continua Epicuro, não é o único que existe. Outros, há, igualmente vastos e igualmente maravilhosos. Eles, também, têm as suas terras com suas montanhas e oceanos, com suas raças de homens e gerações de animais ferozes. Não somos nós a única pedrinha na praia do mar infinito; porque os átomos entram nas mesmas espécies de combinações, sob as mesmas espécies de condições continuamente, ao turbilhonarem eterna e descendentemente através das naveas infinitas do espaço.

E todo esse movimento turbilhonário é espontâneo. Não há mão que o guie. Porque os mesmos deuses são criaturas mecânicas do fluxo atômico, feitos de uma espécie de átomos, melhor e mais sutil que a dos que entram na composição dos homens. Habitam os seus vastos ceus, que são os espaços sem nuvens entre os universos. Gozam aí de abençoada imortalidade, a qual, nem por sombra se preocupa com as alegrias, tristezas e lutas da humanidade.

Não tiveram os deuses interferência alguma em nossa criação e são completamente indiferentes ao nosso destino. A vida do homem, acredita Epicuro, é uma farsa demasiado louca para se ter originado no espírito de um dramaturgo sábio. Nenhum Deus racional ordenaria que se construísse um templo em sua honra para arrasá-lo, depois, com os seus próprios raios. Nenhuma Providência misericordiosa faria com que um menino resistisse a uma doença perigosa apenas para mandá-lo, depois, a uma morte pior no campo de batalha.

Os deuses, portanto, fruem a sua felicidade imortal em seu Paraíso inter-espacial, precisamente por estarem afastados dos cuidados, obrigações e sofrimentos da humanidade. "Aquele que é abençoado e imortal... é igualmente isento de benevolência ou enfados, de compaixão ou ira... Imperturbáveis, vivem infinitamente apartados das inquietações dos homens."

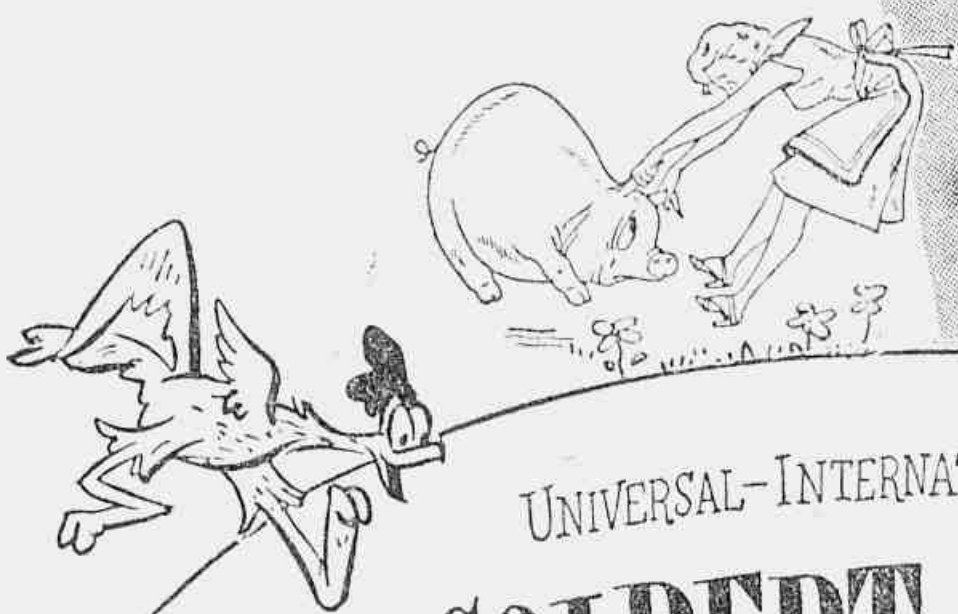
Mas se os deuses não se preocupam com os homens, por que não-de os homens preocupar-se com os deuses? Porque, responde Epicuro, se procurarem os homens tornar-se mais divinos lograrão tornar-se mais humanos. Adorando os deuses — e o próprio Epicuro era sempre escrupuloso em seu culto religioso — tornamo-nos mais semelhantes a eles, mais requintados, mais indiferentes aos golpes do destino e às vicissitudes da vida. Não consiste, portanto, a verdadeira religião no sacrifício, na superstição ou no medo. Consiste, antes, numa piedosa imitação

(Cont. na pág. 56)



EPICURO

O
FILME
MAIS
SENSACIONAL
DE
TODOS
OS
TEMPOS



UNIVERSAL-INTERNATIONAL apresenta

Claudette COLBERT • Fred MacMURRAY

"O OVO e EU"

("The EGG and I")

com MARJORIE MAIN

LOUISE ALLBRITTON PERCY KILBRIDE
BILLY HOUSE RICHARD LONG



Baseado na famosa novela
"O OVO E EU"
de Betty Mac Donald

Adaptação e produção de
CHESTER ERSKINE E
FRED F. FINKLEHOFF

Direção de
CHESTER ERSKINE



Um que aprendeu

TODO o mundo sabia que o Quenzo, por qualquer coisa, ficava logo vermelho e calado que nem pimentão maduro.

Timidez?

Não, o Quenzo não era propriamente tímido. O que lhe faltava era entender a vida do mesmo modo pela qual outros a entendem. Para a maioria, ela é uma necessidade animal de movimento, movimento, movimento — de pernas, de língua, de sentimentos ou de raciocínio. Para ele, a verdadeira vida era vegetal.

Não tinha jeito para conversar nem para agir. Não sentia, mesmo, necessidade disso. Seu ideal era ser árvore, uma dessas árvores renas que vão pondo os galhos tão silenciosamente quanto as raízes, e que acabam por ser, nas paisagens solitárias, um jeito inescusável de segurança e de recolhimento.

Porisso, ficava a contemplá-las horas perdidas, até sentir dentro de si, como dentro delas, a intensa vida interior da seiva a escorrer gostosamente. Principiava, então, a entendê-las. Não pensava, não raciocinava: sentia, apenas, profundamente, o que estava acontecendo com elas, apreendia o segredo oculto de comunidade que as ligava uma às outras, e até conversava sem precisar falar, tendo a convicção de que elas também o entendiam porque respondiam tudo o que lhes perguntava.

A única diferença entre as árvores e o Quenzo era, talvez, que ele escutava e também entendia as vozes humanas. E estas nunca dizem coisas agradáveis. Dele, diziam que era um bobão, um gira, chegando a chama-lo, mesmo em sua presença, de Quenzo-pasmado. A única desvantagem entre o Quenzo e as árvores era que ele escutava e também entendia as vozes humanas. Escutava-as... Escutava-as... Escutou-as e um dia resolveu ir parar no "Bar Roxy". Queria saber se era mesmo pasmado ou não.

Muito vermelho e calado entrou no "Roxy" e pegou para dançar a primeira mulher que encontrou. Calhou ser uma gringa voluntariosa, que o acompanhou até o meio da sala com má vontade. Tocavam uma música doentia como o coração do Quenzo. Luzes, barulhos, a gringa voluntariosa...

Quem foi que disse que árvore dançava? A mulher desaperçou o abraço de cipó que o Quenzo lhe estava dando e largou-o no meio

da sala, muito mais calado e muito mais vermelho do que pimentão maduro:

— Déjame! No sabes bailar el tango...

Daí por diante, foi ficando cada vez mais difícil a vida do Quenzo em Buriti-Assú. Quem o encontrasse pela rua sempre macambúzio e arredio, não deixava de judiar:

— Então, Quenzo, já aprendeste o tango?

Na aparência, o Quenzo continuava o mesmo Quenzo, pasmado como as árvores cuja companhia abandonara por completo. Mas por dentro, que transformação! Todos os seus momentos, agora, eram poucos para refletir sobre o modo pelo qual poderia aprender o tango sem que os outros percebessem. Só encontrou um: reunir todo o dinheiro que tinha ou que pudesse arranjar, e comprar um bilhete de loteria.

Foi um momento de grande triunfo para ele quando, na estação, Buriti-Assú em péso foi dizer-lhe adeus. Com 190 contos no bolso e grandes esperanças no coração, o Quenzo se despediu encabuladamente de todos. Mas ninguém — graças a Deus! — desconfiou que ele ia é para a Argentina aprender o tango.

Caiu o tempo, com o seu véu transformista, sobre a recordação do Quenzo ex-pasmado. O seu vulto já era até evocado como uma espécie de glória para toda a zona, por ter tirado a gorda na loteria, quando, um dia, surgiu ele novamente em Buriti-Assú. Vinha magro, de olhos encovados, mas com um obstinado meio-sorriso de alegria secreta.

— Por onde andou, sr. Quenzo? O que vai fazer agora? Não quer comprar umas terras?

Ofereciam-lhe negócios. Faziam-lhe mil perguntas. O Quenzo grunhia respostas vagas, com os olhos ansiosos disfarçadamente postos no sol, que se espreguiçava demais antes de ir deitar-se por detrás do morro grande.

Que pena que aquela gringa ainda não estivesse trabalhando no "Roxy"! Assim que o bar abriu, o Quenzo teve de dançar o tango com uma outra mulher, decepcionante porque não era nem voluntariosa nem falava castelhano.

O tango não preocupou grandemente os conterrâneos do Quenzo, reunidos no "Roxy"

com todos os sintomas de um festejo municipal. Os 190 contos já haviam riscado de suas memórias o antigo caso. No momento, estavam preocupados em fazer uma grossa farra à custa do ricaço:

— Quenzo, posso mandar abrir um gin?

O Quenzo escutava tudo aquilo com certa beatitude. Parecia ter dentro de si uma chama que o absorvia.

— Mando vir um vermute, dr. Quenzo?

O Quenzo não respondia nada, o Quenzo não conversava. Dançou muitos tangos, todos os tangos, alguns como par único, e no fim a assistência aplaudia sempre. E quando chegou a hora de fechar o bar, todas as contas foram parar na sua mesa. Ele nem se incomodou com elas e saiu do "Roxy" com o mesmo ar iluminado, que alguns já começavam a achar parecido com o pasmado de antigamente.

O que aconteceu, aí, nem é bom contar! Quase que mataram o Quenzo...

Mas isso já são coisas do passado. Hoje, quem for a Buriti-Assú pela primeira vez, e tiver tempo para alguma prosa fiada na farmácia ou no barbeiro, escutará o "causo" mais célebre do lugarejo:

—Sabe? Aqui tem um rapaz que tirou 200 contos na loteria e em poucos meses torrou

★

Conto de **Miroel da Silveira**

Ilustração de **Armando Pacheco**



O tango

tudo na Argentina. Aquilo nem foi torrar. Com certeza limpavam o otário...

Mas o Quenzo, se estiver perto (pois com ele ninguém mais faz cerimônia), objetará num castelhano incrível, como quem justifica tudo, tudo:

— ¡Ducientes cuentos? Y que importa isso? No vés que ya aprendi a bailar el tango?

E abotoando as roupas maltrapilhas, ali na hora, direitinho, com o ar mais feliz d'êste mundo mostrará para quem quiser ver uns quatro ou cinco passos de tango — já absolutamente fora da moda.



A política teve sempre o triste fado da corrupção. Mesmo os mais puros sentimentos da alma humana ela consegue putrefazer para depois os devorar como os corvos fazem com as carniças.

Em 88, com a lei de 13 de maio, houve na alma do negro brasileiro um transbordamento de gratidão pela princesa Isabel. Pois esse sentimento, que devia ser cultivado nobremente para a floração de efeitos nobres, a política, com artes do diabo, conseguiu perverter, conduzindo-o ao serviço de suas conveniências. Dias depois da lei redentora, o próprio gabinete João Alfredo, que fizera a abolição, corrompia a gratidão dos ex-escravos e os transformava em instrumentos de compressão governamental.

O autor da transformação foi Coelho Bastos, chefe de Polícia do gabinete abolicionista.

A realza, com o 13 de maio, perdeu a coluna mestra que a amparava — a lavoura. O elemento fazendeiro, o mais rico, o mais autocrático e o mais poderoso dos sustentáculos da corôa, irritou-se contra a instituição que tão rudemente a ferira nos alicerces de sua economia. Os reupblicos aproveitavam-se da lenha de irritação, acenderam mais alto os fogos da propaganda.

A princesa Isabel, com as mãos santificadas pela assinatura da lei redentora, estava no coração do país. Parecia inevitável sua ascensão ao trono quando Pedro II fechasse os olhos, pois, além dos direitos de sucessão, havia os direitos da gratidão popular. Era preciso a todo o transe, abater-lhe o prestígio. E sobre ele que os propagandistas da república, em certo momento, concentraram os seus fogos. E foi tanta e tanta a veemência dos ataques que o governo sentiu necessidade de os sufocar. O governo, porém, não queria tomar a responsabilidade da violência. Foi aí que o chefe de polícia Coelho Bastos teve a lembrança diabólica de transformar em espantinho a gratidão dos negros libertos.

Vale a pena destacar os pontos capitais do plano de Coelho Bastos. O que se queria era meter medo aos republicanos para que eles calassem a boca. Formou-se então um agrupamento de negros varonis e valentes que seriam para os republicanos o que os lobishomens são para as crianças ingênuas. Nada de matar. Apenas bofetões, tundas de pau e uma ou outra navalhada. Nada de arma de fogo que, com armas de fogo, o desenlace é sempre trágico.

E criou-se a Guarda Negra. Era a milícia do cacete e da navalha.

Naquele mesmo ano de 88, a Guarda Negra se tornou o espantinho da cidade. Não houve ajuntamento de povo que não degenerasse em distúrbios. Procissões, festas de largo de igreja, reuniões de classe, inaugurações festivas, comícios políticos, acabavam sempre em pancadaria. Com as costas quentes pela proteção governamental, os negros julgavam-se com o direito de malhar o pelo do próximo todas as vezes que entendiam.

Os jornais da oposição bradavam. Patrocínio, pela Cidade do Rio exaltava a milícia turbulenta: "A Guarda Negra não é um bando de assalariados, mas uma falange de corações agradecidos".

Estava enganado o maior jornalista da abolição. A Guarda Negra era realmente um bando de assalariados, uma súa de capoeiras ao serviço do governo. Havia sido criada de propósito para provocar barulho nos comícios republicanos.

E os barulhos, muitas vezes, não se restringiam aos tabefes, às cacetadas e aos lanhos de navalha; tomavam feição dramática com o estampido das armas de fogo.

Um dos encontros mais sérios entre a gente republicana e a milícia do cacete e da navalha foi nos últimos dias de dezembro de 88.

Silva Jardim havia anunciado uma conferência de propaganda republicana num sobrado da travessa da Barreira, que hoje tem o seu nome ilustre. Na véspera, os jornais contrários à monarquia noticiaram que a polícia se estava preparando para perturbar a reunião com o concurso da Guarda Negra.

O lugar que Silva Jardim escolhera para falar aos seus correligionários era mau. A travessa da Barreira é uma das vias públicas de menores possibilidades de defesa num caso de ataque. Basta que os agressores se coloquem nas suas duas extremidades — uma na atual praça Tiradentes e outra na antiga rua Espírito Santo (presentemente Pedro I), para que os agredidos fiquem na posição de encurralados, sem nenhum recurso de fuga.

A GUARDA NEGRA

A MILICIA DO CACETE E DA NAVALHA

Por VIRIATO CORRÊA

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

Silva Jardim vivia na antipatia total dos negros. Propalava-se entre eles que a república faria voltar a escravidão e que o grande tribuno republicano era pago pelos fazendeiros para demolir o prestígio da princesa Isabel.

Mal os discursos começaram no sobrado em que se reuniam os republicanos, a Guarda Negra invadiu a travessa, guardando-lhe os dois pontos extremos. Era uma multidão enorme, com vivas, com brados de ameaça, tentando invadir a casa em que se concentravam os propagandistas.

Lá dentro, no sobrado, ao lado de Silva Jardim, estava Lopes Trovão, Barata Ribeiro, Sebastião Fajardo, Sebastião Barroso, Medeiros e Albuquerque, toda a fina flor da propaganda. E todos munidos de seus revólveres.

Encurralados numa casa, cujas portas não possuíam condições de resistência, não tinham eles outro remédio senão o recurso extremo da arma de fogo. Ou matavam ou seriam miseravelmente massacrados a páu, entre aquelas paredes. E foi a tiros que resistiram ao assalto. Fecharam as portas e as janelas e, entreabrindo as venezianas, disparavam os revólveres para a malta que rugia em baixo, aterroradamente. Morreu muita gente da corporação agressora. A polícia viu-se forçada a terminar a comédia daquele dia dispersando a Guarda Negra e garantindo a vida dos propagandistas.

A princesa Isabel, em uma retrato tirado no exílio. A Guarda Negra não conseguiu levá-la ao trono.



No ano seguinte, no dia 14 de julho houve outro parulho memorável.

O partido republicano aproveitava as datas de significação liberal para realizar as suas festas de propaganda. Naquele ano, com o concurso das escolas superiores, deram ao dia simbólico da liberdade humana, uma alta expressão de gala cívica. Além das sessões nos clubes houve uma passeata.

Terminada a passeata, que correu em ordem, Lopes Trovão, rodeado de amigos, seguiu pela rua Visconde do Rio Branco. A Guarda Negra estava ali de sentinela. Os republicanos, para evitar um choque, desviavam-se caminhando para o antigo Largo do Roclo. Na esquina da rua do Espírito Santo, outra turma de Guarda. Vai ser inevitável a colisão, mas a polícia que, ali está, não pode fingir-se de cega e se sente no dever de dispersar os agressores.

As três horas da tarde, Trovão, com os seus amigos, desce a rua da Carloca. Ao seu encontro avança o punhado de negros, provocadoramente. Os republicanos fazem-se de surdos e entram na rua do Ouvidor.

Aquilo se passava num domingo. Naquele tempo, a rua do Ouvidor, aos domingos, não era uma rua morta como é hoje. Ainda não existia a avenida Rio Branco, não existiam outras ruas de intensidade circulatória. Tudo se concentrava ali. A velha rua era o ponto de convergência da cidade. E também o desagudouro do tráfego: as redes de bondes vinham todas terminar nas suas esquinas. A do Jardim Botânico terminava na esquina da rua Gonçalves Dias; a de Carris Urbanos e a de Vila Isabel, na rua Uruguaiana e a de S. Cristóvão no Largo de São Francisco. Mais morto que fosse o dia, a famosa rua tinha sempre viva efervescência de multidão.

Justamente às três da tarde, a rua é invadida pela Guarda Negra, que vem brandindo cacetes, a berrar morras à república e vivas à monarquia. A entrada da Guarda coincidiu com a entrada de Lopes Trovão e de seus amigos.

Ao ver passar o tribuno republicano, os estudantes, que estacionavam à porta do Café Brasil, deram vivas à república.

— Mata! mata! gritaram os negros, avançando contra os estudantes.

Os companheiros de Lopes Trovão atravessam-se à frente e tomam a passagem dos agressores. Rebenta o rolo. Brandem os cacetes, brilham as navalhas, zunem as pedras. Correrias. Os cafés e as confeitarias fecham apressadamente as portas. Ouve-se o primeiro estampido de revólver. E o tiroteio começa. As casas em que se vendem poules do Derby Club são invadidas atropeladamente pelas senhoras e pelas crianças. Aviva-se o tiroteio.

— Viva a república!

— Morra e morra a monarquia!

— Viva a monarquia!

— Viva a república!

Uma força de cinquenta praças de polícia montada entra na rua, espalderando a torto e a direito.

Cessa a gritaria, cessa o tiroteio. As farmácias estão cheias de feridos. Cabeças quebradas, galos na testa, lanhos de navalha. Mas há também ferimentos graves de armas de fogo. Mortos é que não há.

A cidade fica atordoada de barulhos. No quartel dos Borbones, o corpo de polícia a noite inteira de prontidão.

Lá pelos meados de 89 a Guarda Negra tinha firmado a sua funesta notoriedade. Era o maior perigoso elemento de desordem.

Rui Barbosa, no Diário de Notícias, clamava: "E' contra esses guerrilheiros de navalha licenciada que se armam hoje os melhores cidadãos, submissos súditos da lei, mas prudentes amigos da própria vida".

O próprio Patrocínio, que se apontava como um dos responsáveis pela formação da estranha milícia, dizia pelas colunas da Cidade do Rio, no artigo Aos homens de cor, assinado com o seu próprio nome: "A Guarda Negra está desviada do seu nobre e generoso fim por indivíduos que entendem fazer dela escada para as posições".

E bradava, veementemente: "Homens de cor, unam-nos todos para provar que os filhos do cativo sabem amar a liberdade".

Toda a imprensa clamava. Mas nada disso servia de nada. O governo sempre surdo. Só a 15 de novembro, quando o império caiu, a Guarda Negra se extinguiu. Não havia mais cenário para o seu triste papel.

HOLLYWOOD, outubro — Vocês, cariocas, vão cair das nuvens, quando souberem que Bob Hope, o incorrigível Bob Hope, virou baiana, e que Bing Crosby, o infalível Bing Crosby, se converteu em um autêntico malandro, — mas um malandro de carnaval, fantasiado à maneira de Hollywood... Como se isso não bastasse, os dois heróis entram no samba rasgado, — Bob Hope, é claro, fazendo uma caricatura de Carmem Miranda, com sua cesta de frutas, ainda mais engraçada do que aquelas de Mickey Rooney e do soldado de "Winged Victory". A baiana de Bob Hope e o malandro de Bing Crosby enchem uma das sequências mais cômicas de "A Caminho do Rio", o filme que os dois acabam de fazer, com Dorothy Lamour.

Como de hábito, nessa classe de filmes, a história não tem pés nem cabeça. E' coisa que não conta. Mas no filme há muitas "bolas" irresistíveis, "bolas" até demais, "bolas" que obrigam a gente a desviar os olhos da tela para poder respirar.

Ainda agora, no estúdio da Paramount, quando eu conversava com Bob Hope no "set" em que ele filma "The Paleface", com Jame Russell, o famoso comediante nos afirmou que já-mais se divertiu tanto com o seu trabalho como quando fez aquele filme e, em particular, aquela cena em que aparece travestido de baiana.

Uma de suas preocupações maiores é a de que o público do

Bing Crosby, o arrulhante "crooner" que a Paramount converteu em histrião, e Bob Hope, um dos mais festejados comediantes do cinema norte-americano, converteu-se em malandro e baiana, para efeitos de comichidade, em uma divertida sequência coreográfica de "A Caminho do Rio", filme da Paramount, em que também intervém Dorothy Lamour



BOB HOPE VIROU BAIANA E BING CROSBY VIROU MALANDRO!

É ASSIM QUE APARECEM OS DOIS, RASGANDO UM SAMBA DO BARULHO EM "A CAMINHO DO RIO".

De LUIS SERRANO

(Correspondente especial de "A CENA" e "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood)

Rio goste da película e compreenda que tudo o que há nela é feito em "spirit of fun".

Bob Hope me declarou que voltou entusiasmado com as belezas do Rio e com as nossas feijoadas. Só não gostou de uma coisa. E' que todas as vezes que pedia leite lhe davam água.

— E, o que é pior, — declara Bob, — é que me davam água em um copo sujo de leite...

Com isso, quer ele dizer que lhe davam leite "batizado". Também para quem toma o admirável leite americano, tão rico

de gordura e proteína. Fora essa restrição adorou tudo. Quer voltar e jogar outras partidas de golf na Gávea, cujo campo achou simplesmente maravilhoso.

Em "The Paleface", aparece ao lado de Bob Hope a famosa "star" de "The Outlaw", Jane Russell, popularizada através de uma grande campanha de anúncios como a dona do colo mais opulento do cinema.

Naquele filme de Howard Hughes, que suscitou encrencas

(Contínua na pág. 52)

Bob Hope fala a Luis Serrano, no "set" em que está sendo filmada a película intitulada "The Paleface". Bob Hope diz que só não gostou no Rio de uma coisa: de lhe darem água em copos sujos de leite.





As gravuras desta página e da página ao lado mostram as figurações do malandro Bing Crosby e da balana Bob Hope, na sequência em que os dois dançam um samba rasgado no filme "A Caminho do Rio". Bob Hope espera que os seus "fans" gostem do filme, e que lhe permitam voltar ao Rio para jogar mais algumas partidas de golf no Itanhangá, na Gávea...





POUCOS verbos haverá, nos dicionários de todas as línguas, de tão incessante aplicação como o verbo reclamar.

Qual o ser humano, do mais tenro ao mais longevo, que no correr de breves ou dilatados dias não haja reclamado, a começar pelo lactante.

Sendo a vida comparada a uma luta é por força um campo de reclamações inextinguíveis, que não poucas vezes servem de manutenção de muita gente, haja vista a vida forense e sua montanha de autos raros de poucas folhas.

Não há muito, em S. Paulo, foi lida em público, uma carta de reclamação, destinado o produto de venda a fins filantrópicos.

A missiva era subscrita por homem dos mais notórios no Brasil, bastando dizê-lo o duque de Caxias.

Nascido em terras fluminenses, mas carioca pela residência na capital do país, por bastante tempo Caxias habitou na Tijuca, depois de morador no Catete.

Caxias tomou casa na parte do caminho para o Alto da Boa Vista, na parte de pouco acima do largo da Segunda-Feira, chamada do Andaraí Pequeno, em oposição ao Andaraí Grande, dos lados.

Habitava Caxias num Rio de Janeiro, onde verdadeiramente se morava, mesmo com os defeitos das casas próprias ou de aluguel da época, que aos poucos se iam modificando e corrigindo como se os modificava e corrigia nos países tidos pelos mais adelantados de então.

A casa Caxias do Andaraí Pequeno tinha jardim, horta, pomar, cocheira, o que tudo supõe espaço não minguado.

Mas situado na rua afimil Conde de Bonfim, o solar Caxias sofria às vezes demais o inconveniente das moradias postas em vias públicas de muito trânsito, o excesso de poeira sobretudo levantada pela passagem de veículos de toda ordem que no apressar trânsito se não preocupam nem mesmo com a olfação alheia. Pelo que sucede hoje, avalia-se o que poderia suceder outrora.

Talvez ouvindo reclamações domésticas por sua vez Caxias reclamou de próprio punho, dirigindo-se a quem de direito, com a costumeira polidez epistolar da época, na qual se compreendia quanto a civilidade evita gritos e descomedimentos.

Dirigiu-se Caxias a companheiro de armas e nos seguintes termos:

"Ilmo. Sr. Coronel Carvalho

Supondo V. S. o encarregado da irrigação da cidade, o previno de que a rua em que moro no Andaraí Pequeno está inhabitável e intransitável pela sufocante poeira.

Antes de ter aparecido a epidemia reinante foi sempre esta rua irrigada, mas desde que ela apareceu deixou de o ser e por isso rogo a V. S. o favor de a mandar irrigar ao menos como dantes era, pelo que lhe ficaria obrigado seu camarada e amigo — Duque de Caxias.

24 de Setembro de 1873."

NOTÍCIAS CURIOSAS

ESCRA GNOLLE DORIA

Em tempo, a epidemia reinante à qual se referia o missivista era uma dessas investidas de febre amarela que flagelando o Brasil não poupava também outros países do mundo.

A carta de reclamação autógrafa de quem unico na pátria podia subscrever-se Duque, ficou por muitos anos em arquivo da família do destinatário.

Pessoa daquela família ofereceu a carta à Rádio Tupi em S. Paulo para ser lida, revertendo o seu produto a bem das vítimas de navio torpedeado em momento de guerra.

O pequeno papel sobre o qual Caxias lançara letra e firma foi logo arrematado, preferível dizer arrebatado por um lance maior entre licitantes empenhados no enriquecer de coleções autográficas.

ruas batizadas com nomes tupis. Só falta pô-lhes às esquinas arcos e flechas em vez de placas.

Saberá o carioca, o eterno zombeteiro, que houve outrora lembrança de mudar o nome da capital do Ceará, a Terra da Luz, que de vez em quando o sol crueiramente calcina?

Para saber da possível perda do nome de Fortaleza dado à capital cearense, basta abrir páginas da benemérita Revista do benemérito Instituto Histórico do Ceará.

A mencionada Revista estampou em 1896 a carta do conselheiro Tristão de Alencar Araripe, dirigida ao diretor da publicação, o barão de Studart, que tanto fez pelo Ceará.

Na carta, tratando da substituição do nome de Fortaleza, opõe-se a que se



A estátua do general Luís Alves de Lima e Silva, — duque de Caxias, — no largo do Machado.

MUDANÇA DE NOMES

Nas principais cidades brasileiras é frequente a mania de mudar nomes de logradouros públicos, mesmo dos mais consagrados pela tradição.

No Rio de Janeiro a mania grassa em certas épocas e sob diversas formas. Atualmente há o gosto de indigenar a cidade carioca, dando-lha ruas e niais

chame Iracema a capital de sua terra, por muito que desta mereça José de Alencar. Araripe, preferindo a substituição de Fortaleza por **Morenópolis**, em honra de Martin Soares Moreno, encarregado pela corôa portuguesa, em 1611, da colonização do Ceará, o que soube fazer captando a simpatia dos indígenas, fundando ao norte da ponta de Mocuripe um forte cingido

por aldeias de índios, núcleo da futura cidade de Fortaleza, capital de terra nossa que tão heróicamente sabe suportar as desditas que lhe inflige a natureza, quando as secas a exauriam.

★ GONÇALVES CRESPO E UM JURI BRASILEIRO

Gonçalves Crespo é nome de figura na história literária de Portugal e do Brasil. Aí nascido, e no Rio de Janeiro, aí criou-se, adoleceu, em Portugal indo a estudos até de grau superior. Na pátria paterna acabou adotando a nacionalidade lusitana, a representá-la em Côrtes de Lisboa, deputado por um círculo eleitoral da Índia Portuguesa, pedaço último das vastas terras percorridas ou conquistadas pelo afantar dos descobrimentos marítimos das náus partidas a princípio da ponta de Sagres para "mares nunca dantes navegados".

Duas são as obras poéticas de Gonçalves Crespo — **Miniaturas e Noturnos**, mas bastam os dois livros de cinzelados versos para a perenidade do autor nas letras do país do seu berço e no do seu túmulo.

Gonçalves Crespo graduou-se em direito, como estudante brasileiro, na Universidade de Coimbra.

Ignoramos se algum dia usou letras jurídicas, mas figurou de modo original numa sessão de júri de cidade bem próxima do Rio de Janeiro onde não há muitos anos entrou em julgamento no tribunal popular um réu acusado de agressão a uma mulher, mas ensanguentando-a... furiosas e penetrantes dentadas.

O promotor público, sem levar o caso a sério de um réu sexagenário com dentadura forte.

Deixando-se levar pelo humorismo, o representante da justiça pública ao considerar o crime do réu, terminou acusação citando versos de Gonçalves Crespo, os seguintes:

"Dona do riso alegre
Oh! meu tormento!
Dona dos olhos azuis
Oh! minha amada!
Já me bastava o doce juramento!
Foi demais a dentada!"

Os versos de Gonçalves Crespo assinando caso de amor bem diverso do réu Valladares e da queixosa Maria, causaram por inesperados a mais franca hilaridade geral de inacostumada peroração.

Por sua vez o advogado de defesa perorou improvisando três quadros dos quais última a seguinte:

"O que diz seu Valladares
Da moça o dito destroe;
Embora dentes tivesse;
Dentada de amor não doe".

A sessão de júri terminou com a absolvição do réu, implicitamente convidado a não resolver casos de amor a incisivos e caninos. Mas se na ocasião ainda visse, faleceu em 1883, muito admirado ficaria, como formado em Direito, de terem servido versos seus num julgamento da sua terra natal para apuração criminal de um dentificado.

AS FÉRIAS DE LEDBETTER

O meu amigo Ledbetter é um homem baixo e de rosto redondo.

A doçura natural do seu olhar é colossalmente exagerada pelo reflexo dos vidros dos seus óculos, e a sua voz profunda e imperativa provoca as pessoas irritáveis. Dos seus anos de estudo, trouxe ele consigo, para o presbitério que ocupa atualmente, uma alocução escrupulosamente exata e uma certa vontade nervosa de se mostrar firme e correto em todas as circunstâncias da vida, importantes ou não. É "sacerdotalista" e jogador de xadrez, e não falta quem suspeite que ele se dedica secretamente às matemáticas puras, ocupação essa mais honrosa que divertida. A sua conversação sempre copiosa, abunda em detalhes ociosos. A falar verdade, não poucas das pessoas que o conhecem, declaram que a sua companhia é "fastidiosa" para dar à coisa o seu verdadeiro nome, e algumas pessoas me têm feito a gentileza de admirarem-se de que eu suportasse essa companhia. Mas, por outro lado, uma classe inteira de pessoas fica maravilhada de que ele se compraz com a sociedade de um indivíduo tão antipático e inconveniente como eu. Raros são aqueles que parecem considerar com serenidade a nossa amizade. Isso, porém, tem como causa o ignorarem qual o laço que nos une, e quais as relações amistosas que me associam, via Jamaica, ao passado de Ledbetter, — passado esse pelo qual ele manifesta uma leve inquietação.

— Eu não sei o que faria, se isso fosse divulgado, — assevera ele, e repete em tom convincente: — Não sei, na verdade, o que faria.

No fim de contas, creio que se limitaria a ficar vermelho até às orelhas. Mas veremos isso mais tarde. Tampouco é ainda chegado o momento de lhes narrar o nosso primeiro encontro, visto que, segundo a regra geral, — que estou bastante inclinado a infringir, — o fim de uma história deve vir de preferência depois do que antes do princípio. E o princípio da minha história remonta a uma época muitíssimo anterior. Há seguramente quase vinte anos que o Destino, por uma série de meandros complicados e pasmosos, depositou, por assim dizer, Ledbetter entre as minhas mãos.

Nesse tempo, achava-me eu na Jamaica e Ledbetter era professor eclesiástico na Inglaterra. Já então se reconhecia nele o homem de hoje, com a mesma rotundidade de rosto, os mesmos óculos, ou pelo menos com uns semelhantes — e a mesma expressão de vaga surpresa no seu semblante em repouso. Certo, quando o vi pela primeira vez, ele se achava em um estado nada correcto: o seu colarinho postiço parecia muito menos acessório da vestimenta do que com uma tira de pano molhada, e estas circunstâncias foram a ponte, ouso apenas dizê-lo, sobre a qual transpusemos o abismo natural que nos separava. Disso, porém, conforme lhes prometi, só mais tarde nos ocuparemos.

O caso principia em Hithergate-sur-Mer, simultaneamente com as férias de verão. Decidido a buscar um repouso de que tinha grande necessidade, Ledbetter havia chegado àquela localidade, munido, por única bagagem, de uma maleta castanha, muito lustrosa e marcada com as iniciais F. W. L., de um chapéu novo de palha branca e preta e de dois pares de calças de flanela. Experimentava uma alacridade justificável em sentir-se libertado da sua classe, por isso que os jovens a quem dava lições não lhe inspiravam uma ternura particular.

Após o jantar, entrou a conversar com um senhor expansivo. Já estabelecido na pensão onde Ledbetter se havia instalado a conselho da tia. Esse senhor expansivo era, antes da sua chegada, o único representante do sexo masculino. A conversação versou sobre a lamentável de-

saparição, em nossa época, do maravilhoso e da aventura, a marinha em voga das destituições sem tréguas, a abolição das distâncias pelo vapor e pela eletricidade, a vulgaridade do reclame, do aviltamento dos homens pela civilização e sobre vários outros assuntos.

O senhor expansivo dissertou com particular eloquência sobre o declínio da coragem humana, proveniente do sentimento da segurança — uma segurança que Ledbetter deplorou assás descabidamente com o seu interlocutor. Todo entregue à alegria da sua emancipação, e desejoso também, talvez, de se fazer apreciar como um bom compenheiro, Ledbetter bebeu, um pouco mais generosamente do que manda a prudência, o excelente whisky que lhe oferecia o senhor expansivo; mas, afirmava ele mais tarde com insistência, em momento algum ficou "embriagado".

Mostrou-se, quando muito, mais loquaz do que de costume, e a vivacidade habitual do seu critério pareceu um tanto preguiçosa. E foi depois desse longo panegírico dos bons tempos idos, dos outrora e dos antigamente, para sempre acabados, que ele saiu sozinho pelas ruas banhadas de luar, e enveredou pela estrada que ia ter à escarpa, toda bordada de casas de campo.

Ao transpôr a ladeira silenciosa, ele ainda se lamentava da sorte que lhe impunha a vida de pedagogo, tão pouco fecunda em acontecimentos. Que existência prosaica, inativa, incolor ele arastava! E naquela existência pacífica e metódica, desde o dia primeiro de Janeiro até o de S. Silvestre, onde encontrar ocasiões de heroísmo? Ele pensava, cheio de uma inveja retrospectiva, naquelas épocas vagabundas características da Idade-Média, tão próximas e todavia tão remotas, com os espadachins e os condottieri, os trovadores e as belas castelãs! Ah! quantas ocasiões para desafios audazes, para puxar valorosamente da espada, ou apontar a lança, e para investir fogosamente contra o adversário!

Mas, de súbito, surgiu uma dúvida, uma dúvida estranha, no momento em que às visões de bravura se misturava também a sombra dos torreões úmidos, com as armadilhas e os calabouços, as torturas e os longos anos de cativeiro... E esta dúvida subverteu imediatamente o belo edifício que Ledbetter tinha tão alegremente arquitetado.

Vejamos a sério, seria ele tão valioso como o queria fazer crer aos outros? Ficaria encantado se os caminhos de ferro e o telégrafo, o gaz e a eletricidade, os agentes de polícia e os vigias armados, tudo quanto contribui para a segurança do cidadão civilizado desaparecesse de repente deste mundo?

O senhor expansivo tinha falado dos criminosos em termos enternecidos.

— Ah! o gatuno! — dizia ele, — eis o único aventureiro que nos resta sobre a face da terra! Considere que luta ele trava, um só contra todos! Ele só contra a sociedade civilizada!

O jovem professor fizera-se eco da daquela saudade.

— Certamente! Os gatunos assaltantes têm ainda um pouco de prazer na vida, — replicara ele. — Não há mais quem o tenha senão eles. Imagine! Que impressão deve ter aquele que se propõe forçar uma porta por meio de gazua!

E enquanto dizia isto, apontou-lhe no semblante um risinho sardônico. Presentemente, naquela intimidade consigo mesmo, ele tentava comparar a qualidade da sua coragem com a do criminoso inveterado, e esforçava-se em contrapor algumas afirmações categóricas às suspeitas insidiosas que combatiam a sua sinceridade.

(Continua na pág. 50)

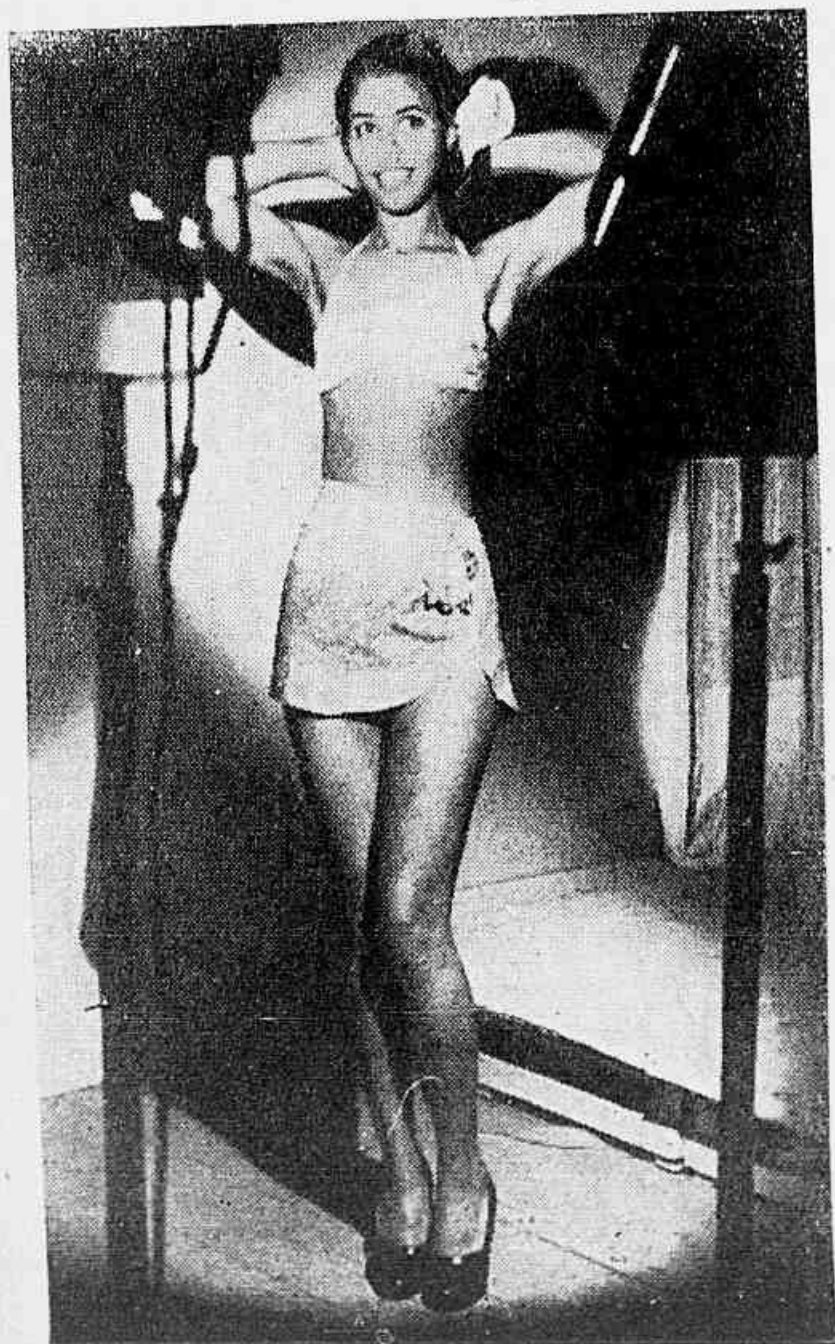




Em cima, à esquerda: Mercedes, terceira colocada no concurso; à direita: Mercedes Baptista (sentada), e Dulce Martins, a segunda colocada. Na página à direita, Maria Aparecida Marques, a professora pública, que conquistou o primeiro lugar, sagrando-se "a mais bela mulata brasileira".

AS MAIS LINDAS MULATAS DO RIO DE JANEIRO

O PRIMEIRO CONCURSO DE BELEZA "COLORED" REALIZADO EM NOSSA CAPITAL



UMA instituição cultural que conquistou expressivo renome em nossos círculos artísticos, o Teatro Experimental do Negro e o jornal vespertino "Diretrizes", juntaram seus esforços para realizar o primeiro concurso de beleza "colored", levado à efeito nesta capital, no qual foram eleitas, não apenas uma, mas as três mais lindas mulatas do Rio de Janeiro. A eleita para o primeiro lugar, Maria Aparecida Marques, recebeu um prêmio de cinco mil cruzeiros e uma taça, devendo, além disso, posar para a estátua "A Mulata", de Bruno Giorgi, que se destina a figurar num logradouro público. O segundo lugar foi conquistado por Dulce Martins e o terceiro por Mercedes Baptista. A que tirou o primeiro lugar é uma professora pública, regente de uma escola primária, na Pavuna, subúrbio do Rio; a segunda colocada trabalha como ajudante, no consultório de um cirurgião dentista e a terceira é bailarina do Teatro Municipal. Uma grande festa, em homenagem às vencedoras, foi organizada pelo Teatro Experimental do Negro, no High Life, cedido gentilmente pela Empresa Pascoal Segreto. Dulce Martins vai ser aproveitada no elenco do Teatro Experimental do Negro, como um dos elementos que intervirão na representação da peça "O Filho Pródigo", de Lucio Cardoso. Todas as três colocadas receberam proposta para figurar em uma cena afro-brasileira do grande filme musical "O Rei do Ritmo", que será rodado em janeiro, no estúdio da Atlântida, como uma das produções de Luís Severiano Ribeiro Junior, força nova a serviço da nossa cinematografia. Nestas duas páginas, figuram os elementos principais do concurso de "As mais belas mulatas do Rio de Janeiro".

A esquerda: Dulce Martins, colocada em segundo lugar, posando para um "test" cinematográfico, e à direita em um instantâneo, feito quando deixava o gabinete dentário onde trabalha.









Na página à direita: O sr. Mario Mattos e a senhora Zelina Lyra Vieira, da Escola Dramática do Club Ginástico Português, em uma cena da interessante comédia de Alberto Leal, "O Diário de Sinhazinha", premiada com o primeiro lugar no concurso de teatro da "REVISTA DA SEMANA"; em cima: Uma reunião dos intérpretes da peça laureada com o Prêmio Apolônia Pinto, dirigidos pelo professor Eduardo Vieira.

O PRÊMIO APOLÔNIA PINTO

DO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA", PATROCINADO PELO CLUB GINÁSTICO PORTUGUES

REPRESENTADA COM SUCESSO A PEÇA "O DIÁRIO DE SINHAZINHA", DE ALBERTO LEAL

DURANTE os dias 16, 17 e 18 de outubro, o Club Ginástico Português, em comemoração de seu 79.º aniversário, fez representar, pela sua Escola Dramática, a peça "O Diário de Sinhazinha", de Alberto Leal, premiada com o Prêmio Apolônia Pinto, no valor de dez mil cruzeiros, no concurso de teatro de "REVISTA DA SEMANA", patrocinado por aquela sociedade recreativa e cultural.

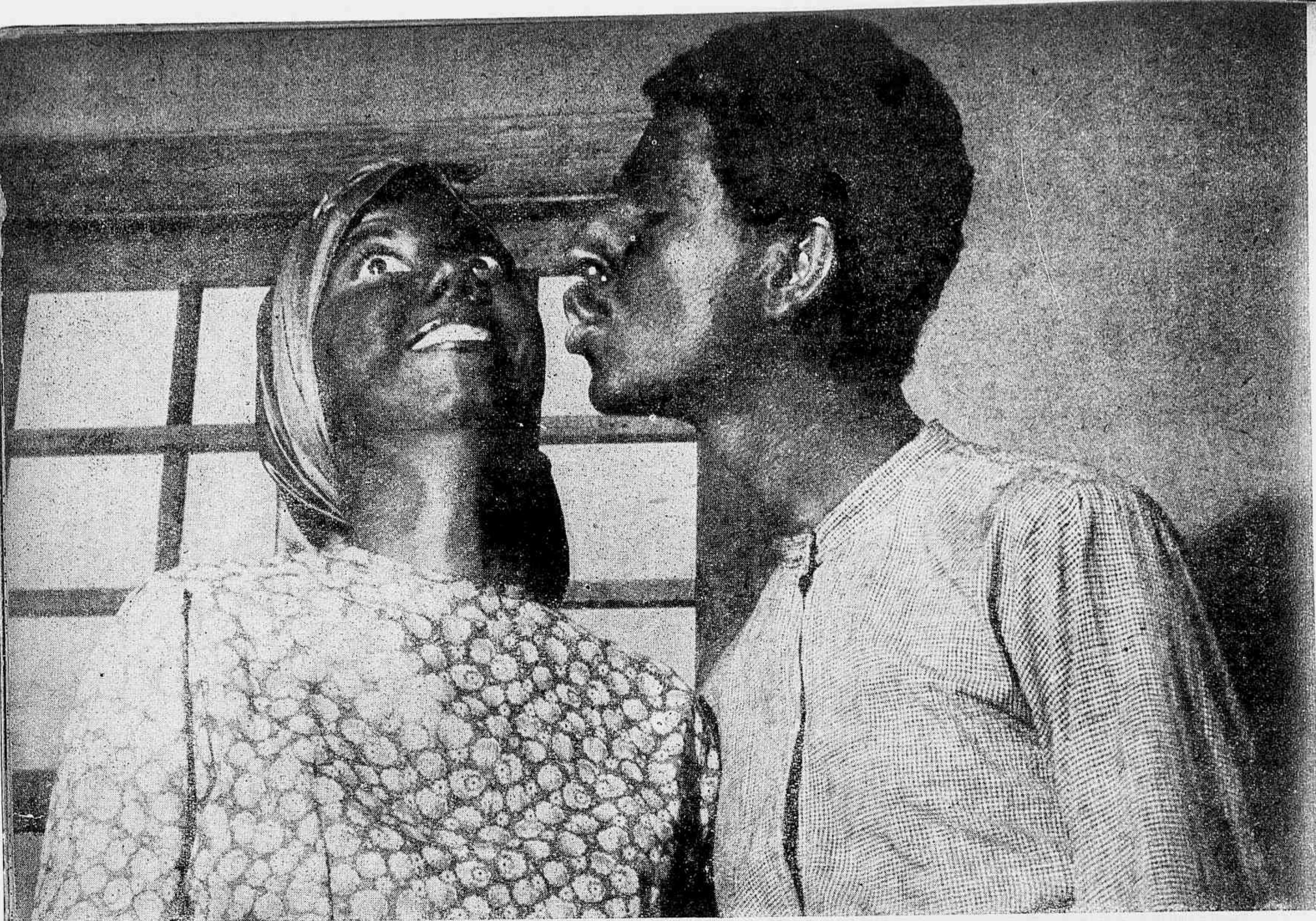
A representação, dirigida pelo professor Eduardo Vieira, sob a responsabilidade do diretor artístico Ribeiro Martins, teve os seguintes intérpretes: Escolásti-

ca (ingênua), senhora Zelina Lyra Vieira; Guiomar, senhora Zizinha Macedo; Leocádia, senhorita Neide Marcondes Coelho; Xexéo, sr. Alcides Cardoso Melo; Joana, senhora Palmyra G. Paredes; Damião, sr. Mario Mattos; Gonçalo, sr. J. Fernandes Maia; e Alferes Tiago, sr. Abel Brandão Ramalho.

A peça agradou muito, fazendo a platéia rir frequentemente, com suas passagens bem humoradas. Destacaram-se na representação, de maneira especial, a senhora Zelina Lyra Vieira, que tem um belo temperamento de atriz, e o sr. Alcides Cardoso Melo, que foi de grande comici-



A senhora Zelina Lyra Vieira, que, na representação de "O Diário de Sinhazinha", revelou grandes qualidades de comediante, tal como se apresentou no segundo ato da comédia



Em cima: o duo cômico de "Os amores de Sinhazinha", — os escravos Leocádia e Xexéo, — representados com muita vivacidade pela senhorita Neide Marcondes Coelho e sr. Aléides Cardoso Mello, inteligentes amadores da Escola Dramática do Club Ginástico Português.

dade no papel de escravo Xexéo. Os dois galãs, srs. Mario Mattos e Abel Brandão Ramalho, colaboraram eficazmente para o bom desempenho da peça, secundados pela senhorita Neide Marcondes Coelho, muito espontâ-

nea e desembaraçada, e pelos demais amadores.

No espetáculo de estréia, fizeram uso da palavra, no palco do Ginástico, os srs. Ribeiro Martins, diretor artístico do Clube,

que saudou a crítica teatral, presente ao espetáculo, e R. Magalhães Junior, diretor-secretário de "REVISTA DA SEMANA", que se congratulou com a benemérita sociedade pelos seus 79

anos de existência, pelos seus serviços inestimáveis à arte teatral e, ainda, pelo sucesso da encenação da interessante peça premiada no concurso instituído por nosso intermédio.

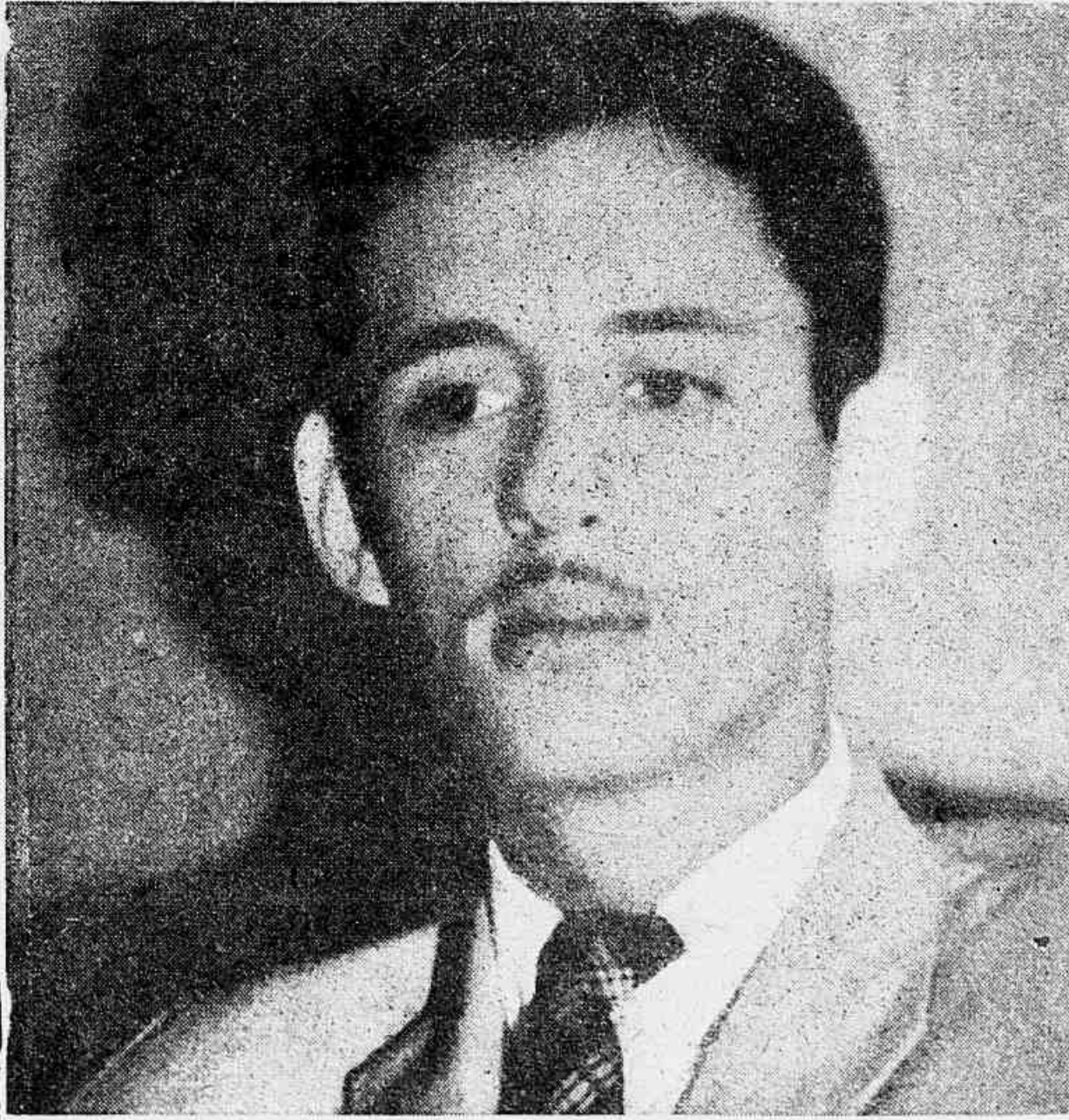
Em baixo: à direita, uma cena do segundo ato da peça de Alberto Leal, Prêmio Apolónia Pinto, do concurso de teatro da "REVISTA DA SEMANA", patrocinado pelo Club Ginástico Português, na qual aparecem as senhoras Zizinha Macedo, Palmyra G. Paredes, Zs Ilma Lyra Vieira e o sr. Mario Mattos; à esquerda, uma cena do primeiro ato, "Jogada" entre o sr. J. Fernandes Maia e a senhora Zizinha Macedo.





CARLOS Medina começou como cantor de operetas. Isto em Portugal, na Companhia Armando de Vasconcelos, em que também trabalhava Sílvia Vieira. Sua estrela deu-se na "La Catedral". Com o elenco, excursionou pela maioria de aldeias portuguesas. Mais tarde transportou-se para o Brasil, vindo a integrar a Cia. Nôrd Woskala, então no Teatro República. Esteve no elenco da Cia. Neves, pertenceu ao conjunto de Palmeirim, fez a temporada relâmpago de Maria Sampaio, no Municipal, com a peça "Quando se vive outra vez" e ultimamente ingressou nos "Artistas Unidos", trabalhando em "Elizabeth da Inglaterra", ao lado de Luiz Tito, Sadi Cabral, Henriette Morineaux, Alvaro Aguiar e Flora May. Sua atuação no "broadcasting" carioca data de 1937, quando escreveu diversas cortinas sonoras para a Mayrink Veiga, além dos programas "Mil e uma mulheres" e "Família Oliveira". Deixando a PRA-9 em 1939, estreou como novelista em São Paulo, lançando ao microfone da PRG-2, a "Derrocada". Tamanho foi o êxito dessa história em capítulos, que a Rádio Kosmos contratou-o com exclusividade, passando Carlos Medina a produzir programas e novelas. De volta ao Rio, aceitou o convite de Amaral Gurgel para ingressar na Globo, aí estrelando com "A Escrava", trabalho seriado de grande sucesso. A seguir, apresentou "Derrocada". Também trabalhou como rádio-ator e supervisionou o elenco da PRE-3, até seu afastamento. Agora, acaba de ingressar na Rádio Tambo, onde auxiliará Olavo de Barros no setor rádio-teatral. Carlos Medina é uma figura agradável, impressionando a quantos com ele palestram. Tem verdadeira aversão a elevador, devido a dois acidentes que sofreu.

JERUSA de Oliveira foi finalista do concurso "Em busca de uma intérprete da música mexicana". Tal como Juanita Castillo e Rosita Gonzalez, acabou contratada pela Rádio Nacional. Foi a grande oportunidade que ela tanto esperava, apesar de sua bonita voz e de sua pronúncia clara e escoreita. Cantando com graça os alegres corridos e boleros do México, impressionou desde o primeiro "test", mantendo-se firme no concorrido páreo a que não faltaram belezas em revista. Jerusa de Oliveira desde garota que revelou pendor para o canto, chegando a constituir verdadeira atração nas festinhas familiares, onde seus dotes vocais eram postos à prova. Foi crescendo e se interessando pela música, sem desprezar a evolução por que atravessava o rádio. Desse modo, acompanhava toda a sorte de programas de calouros, anotando o nome daqueles que subiam no agrado público, graças à chance que se lhes dava nesses cartazes. Ouvinte obrigatória de "Papel Carbono", sentiu-se radiante quando Renato Murce lançou o concurso para escolher uma cantora de música mexicana. Foi das primeiras a inscrever-se, tão forte seu desejo de ingressar no rádio carioca, que, segundo voz geral, era o caminho aberto para a glória. Hoje, Jerusa de Oliveira vive feliz, entregue às suas melodias, absorvida pelos ensaios e estimulada pelos numerosos fãs que já conquistou. Muito jovem, com brilhante futuro à sua frente, ela procura aprimorar cada vez mais a voz, seguindo à risca as lições de canto sem desprezar, é claro, os ensinamentos linguísticos. Divide-se com os bons filmes, as grandes biografias de compositores célebres, os passeios e os banhos de mar. Não sabe o que é superstição.



O rádio não podia prescindir do trabalho intelectual. Homens de letras foram chamados a escrever programas culturais. Dentre esses, Sérgio D. T. Macedo, jornalista e historiador, com apreciável bagagem literária, seu concurso foi solicitado pela PRA-2. Nessa emissora, não só elaborou cartazes educativos, como ainda escreveu abalissados comentários e redigiu páginas de literatura. Mais tarde, a Rádio Globo convidou-o a ingressar no seu quadro redatorial, vindo ele a lançar "Pelos caminhos da literatura" e "Terra e gente do Brasil". Em ambos os programas, Sérgio D. T. Macedo segue a mesma linha observada nos seus livros, muitos dos quais já esgotados. Com seis anos de experiência radiofônica, a maioria dos quais em emissora oficial, nem por isso ele se mostra burocrático. Suas realizações são vivas e movimentadas, prendendo a atenção de quem os ouve. Como escritor, Sérgio D. T. Macedo, que é carioca e conta trinta e quatro anos de idade, publicou "Brasil Engracado", "A literatura do Brasil Colonial", "A cavalaria hereditária", "Rio de Janeiro", "Roteiro da Bolívia" e "Meu Brasil". Na imprensa, colabora com eficiência, inclusive no Globo, onde assina crônicas históricas. Fora do rádio, exerce o magistério e desempenha importante cargo numa repartição pública. Seu nome exato é Sérgio Diogo Teixeira de Macedo e pertence à família do conselheiro Sérgio Macedo! Como todo o homem de letras, é um leitor sequeiro, andando sempre a pesquisar trabalhos relacionados com a História. Possui uma riquíssima biblioteca e preciosa coleção de documentos. Recentemente, o embaixador norte-americano elogiou o trabalho intelectual de Sérgio Macedo, desenvolvido no "broadcasting" brasileiro.

DENTRE as figuras benquistas do "broadcasting" carioca, está Cesar de Alencar. Magro como o Heber de Boscoli e brincalhão como o Grande Othello, ele fez do microfone o seu meio de vida. Quer fazendo suas brincadeiras de auditório, quer lendo o "Comentário político" da PRE-8, é o "speaker" de primeiras linhas com que pode contar a Nacional. Sua voz é ouvida em "Um milhão de melodias", "Papel carbono", "Piadas do Manduca" e no próprio "Programa Cesar de Alencar", que é irradiado todos os sábados, a partir das 15 horas. É o narrador de "Nas asas de um clipper", o José, da novela "Fecha a porta do destino", transmitida às terças, quintas e sábados, às 10.30 horas; o Ricardo, de "Uma sombra em minha vida", irradiada às segundas, quartas e sextas-feiras, às 21 horas. Nas horas vagas, Cesar de Alencar é intérprete de música popular, cantando tudo o que aparecer, inclusive guarachas. Sua carreira radiofônica teve início em 1939, quando passou num "test" feito ao microfone da Rádio Club do Brasil, ao tempo de Renato Murce. Nesse prefixo permaneceu pelo espaço de sete anos, quando se transferiu para a PRE-8, isto em julho de 1945. Cesar de Alencar é cearense. Antes de entrar para o rádio trabalhou no comércio. Sua atividade no "broadcasting" se estende até a corretagem que, por sinal, lhe proporciona ótimos resultados financeiros. A esse jovem locutor deve-se a descoberta de Neusa Maria, uma das boas cantoras da PRE-8. Outros artistas de valor tem aparecido através do "Programa Cesar de Alencar", inclusive o popular "Black-out". O nosso biografado gosta de "foot-ball", não perde um bom filme e toma parte em quase todos os festivais de seus colegas de estação. É um bom animador e ótimo "announcer" e apreciável rádio-ator.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

Maria da



para agir como bem quisesse e entendesse.

— A que a senhora quiser, madame — dizia irmã Toinette, com o seu sotaque afrancesado.

E as outras faziam côro unanimemente, julgando que a saída de uma daquelas meninas do Asilo era a sua salvação. Diziam para fora que, “se quisesse, a menina teria um futuro brilhante. Podia até casar com um doutor, um dia. Era só querer ser direita”.

E as crianças se iludiam com a conversa das religiosas, que por sua vez eram também umas iludidas pelas madames, que prometiam mundos e fundos

MARIA da Glória brincava pelos jardins do Asilo de Menores, como fazia tôdas as tardes antes da ceia. Mas, agora, ela já brincava há muito tempo; desde depois do almoço, porque era dia de domingo, e dia de domingo as meninas internadas no Asilo não faziam nada. Iam sómente de manhã cedo para a missa e passavam o resto do dia brincando, pulando de um lado para outro no sitio da velha casa onde estava situado o Asilo. Só saíam de raro em raro: uma vez de três em três meses, quando muito. E assim mesmo para um passeio a pé, uma procissão ou uma festa de igreja. Além disso os passeios das internas era até o grande portão de entrada do Asilo, sem transpô-lo, contudo. Tinha sempre gente de vigia lá para nenhuma menina sair. Nessa tarde havia pessoas estranhas visitando o Asilo. Era gente rica, que tinha vindo

de automóvel. Que faria ali aquela mulher loura, bonita, com óculos escuros, à última moda, que a fina flor da sociedade usava no momento? Ninguém sabia, exceto as irmãs, que cortavam a “jaca” da família a torto e a direito. As meninas mais velhas supunham que a mulher vinha comprar bordados ou receber qualquer encomenda de costura. Ou então era uma das diretoras da Sociedade que mantinha o Asilo. Estava na dúvida, entretanto, sem saber o que queria a madame. Que seria? Nenhuma delas sabia, mas tôdas queriam saber. E a interrogação pairava em tôdas as rodas, desde as das moradoras veteranas, das meninas mais velhas, até as das novatas, as pequenas. Tôdas estavam interessadas em saber o que queria a visita, que parecia mesmo ser extraordinária. O tratamento dado a ela pelas freiras era bem diferente ao

dado às outras pessoas. Mas que queria a mulher, afinal, olhando tanto para as meninas pequenas, pouco maiores do que aquela que tinha ao seu lado?

★

A visita era realmente gente importante. Tratava-se de Madame Mota Silveira, uma das mais importantes da sociedade recifense e uma das diretoras do Asilo. Por isso, certamente, é que tinha aquele tratamento estranho da parte das irmãs. Era tratada muito melhor do que as outras pessoas que visitavam o Asilo. E queria também uma coisa estranha: era uma das meninas menores para ser empregada de sua filha. E só queria uma bem pequena, para explorá-la direitinho e não pagar nada pelos seus serviços, além de um vestido velho de tempos em tempos. Era isso que ela queria. E tinha carta branca das irmãs

para o futuro das crianças. No futuro... — Mas terminavam não lhes dando nada. Eram tratadas, depois, como simples escravas ou até alguma coisa pior, vítimas constantes e eternas da correia e do cinturão.

Mas tôdas as meninas queriam se ver livres daquela prisão. Sonhavam com um mundo exterior bem outro, bem diferente daquele que as esperava. Não se encarassem as coisas como elas eram realmente, talvez até desistissem de sair da prisão em que viviam; achariam aquilo muito melhor do que o outro xadrez, para onde iam. Ali, pelo menos, tinham com quem brincar, com quem chorar os seus infortúnios, se já soubessem o que isso significava. Era muito melhor ficar ali no Asilo, preparando-se para uma vida nobre, sem ligar aos conselhos das freiras, que não hesitariam em transformá-las em beatas, tanto quanto

Glória

elas, se possível. Era muito melhor que elas vivessem no Asilo até poderem pensar pelas suas próprias cabeças, e só então decidirem seus destinos.

Mas não pensavam nisso. Queriam antes de tudo se ver livres daquele miserável Asilo. Depois é que iriam pensar. Mas aí já seria tarde!

★
Maria da Glória nem tinha ligado à chegada da madame rica. Para ela era indiferente ir para a sua casa, viver bem, comer do bom e do melhor — como prometia a freira, ou ficar ali, comendo feijão todo o dia. Ela era sempre assim. Desde que nascesse que era indiferente com o mundo. Jámais ligara aos seus prazeres e sofrimentos, apesar de ter passado uma vida muito infeliz durante os cinco anos de miséria por ela vividos antes de entrar para o Asilo (fazia menos de um ano que estava lá). Por sinal, as coisas tinham melhorado para Maria da Glória nesse ano, e ela assim mesmo continuava indiferente a tudo. Nem brincava com as companheiras, sequer. Aliás, quase nunca brincava, mas quando o fazia era sózinha, longe de todas as outras meninas. Era um tipo exótico, sem dúvida.

Madame Mota Silveira a fitou com interesse e quis saber de sua idade, mas Maria da Glória parece que não ouviu nada. Limitou-se somente a perguntar:

— Senhora?

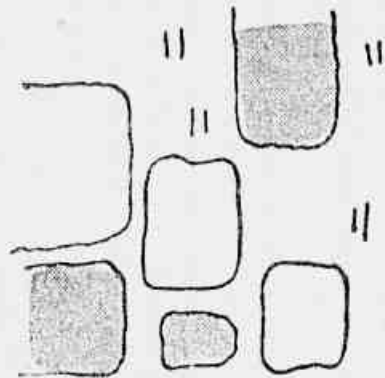
— Quantos anos você tem, menina? — repetiu ela.

Mas a menina não sabia a idade. Ninguém lhe tinha dito. Talvez, há muito tempo, quando sua mãe ainda era viva, tivesse uma vez falado nisso. Mas Maria da Glória não se lembrava. Ficou, por isso, sem responder à pergunta.

Madame Silveira ficou admirada. Não concebia que uma pessoa não soubesse sua idade. Achava que logo que a criança começasse a falar, a primeira coisa que devia aprender era mostrar com os dedos, pelo menos, quantos anos tinha, se não soubesse dizer isso com a boca. Convenceu-se então de uma dúvida antiga: estava certa, agora, de que esse pessoal era burro mesmo, e que não merecia a assistência que a sociedade lhe dava.

— A gente gasta tanto dinheiro com a educação dessas meninas e, no final das contas, elas não aprendem nada. São eternamente burras! — comentou.

(Cont. na pág. 52)

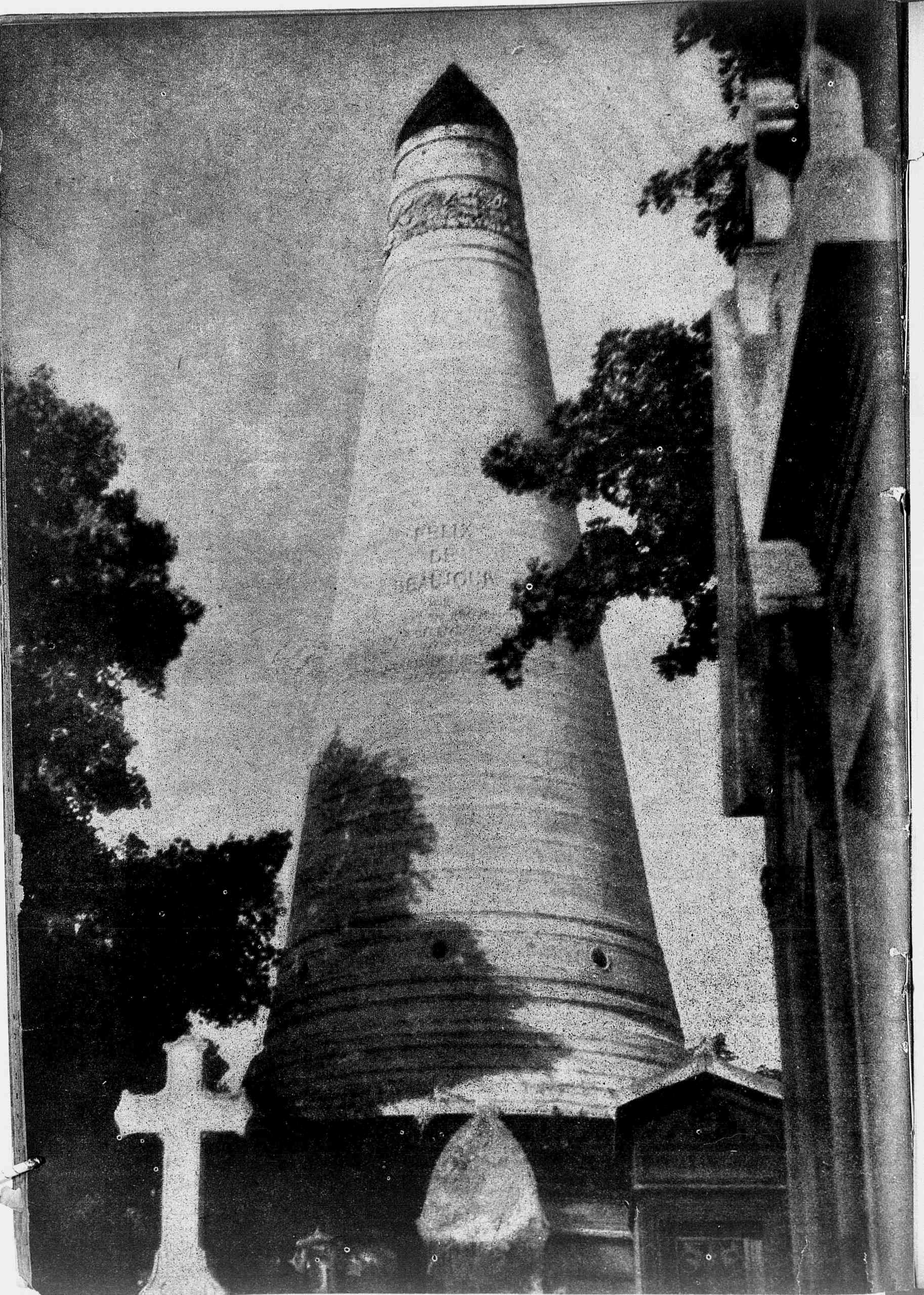


Armando Moura

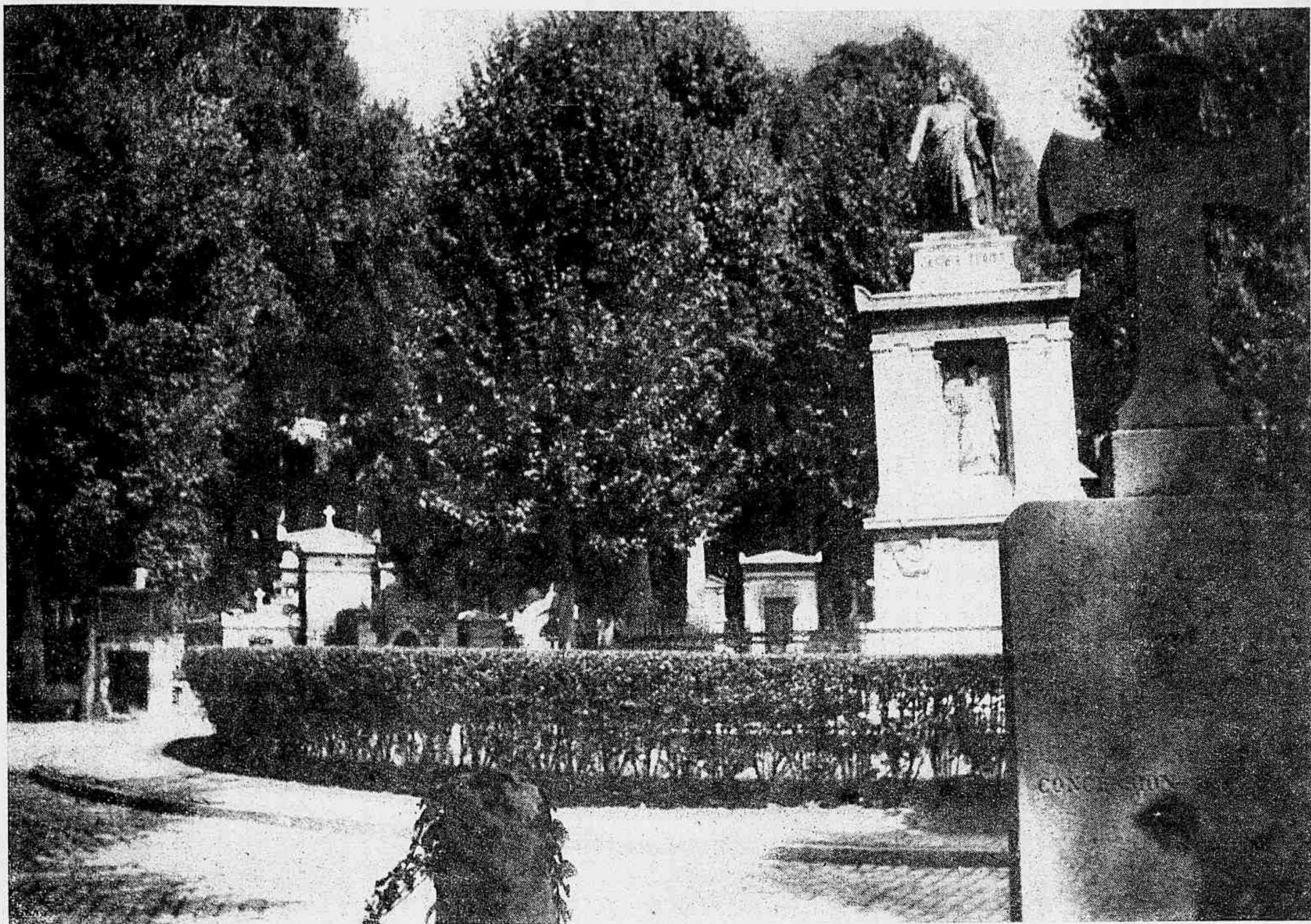
Conto de **BERNARDO LUDEMIR**

★
PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

Ilustração de **ARMANDO MOURA**



FRANK
DE
SCAROLA



A esquerda: Em tôdas as divisões do Père-Lachaise abundam sepulturas e monumentos verdadeiramente admiráveis. Este, por exemplo, é o túmulo do poeta, diplomata e publicista Louis-Félix Beaujour, falecido em 1836. Em cima: Um recanto pitoresco do famoso cemitério, aparecendo entre magnífico cenário vegetal o monumento a Casimir Périer, celebre orador e político, Par de França, falecido em 1832.

PÈRE-LACHAISE,

A CIDADE DOS MORTOS ILUSTRES

A MARCHA DA HUMANIDADE PARA A MORTE — MONUMENTOS E MAUSOLEUS QUE EVOCAM AS MAIORES E MAIS BELAS TRAGÉDIAS DA HUMANIDADE — ONDE A ESTRELA DE DAVID E A CRUZ DE CRISTO SE CONFUNDEM — SEPULTURAS DE HERÓIS E MÁRTIRES DE TODOS OS TEMPOS, QUE DÃO ÀS VISITAS UM CARÁCTER DE PEREGRINAÇÕES HISTÓRICAS E RELIGIOSAS — OUTRAS NOTAS.

Reportagem de NELSON VAINER

Fotos de KATHLEEN GREY

PARIS, agosto (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — Pela Rua do Repouso, entramos hoje no mais vasto e mais interessante cemitério de Paris, famoso no mundo inteiro pelo nome de Père-Lachaise — a cidade morta na qual dormem o seu sono eterno inúmeros grandes homens da história.

Père-Lachaise é antes de tudo um lindo parque, cheio de altos e baixos, colinas e ladeiras, ruas e avenidas que se cruzam sob a sombra de milhares de árvores seculares, gigantescas, cujas ramagens se unem no espaço, entrelaçando-se e cobrindo os monumentos e sarcófagos de pedra e mármore ora perfeitamente alinhados, ora em desordem, devida à incrível posição topográfica do terreno. A única coisa que entristece aquela famosa cidade morta é o lamento lúgubre das corujas, que ali se encontram em grande número. Um mapa do cemitério, que se adquire na entrada por alguns francos, leva o visitante aos lugares mais interessantes, que são indicados por números e flechas.

O MONUMENTO AOS MORTOS

No fundo da Avenida Principal que, como o próprio nome indica, é a entrada principal de Père-Lachaise, vê-

se um grandioso monumento, que atrai a atenção do visitante. Caminhando em linha reta, por entre sepulturas de alguns dos maiores homens da história, chega-se finalmente ao monumento em questão.

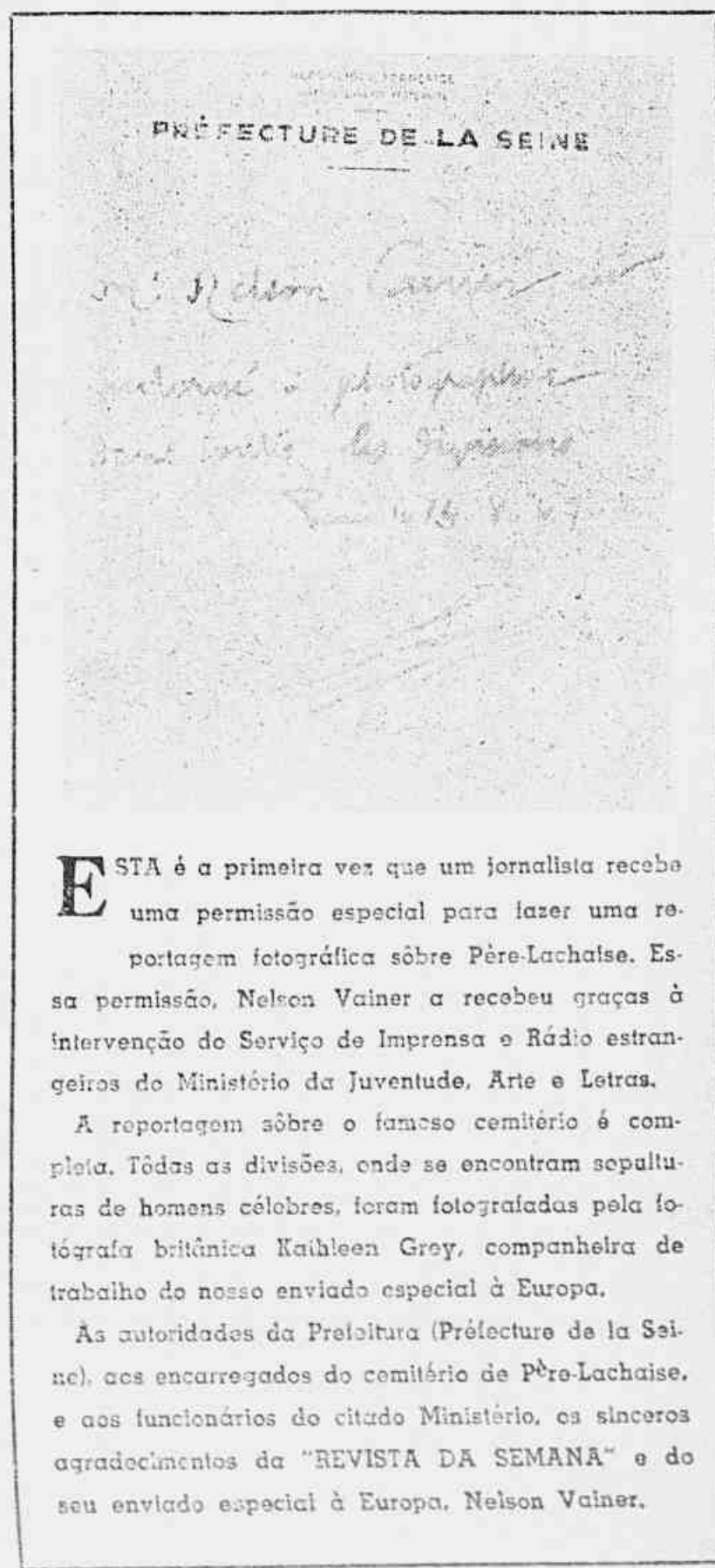
É o "Monumento aos Mortos", obra de escultura de Albert Bartholomé, iniciada em 1887 e terminada em 1895.

A parte alta do monumento representa a marcha da humanidade para a morte. A direita e à esquerda, aparecem duas filas de homens e mulheres de várias idades, que se dirigem para a porta fatal que é a entrada sem saída da sepultura.

Na parte baixa, um anjo levanta a porta, na qual se acham gravadas as seguintes palavras: "Sobre os que habitam o país da sombra da morte, uma luz resplandece". O que pode ser interpretado como o fim da vida humana sobre a terra e o começo de uma nova vida, eterna, num mundo que os mortais são incapazes de conceber.

ONDE A ESTRELA DE DAVID E A CRUZ DE CRISTO SE CONFUNDEM

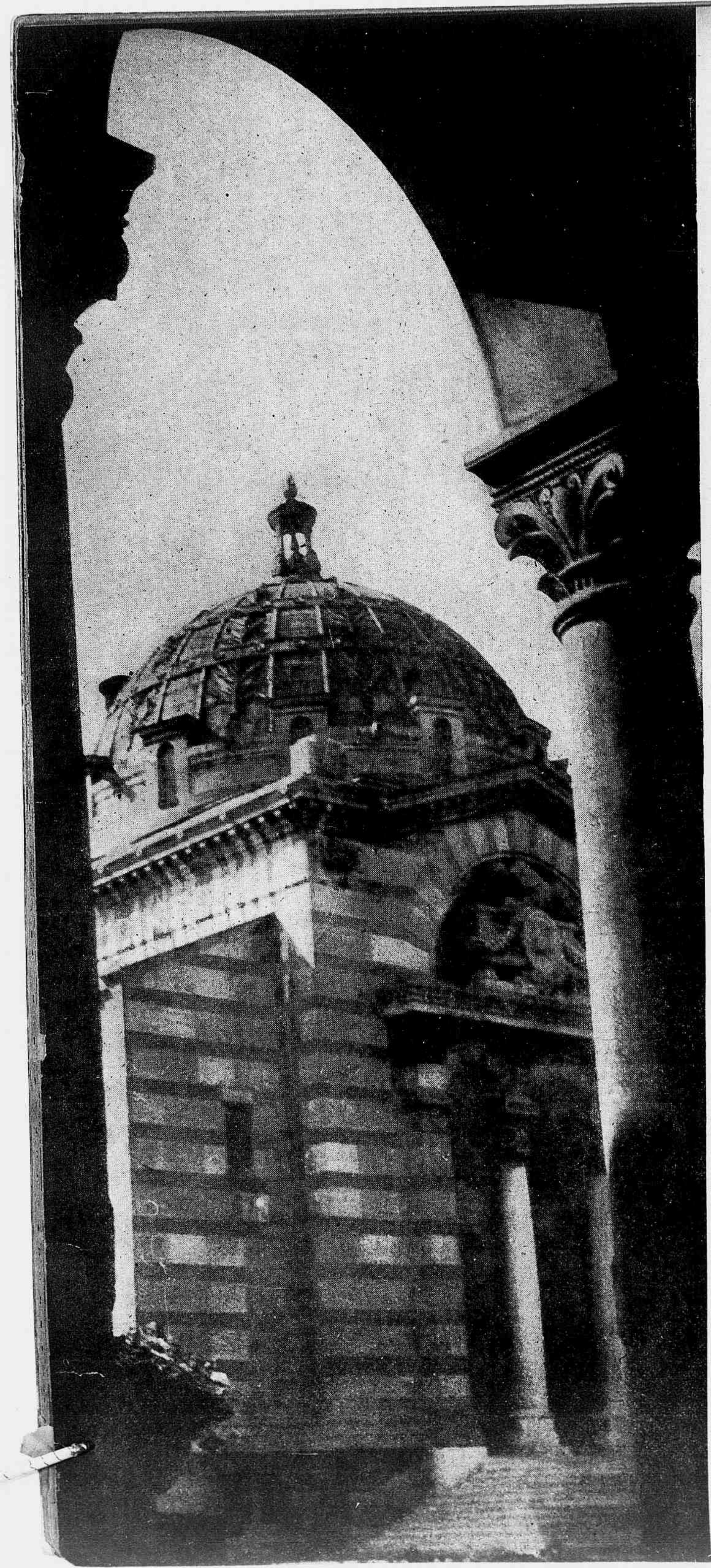
Obedecendo aos velhos princípios religiosos dos seus remotos antepassados, os israelitas do mundo inteiro en-



ESTA é a primeira vez que um jornalista recebe uma permissão especial para fazer uma reportagem fotográfica sobre Père-Lachaise. Essa permissão, Nelson Vainer a recebeu graças à intervenção do Serviço de Imprensa e Rádio estrangeiros do Ministério da Juventude, Arte e Letras.

A reportagem sobre o famoso cemitério é completa. Tôdas as divisões, onde se encontram sepulturas de homens célebres, foram fotografadas pela fotógrafa britânica Kathleen Grey, companheira de trabalho do nosso enviado especial à Europa.

As autoridades da Prefeitura (Préfecture de la Seine), aos encarregados do cemitério de Père-Lachaise, e aos funcionários do citado Ministério, os sinceros agradecimentos da "REVISTA DA SEMANA" e do seu enviado especial à Europa, Nelson Vainer.



terram os seus mortos, onde quer que estejam, em cemitérios próprios. Os semitas da França, salvaguardando também as velhas tradições do seu povo criaram para os seus mortos um cemitério à parte, dentro de Père-Lachaise. Isto, desde a transformação da propriedade do mesmo nome em cemitério, no começo do século passado.

Com o decorrer do tempo, porém, com a constante evolução da humanidade, as coisas mudaram em todos os setores, e os israelitas, assimilando-se pouco a pouco, foram perdendo certos laços que os prendiam às tradições antigas, adquirindo, em troca, novos costumes. E essa transformação atingiu também o cemitério israelita de Père-Lachaise, onde os túmulos judaicos podem ser vistos em toda parte, entre os túmulos cristãos. De um lado, uma pedra oval, com inscrições hebraicas e francesas, sob a estrela de David e, do outro lado, uma sepultura completamente diferente, sobre cujo sarcófago aparece a Cruz de Cristo. A estrela de David e a Cruz de Cristo, longe de constituírem um contraste ou sacrilégio para os judeus, simbolizam a igualdade existente em França, quer na vida, quer na morte.

NO CEMITÉRIO ISRAELITA

O antigo cemitério israelita de Père-Lachaise é particularmente interessante. Múltiplos túmulos não resistiram à ação do tempo. As chuvas desmancharam totalmente os dizeres das sepulturas mais antigas, a ferrugem devorou em grande parte as grades de ferro que cercavam essas eternas moradias. Vimos, num desses túmulos profanados pelo tempo, apenas esta inscrição: — "Concession à perpetué". Nada mais. Achando-se ao lado de túmulos que trazem a data de 1812, 1813, etc., presumimos que também esta sepultura seja da mesma época.

Grande é o número de túmulos de judeus de origem ibérica. Eis alguns nomes de israelitas de origem espanhola ou portuguesa, que copiamos numa só fila: Jacob Robles, Rodriguez Pereyra, Georgina Gomez, Isidore Gomez, Benjamin Fernandez Patto, Rachel Laurence Pereira, nascida Fonseca... Há, também, muitos túmulos de judeus de várias outras origens, destacando-se os múltiplos nomes alemães. Quase na entrada, vê-se uma sepultura que pertence à família G. Hess. O último dos falecidos dessa família chamava-se Rodolphe Hess, que nasceu em 3 de maio de 1858 e faleceu durante a ocupação alemã, em 1944...

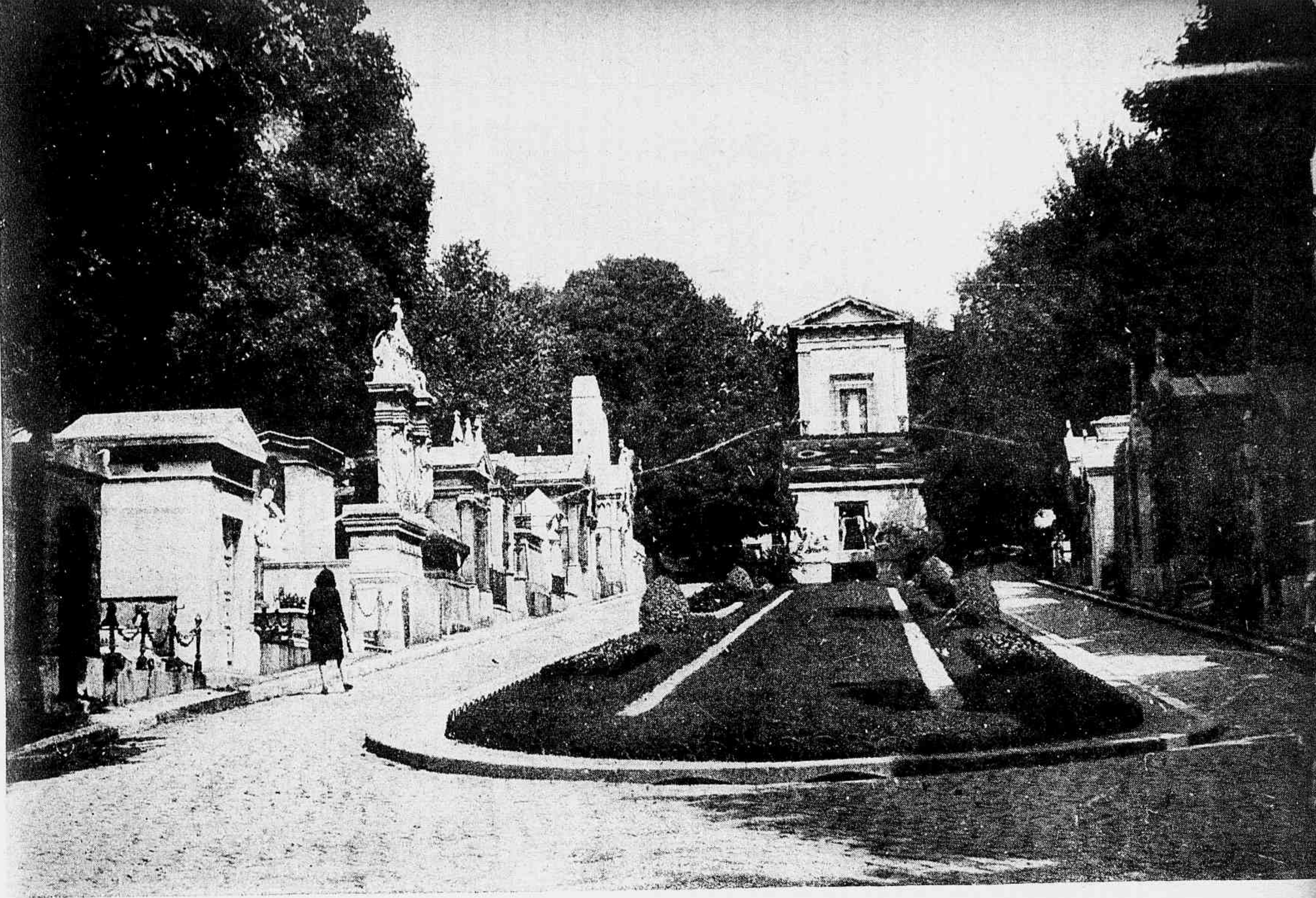
Quanto aos judeus falecidos neste século, os seus túmulos ou se acham em grupos, nas múltiplas divisões do grande cemitério, ou esparsos. Acreditamos ser este o único cemitério do mundo onde a estrela de David e a Cruz de Cristo se confundem.

JOIAS ARQUITETÔNICAS DE TODOS OS ESTILOS

Onde quer que o visitante lance o seu olhar, ele percebe monumentos e mausoléus que são verdadeiras joias arquitetônicas de todos os estilos. Alguns são de uma beleza que fascina, outros extremamente curiosos pelas esculturas em mármore e pedra. Castelos, torres, pirâmides, obeliscos, representando cada qual um símbolo de um país ou uma grande epopéia histórica, é o que pode ser visto em todas as quadras do grande cemitério. Quanto aos túmulos de homens célebres, são eles em tão grande número que, para visitá-los todos, seriam necessárias algumas semanas. Ali descansam, nas cinzas e nos farrapos do passado, os maiores vultos da história francesa e da história universal. Representantes de todas as artes, filosofias, doutrinas políticas, cujos nomes atravessaram as fronteiras do mundo, pela sua contribuição no desenvolvimento da cultura intelectual, uns tombando nos campos da batalha na luta por um mundo melhor, outros perecendo a serviço da ciência, dormem o seu sono eterno nessa velha e grande cidade dos mortos ilustres.

Alongar-nos-íamos muito se quiséssemos descrever o túmulo de cada homem célebre, cujas cinzas descansam em Père-Lachaise. Falaremos, portanto, de alguns dos mais notáveis, sem contudo deixar de citar os nomes mais importantes que são vistos nas sepulturas de cada divisão: Heloise e Abelardo, About, Aboville, Allan Kardec, Arago, Auber, Balzac, Bellini, Bizet, André Chenier, Cherubini, Chopin, Benjamin Constant, Croce Spinelli, Al-

A esquerda: O Crematório do Père-Lachaise empolga pela sua arquitetura mista, grega, em baixo, e oriental, no topo. Foi construído pelos desenhos de M. Formigé, arquiteto-chefe da cidade de Paris.



Em cima: A Avenida Principal é a entrada para a cidade dos mortos ilustres. Conta, entre os seus moradores, com Rossini e Alfred de Musset. Embora os restos mortais do grande compositor tenham sido trasladados para Florença em 1887, os franceses conservam ainda como relíquia a sua sepultura.

phonse Daudet, Hahemann, Junot, Kreutzer, La Fontaine, Ferdinand Lesseps, Masséna, Michelet, Molière, Monge, Alfred de Musset, o marechal Ney, Casimir Périer, Rossini, Rotschild, Suchet, Talma, Thiers, Oscar Wilde, Walewski, Sarah Bernardt.

Apenas alguns nomes. Há milhares outros, verdadeiras legiões de guerreiros, cientistas, artistas de todas as épocas e muitos países; as inscrições de seus túmulos contam trechos da história da humanidade.

HELOISA E ABELARDO

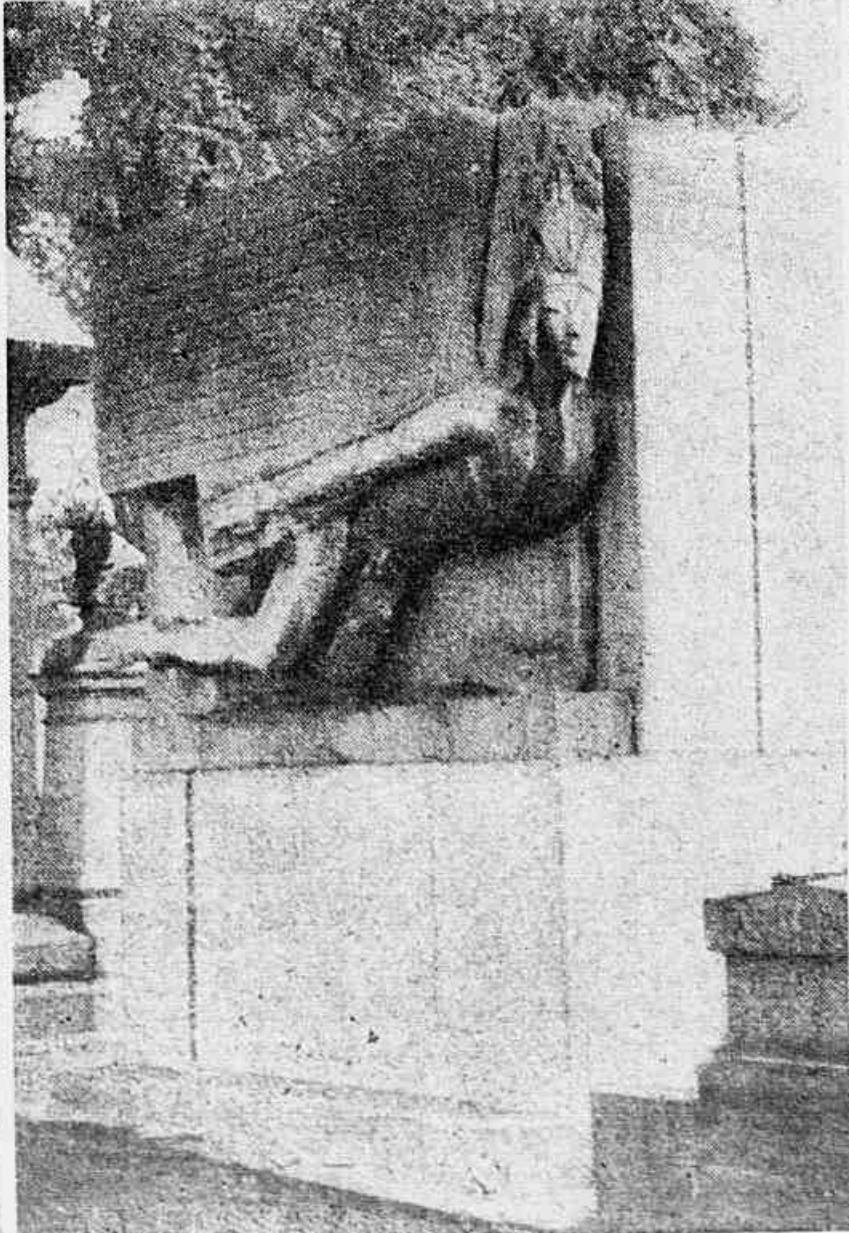
Abelardo, o teólogo e filósofo que se tornou célebre pela sua paixão por Heloisa, está enterrado junto com essa extraordinária criatura que em vida somente podia oferecer ao torturado pensador o seu amor espiritual. A morte, porém, os reuniu para todo o sempre.

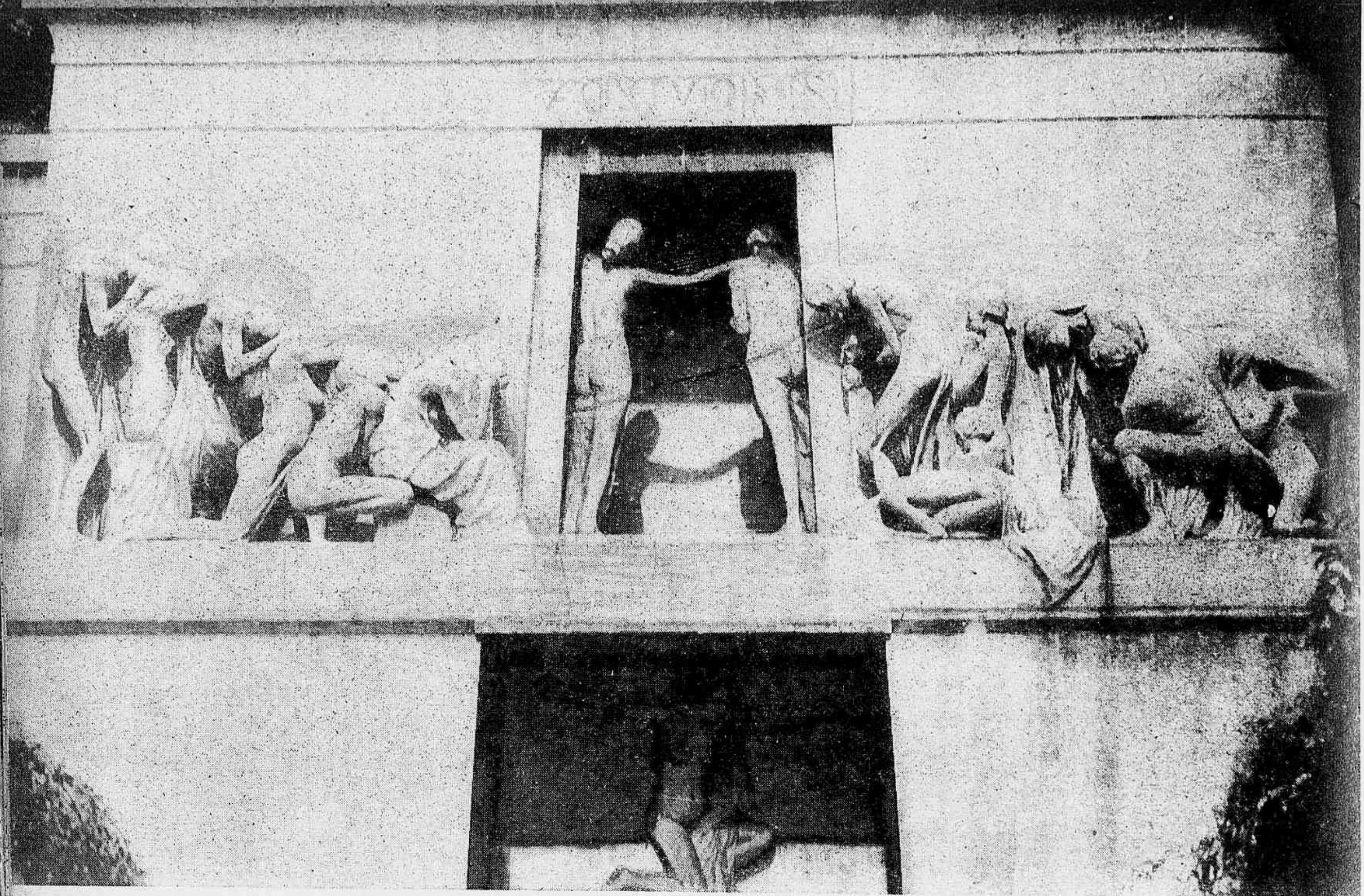
Em 1779, erigiram-lhes um mausoléu na abadia de Paraclet, perto de Nogent-Sur-Seine. Ali descansaram

até 1817, quando foram transportados para Père-Lachaise.

O mausoleu de Heloisa e Abelardo se acha sobre uma colina, no velho cemitério israelita. Está cercado de grades de ferro, corroídas pela ferrugem. Sobre o sarcófago, dois monumentos de bronze, representando as duas famosas personagens. O rosto de Abelardo está terrivelmente danificado. O monumento de Heloisa é intacto.

Em baixo, a partir da esquerda: O túmulo de Hahnemann, o descobridor da homeopatia, erigido em mármore, por subscrição popular. A tumba de Oscar Wilde, o mestre da prosa, é uma das mais visitadas; talvez um consolo para o homem que em vida tanto sofreu... O túmulo de Balzac, o consagrado autor da "Comédia Humana", com seu busto em bronze, do escultor David d'Angers, seu grande amigo.





Em cima: O Monumento Aos Mortos, de Albert Bartholomé. Um casal jovem abre a porta da eternidade. A humanidade, velhos, moços e crianças, o acompanha, enquanto o anjo, de baixo, lhes promete a vida eterna no além: "Sobre os que habitam o país das sombras, uma luz resplandece".

Todo o mausoleu está gasto, sofrendo as consequências das chuvas, das tempestades, do tempo.

Sob a seguinte inscrição: — "Os restos de Heloisa e Abelardo estão reunidos neste túmulo", aparecem dois exceptos de duas cartas de ambos, que não podemos deixar de transcrever:

"PARA HELOISA

Si pour moi vous avez quelque reste d'amour,
Aussitôt qu'Abélard ne verra plus le jour,

Car enfin à mes maux il faut que je succombe
Souffrez qu'au Paraclet on me creuse une tombe.
Si la mort après moi vient vous ferme les yeux,
Que le même tombeau nous enferme tout deux.

RESPOSTA DE HELOISA

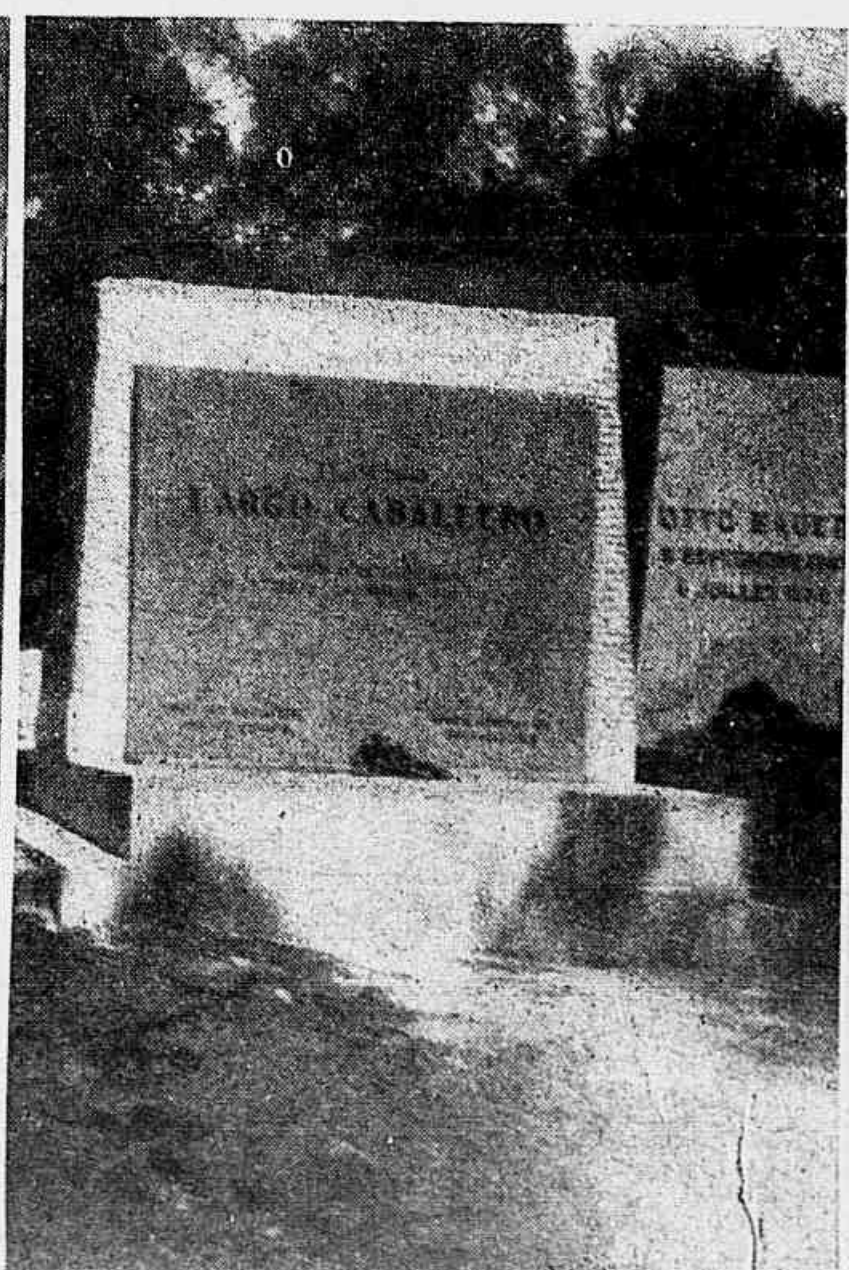
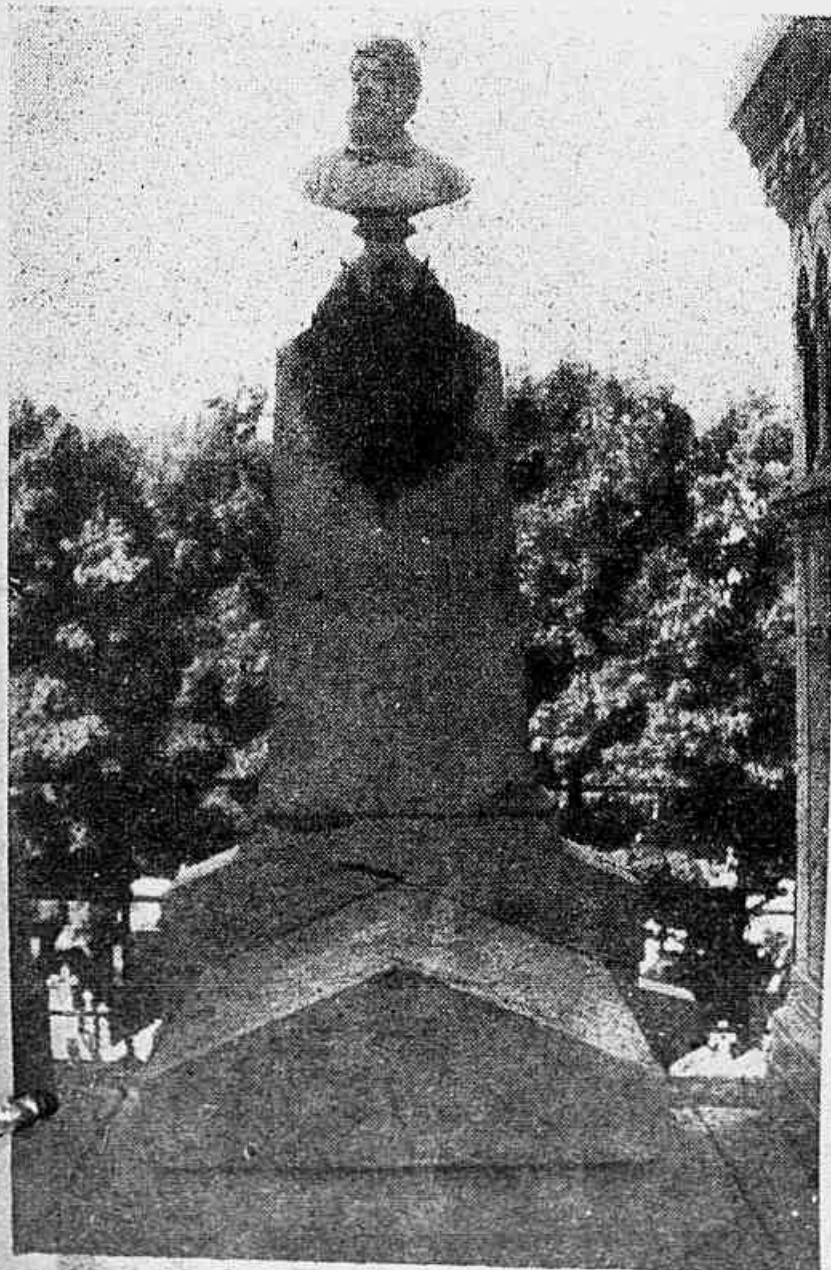
Que de tes jours le ciel protège le flambeau;
Mais lorsqu'ils s'éteindront, que le même tombeau
Réunisse Abélard avec son Héloïse,

Qu'on grave nos noms; il suffit qu'on le lise.
Si dans ces tristes lieux, par l'amour amenés,
Quelques amants, un jour, y visitent nos cendres,
Courbés sur notre marbre et les fronts inclinés,
Ahl diront'ils baignés des larmes les plus tendres,
Puissons-nous, en aimant, être plus fortunés!".

Realizou-se, pois, o grande sonho de ambos, cujas cinzas descansam juntas, já há oito séculos...

(Cont. na pág. 56)

Em baixo, a partir da esquerda: A sepultura de Bizet, encimada pelo seu busto em bronze, de P. Dubois, leva apenas esta singela inscrição: "A Georges Bizet, Sua Família e Seus Amigos". A de Largo Caballero, o grande líder republicano espanhol, vítima do regime fascista de Franco, fica ao lado da de Otto Bauer. O túmulo de Alfred de Musset, o glorioso poeta, está na Avenida Principal, entre inúmeros outros nomes imortais,

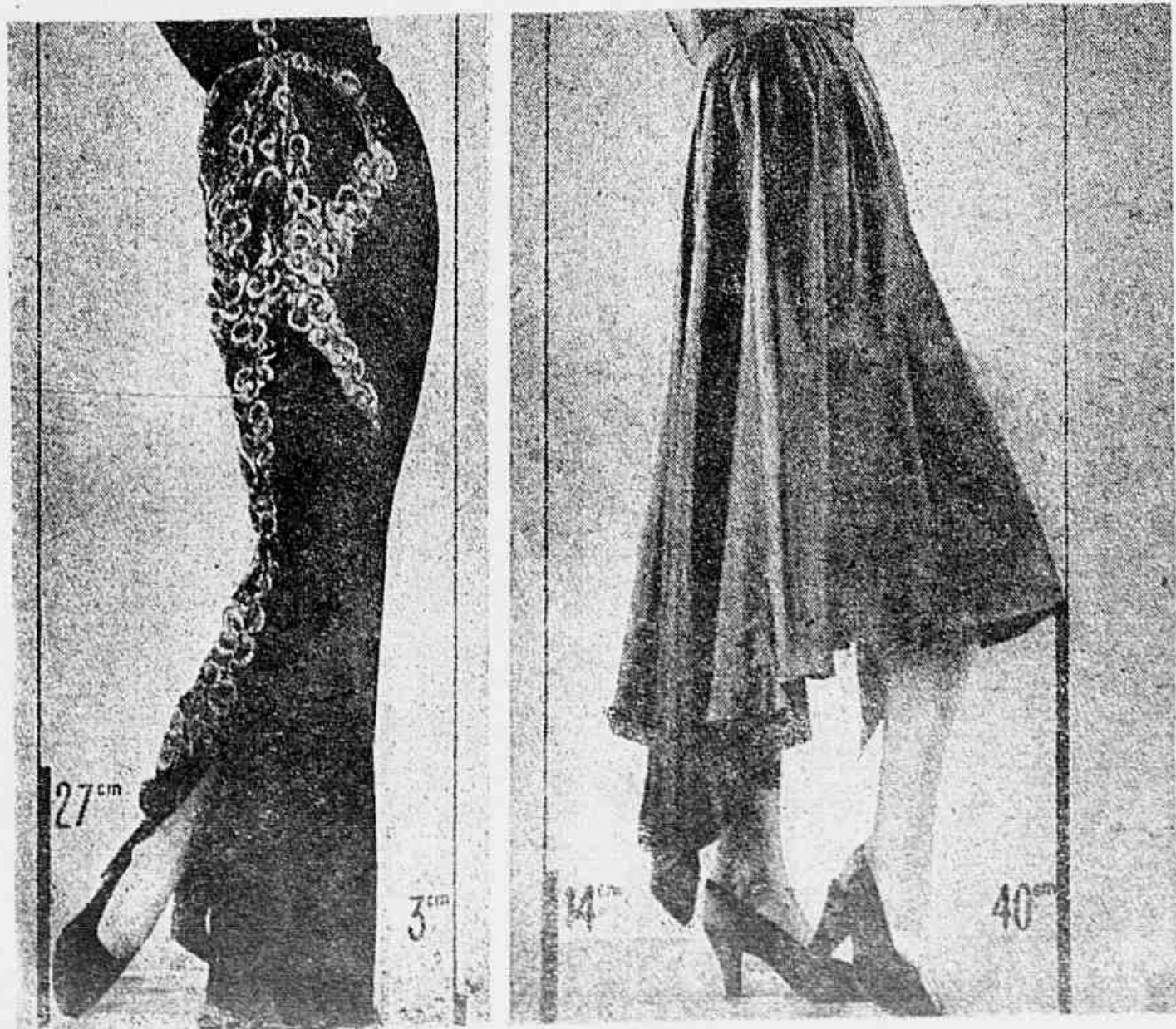




NOS BASTIDORES FEMININOS

A pressa com que muita gente se casa é um dos motivos principais que ocasionam a infelicidade no matrimônio. A mulher, principalmente, resolve casar e pronto!... o faz com o primeiro que lhe aparece, sem procurar verificar se esta ou não preparada para isso. Porque é preciso estar preparada para o casamento! Muita infelicidade poderia ser evitada se antes de tomar uma decisão definitiva, a mulher analisasse honestamente os fatos. De cinco casamentos, dois fracassarão, os outros dois serão de um padrão normal de felicidade, e somente um será verdadeiramente feliz. Em resumo, você terá uma "chance" em cinco, de se tornar imensamente feliz, e duas de se tornar regularmente feliz... Nem todas as mulheres estão temperamentalmente preparadas para o casamento. Uma mulher ativa, por exemplo, que deteste a rotina e necessite de companhia constante, não encontrará no casamento uma satisfação completa. Outras acham que devem casar e que querem ter ao mesmo tempo um marido e uma carreira, também não encontrarão grandes "chances" no casamento. É difícil ser esposa, mãe e funcionária ao mesmo tempo... Você que acha que deve permanecer independente, ou você cuja saúde não é muito boa, ou você ainda que porque teve pais infelizes não acredita na felicidade, ou que não quer ter filhos, talvez seja melhor ficar solteira. Para você, talvez seja melhor o trabalho, porque do contrário, você estará trocando a sua liberdade e a sua atual felicidade, por uma situação que logo de início, apresentará desvantagens para você. Mas, se você quer possuir um lar e família, se você é saudável e teve uma infância feliz, se você julga que poderá assumir a responsabilidade de uma casa, você deve e ca ar. Você poderá enriquecer a sua e outras vidas com o seu amor, o seu interesse, a sua dedicação... Estar pronta para o casamento é conhecer as suas responsabilidades, e, mesmo que a você falte uma ou duas das qualidades necessárias, ainda assim você poderá ser uma esposa feliz. Depois que você se sinta preparada para o casamento, deverá então procurar conhecer o tipo de homem que possa fazê-la feliz. Espere até ter disso, certeza absoluta. Ambos deverão pensar da mesma maneira sobre filhos. Cada um deverá ter visto o outro em ambientes e situações diferentes, afim de evitar que parte das suas personalidades se venha a tornar um mistério. Você deverá gostar do seu trabalho e demonstrar em público o seu orgulho. "Ele" de era gozar de boa reputação. Se vocês tiverem muita coisa em comum, maior ainda a probabilidade de ser feliz. Talvez existam muitas coisas que vocês possam fazer juntos. Ler, escrever, tocar ou pintar, enfim, qualquer coisa que se a, contribuirá para aproximá-los mais ainda. Ambos deverão possuir os mesmos ideais e o mesmo nível de vida. Um pelo menos, deverá ser tranquilo, tolerante e ter tato. E quando já casa-los, você deverá agir conscientemente, qualquer que seja a dificuldade surgida entre você e o seu esposo, ele deverá ser tratado com franqueza e honestidade. Não esqueça também que grande parte dos aborrecimentos no casamento, são provocados por assuntos relacionados ao dinheiro. Tenha sempre em ordem as suas despesas, e qualquer embaraço que surgir, saiba tratá-lo com fineza. Agindo assim, você terá aumentada a sua oportunidade de ser feliz!

KITTY



O COMPRIMENTO DAS SAÍAS

A verdadeira elegância feminina é agora julgada pelo comprimento das saias. Elas variam de comprimento de acordo com as horas em que são usadas. A 10 centímetros do chão num modelo para jantar, de Leuvín. A 36 centímetros, modelo de Balenciaga, para a tarde; à 3 cm, com abertura a 27, modelo de Paquim para a noite; para uma reunião elegante a 40 na frente e 14 atrás. Finalmente para a rua, a 39 cm, modelo de Lelong.

O ESPIRITO *Feminino* ATRAVÉS DOS TEMPOS

FALTOU COM A PALAVRA

Quando Olga Prager Coelho andava pela Austrália, não falava ainda o inglês perfeito e corrente que hoje fala. Volta e meia tropeçava com uma palavra ou outra e, não raro, se via embaraçada com seus enganos. Ela mesma nos conta, com muita graça, o seguinte episódio. Na véspera de um concerto, numa grande emissora australiana, lembrou-se de que não se havia certificado a respeito do traje com que deveria aparecer em público. Das suas experiências na Inglaterra, deduziu que deveria estar trajada a rigor. Entretanto, podia ser que os músicos australianos dispensassem essa formalidade. Por via das dúvidas, apelou para o maestro.

— Com que roupa deverei estrear amanhã?

— Tem alguma preferência? — perguntou o maestro.

— Sempre visto "night-gown". Mas, se os músicos preferem outra roupa qualquer, não farei objecção.

O maestro meditou um instante e, em seguida, foi consultar os músicos.

— Eles usarão "smocking" como sempre, — declarou, — mas se a senhora quiser vir de "night-gown" nada teremos a opôr. Não queremos quebrar os seus hábitos...

No dia seguinte, Olga Prager vestiu o seu melhor "soirée" e brilhou muito. Mas notou que os professores que a acompanhavam pareciam meio desapontados. Até que um deles esclareceu:

— A senhora nos decepcionou um pouco... Tinha dito que viria de "night-gown".

E a popular cantora nacional aprendeu, para seu próprio espanto, que "night-gown" quer dizer camisola de dormir, embora "gown" seja vestido e "night" seja noite... "Evening dress" é que é "vestido de noite".

★

CONVITE

— Até breve, mademoiselle, — despediu-se um admirador da atriz francesa Rachel, em São Petersburgo. — Iremos, em breve, com o nosso Exército, até Paris beber aquele champanhe maravilhosos!

— Oh, fez Rachel. — Mas o senhor está enganado... É pena... Nós não temos costume de servir champanhe aos prisioneiros...

★

EXPERIENCIA

Miss Frances Keller, da Liga Feminina de New York decidiu durante um jantar de gala, provar o erro da velha asserção de que "as mulheres são mais vaidosas que os homens". Depois de algumas palavras sobre o assunto, exclamou:

— A verdade tem que ser dita! Na realidade as mulheres são mais vaidosas. Vejo por exemplo, que nesta reunião, os homens mais simpáticos são displicentes e têm o nó da gravata torcido.

Na mesma hora todos os homens presentes levaram as mãos ao pescoço para concertar a gravata...

★

GALANTEIO

Lady Randolph Churchill estava ajudando a campanha política de seu marido, e pedindo votos em Woodstock. Surgiu-lhe pela frente um operário que lhe declarou que jamais votaria num sujeito tão preguiçoso que ficava na cama até a hora do jantar.

Lady Randolph procurou convencê-lo de que aquilo não era verdade e, por fim ajuntou:

— Como eu sou a mulher dele, acho que tenho autoridade para desmentir isso.

— Ah, — retrucou o operário, — se a senhora fosse minha mulher, com toda essa atividade, eu não me levantaria nunca!

★

A SENADORA

A senhora Hattie Caraway, eleita senadora pelo Estado de Arkansas, nos Estados Unidos, foi apresentada aos seus eleitores através de um entusiástico discurso feito por uma de suas conterrâneas mais ardorosas. Esta se desmanchou em elogios, apontando-a como uma figura de extraordinário fulgor. E terminou apoteoticamente:

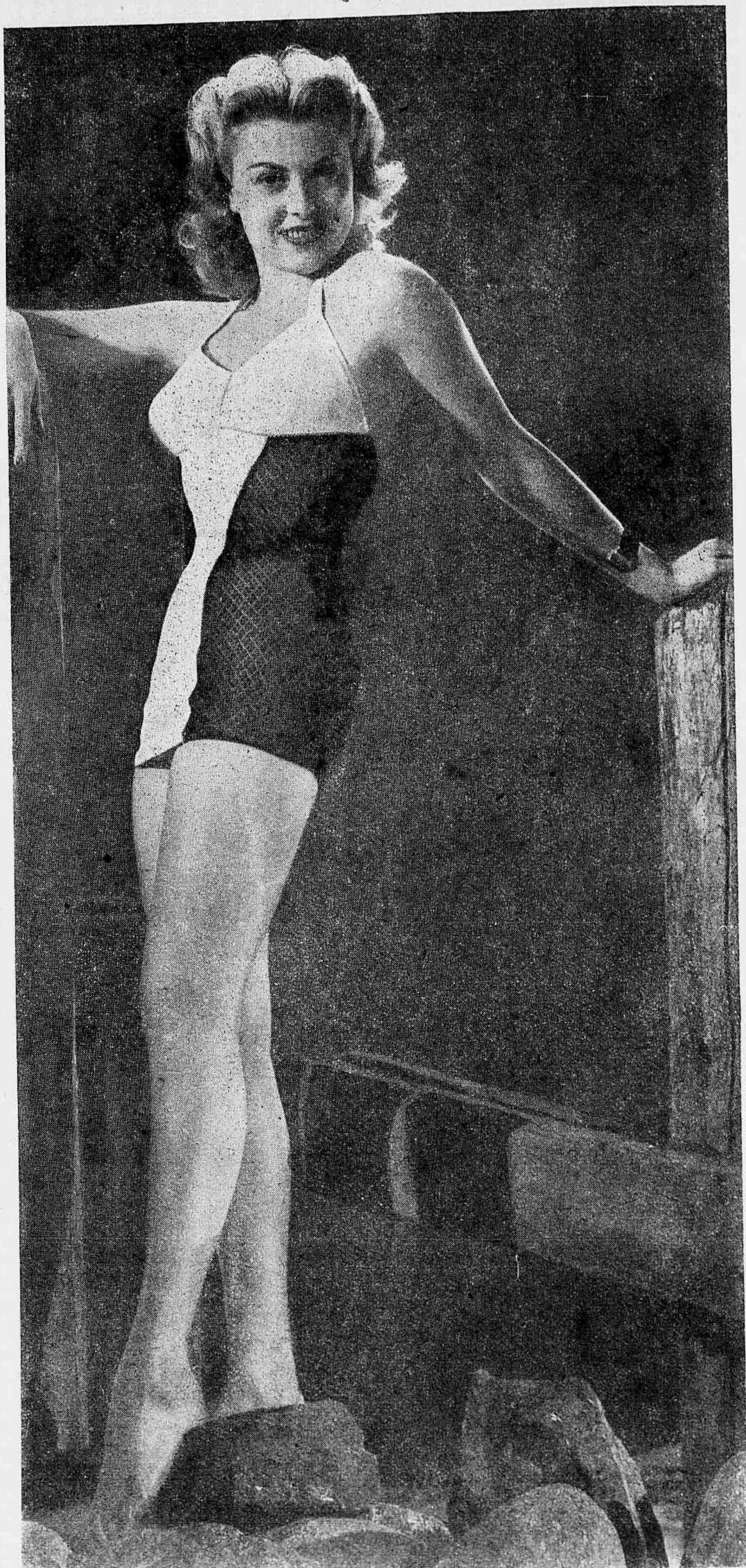
— Senhores, tenho a honra de apresentar-lhes a mulher mais "notória de Arkansas".

★

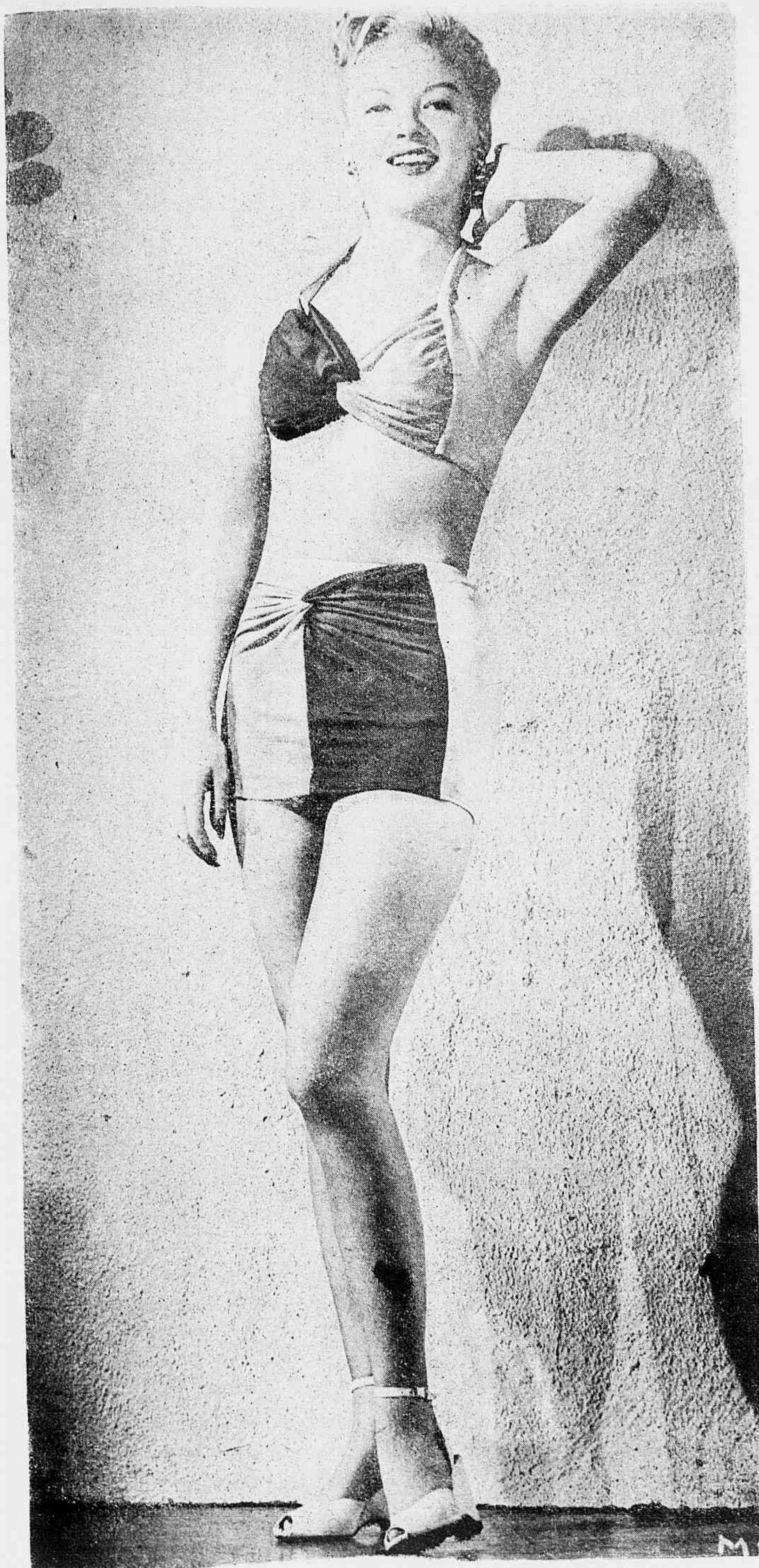
SOCORRO

Dorothy Parker, afim de atender a uma solicitação maçante, foi obrigado a passar um fim de semana com pessoas com que não tinha nem amizade nem afinidade. No fim do primeiro dia, telegrafou a um amigo: "Mande-me uma lima e um martelo dentro de um pão de forma."

(Seleção de L. B.)



"MAILLOTS" DE HOLLYWOOD



SEM dúvida, o que há de mais bonito em Hollywood são as suas pequenas... Principalmente quando são pequenas atômicas como estas que aqui aparecem, exibindo as últimas criações em matéria de "maillot". O de Miss Suzi Crandall parece ser muito discreto, não acham? Mas, sabem que toda essa parte preta é feita em tecido rendado! Sim, rendado O de Myrna Dell, também da RKO Rádio, é um "duas-peças" em cores com original drapeado na frente.

MURO DAS Lamentações

A NECESSIDADE DE DESABAFAR

E é verdade que hoje o orgulho de "civilizados" nos leva a assumir atitudes de cristas fortes diante da vida, mais verdade ainda é que, bem no fundo de nós mesmos, momentos há em que bem melhor nos sentiríamos se também tivéssemos um muro discreto, e ao mesmo tempo afetuoso, para receber os nossos desabafos.

Mas... e a família, e os amigos, e os sacerdotes? Então para que servem?

Não é a mesma coisa. A família e os amigos, em geral, nos querem muito mas não nos compreendem. E há muitos casos gravíssimos que conseriamos a um desconhecido, talvez, mas que temos questão de ocultar aqueles a quem amamos, por pudor e para poupar-lhes aborrecimentos. Quanto aos sacerdotes, muitas são as pessoas que não saberiam como recorrer a eles por não terem fé religiosa, e muitas outras que temeriam a parte deles um ponto de vista excessivamente próximo do céu...

E o céu é eterno, pode esperar. Nosso principal problema é aqui. Desejamos, precisamos ser mais felizes aqui, neste mundo, e também desejamos e precisamos fazer os outros mais felizes.

Na ilusão de podermos ajudar qualquer coisa nesse sentido é que fazemos surgir, hoje, aqui, este "Muro das Lamentações". Numa coisa ele difere do original que fica na Palestina: não serve apenas para receber queixas, pois entende que a lamentação não é um objetivo, e sim um meio — daí o nosso "Muro das Lamentações" ter uma porta, a "Porta da Felicidade". Quem quer entrar?

Comunicamos a todo possível candidato que as possibilidades de abri-la são grandes, mas que nós não podemos fazê-lo por ninguém. Podemos apenas, e isso faremos com alegria, entregar-lhe uma chave, com a qual um tratara de forçar a renitente fechadura. Essa chave — as nossas palavras — será a resposta às "lamentações" que nos forem dirigidas. E quando chave não bastar, seremos até capazes, sem que ninguém nos veja, de lhe passarmos uma gazua...

Assim, aqui está este "Muro das Lamentações", para você ter a quem dizer, sem perigo de indiscreção, os sofrimentos, as insatisfações ou os conflitos que lhe vão no coração. De nós você receberá um conselho, uma opinião, um carinho, uma animadora palmadinha nas costas — ou talvez, mesmo, um puxão de orelhas — dados com absoluta honestidade, compreensão humana, ausência de falsos preconceitos, espírito prático e sincera vontade de ajudar.

Se tem algum problema, escreva-nos para "Muro das Lamentações", aos cuidados da "REVISTA DA SEMANA". Não será preciso mandar seu verdadeiro nome, nem endereço, bastará um pseudônimo que o identifique. Depois, procure sua resposta num de nossos próximos números.

Vamos, conte-nos o seu caso!

CONFIDENTE

RESPOSTAS AOS CONSULTANTES

AFLITA — Niterói — Seu caso é extremamente delicado, e só pode ser resolvido por você mesma, após um cuidadoso exame de consciência. Se acha que poderá enfrentar as consequências futuras desse casamento sem se arrepender, e, principalmente sem se queixar, será caso de dar o "sim". Mas se percebe que mais tarde se arrependerá, no caso de se dar a pior hipótese, então é melhor retroceder agora, mesmo que a separação não se possa dar de maneira totalmente amistosa. Você lhe deve esta sinceridade absoluta, porque ele tem a lealdade de lhe revelar a existência de tão grave enfermidade em pessoa de sua família, quando poderia facilmente tê-la ocultado. O caso se resume, portanto, em saber qual o grau de seu amor pelo rapaz. Faça uma honesta e profunda análise interior e veja se não pode viver sem ele, se prefere tê-lo gravemente enfermo, no futuro, a perdê-lo para sempre. E para completar os dados para a sua decisão, lembramos a conveniência de ouvir a opinião de um médico sobre as probabilidades que tem o rapaz de aparecer, futuramente, contaminado. Quem sabe se você não está fazendo o caso mais negro do que ele realmente é?

JOVEM AUDAZ — Juiz de Fora — Seu problema não constituirá problema se você tiver a idade que imaginamos, entre os quinze e os dezoito... acertamos? Se acertamos, não fique preocupado, pois a indecisão é muito natural nessa fase, em que ainda não se definiram completamente as tendências que predominarão no desabrochamento final da personalidade. Por isso, é bem provável que você, mais tarde, passados os temores da hora presente, possa vangloriar-se de ser, sem exagero, um autêntico "Jovem Audaz". Por enquanto, escreva-nos novamente, confirmando ou não a idade. Mais tarde, esperamos receber carta sua de Singapura ou de Tahiti, contando proezas...



CONTAM os historiadores que os portugueses ficaram muito espantados, quando perceberam que os aborígenes não usavam a pancada como fator educativo. As crianças eram entregues aos velhos da tribo, que se faziam obedecer pela natural dignidade.

O exemplo de nada serviu aos lusitanos, porque estabeleceram no Brasil um regime de pancalaria, que tanto atingia ao escravo como ao sinhô-moço.

O relho, a palmatória, a correia e a vara de marfim são símbolos de tortura muito próximos das nossas lembranças e ainda nem tivemos tempo de recalcar-los. Eram onipotentes na senzala, na escola ou no lar, esmagando rebeldias e intimidando os menos afoitos, que apenas ensaiavam uma leve expressão da sua personalidade.

A diferença do sistema para os nossos dias não foi, propriamente, um abandono destes processos, mas a utilização de objetos mais modernos, que estejam mais à mão no momento da cólera, como o chinelo, o cinto ou mesmo o fio da máquina de costura. Deixou-se, é verdade, de entronizar os instrumentos de suplício, e, hoje, eles não ocupam lugares de honra, vistosos e imponentes, prevenindo revoltas, antes mesmo de despontarem; saíram no momento oportuno e agem com a mesma ferocidade que dantes.

Mas já é tempo de se perguntar, se infligir a dor é ou não um fator corretivo. Os educadores modernos são unânimes em afirmar que não. Talvez haja uma diminuta excessão à regra, que não devo citar para não dar desculpa aos que quisessem utilizá-la com outros motivos.

Produzir a dor para conseguir obediência é processo que, nem mesmo aplicado cientificamente na polícia, dá sempre resultado. E contra o seu emprego há centenas de objeções. A primeira e mais importante é a possibilidade de despertar atitudes mazoquistas, sendo portanto condenável, sob o ponto de vista de higiene mental. Há o fato também insofismável de que a pancada aproveita mais ao sadismo de quem dá do que ao aperfeiçoamento moral de quem recebe. Sover alguém é não somente o ato de descarregar aborrecimentos ou fracassos sobre objetos que recebam passivamente a nossa cólera, como mesas, portas ou crianças. Sem esquecer ainda a bela desculpa de que se está educando para a sociedade um ser que depende de nós.

Se analisarmos os efeitos teremos o rancor e a humilhação de quem foi ferido se acumulando na alma infantil para formar a revolta do ser adulto.

Em alguns indivíduos a dor vem satisfazer uma necessidade de espeznimento e transforma-se mágicamente, em satisfação; mas nem mesmo nesses teríamos razão de bater, porque se a finalidade era causar temor e sofrimento e produzimos alegria, por que bater, então?

Se algumas mães cuidadosas procurassem refletir sobre os variados motivos, que justificam as surras nos petizes, chegarão a perceber que um fato que hoje as irrita, ontem, talvez as divertiu: a razão da cólera, se pesquisarem bem, está mais nelas mesmas que no erro que a criança comete.

E se errar é motivo de sofrer uma dor física imediata, por que não aplicamos nos adultos com que convivemos o mesmo critério? Dar-se-á o fato de que não errem? Não. A explicação é uma só e bem simples: eles "também" são fortes e reagiriam desagradavelmente para nós.

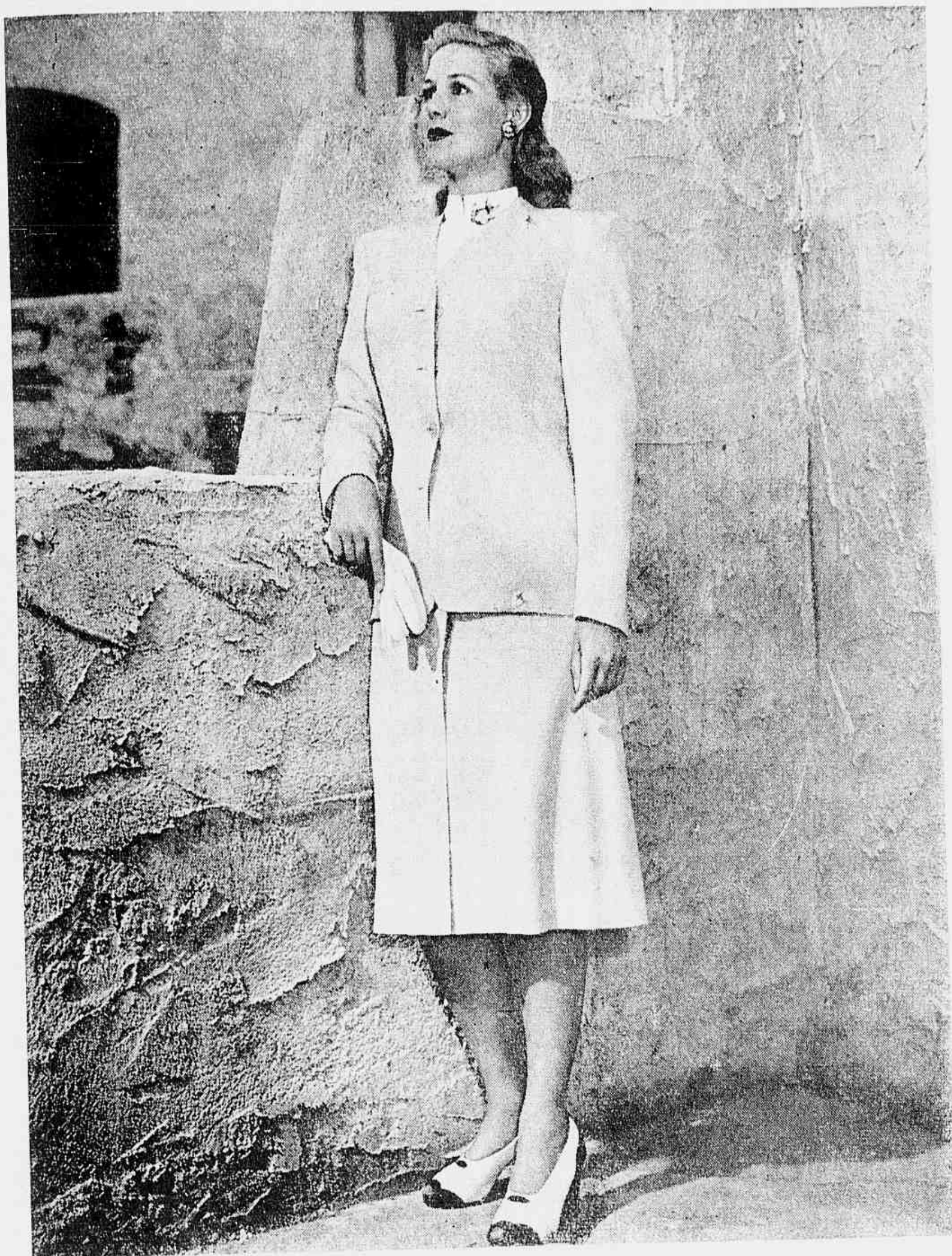
Convençam-se, pois, os pais: as crianças apagam porque são indivíduos fracos, incapazes de nos atemorizar nas nossas explosões de ódio.

ZÓIA DE LAET



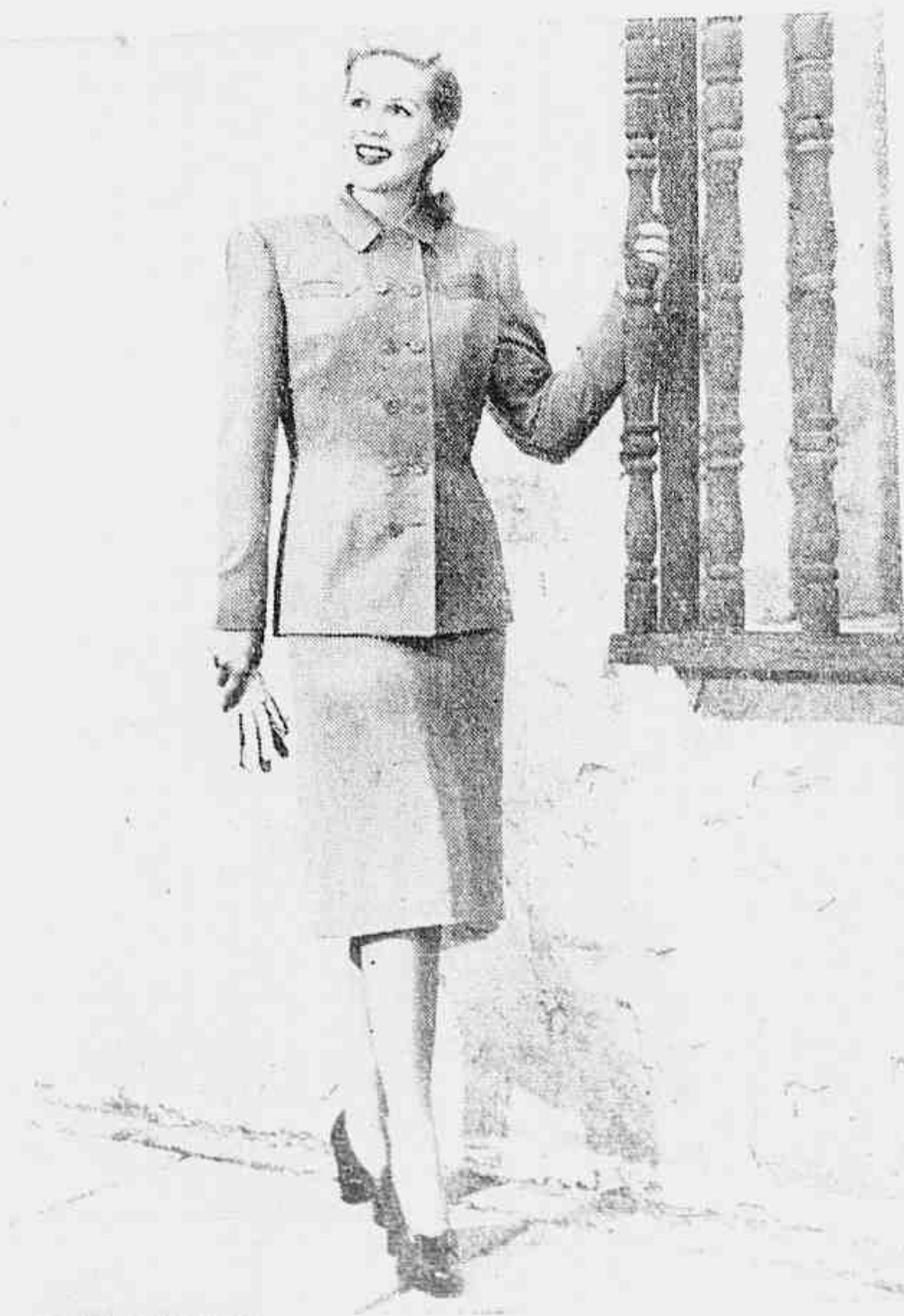
NO verão ou no inverno, o "tailleur" é uma peça indispensável no guarda-roupa feminino. Quer a elegante que só sai para as suas compras ou para uma reunião, quer a moça que trabalha num escritório ou numa repartição, ninguém, afinal, pode dispensar o uso do "tailleur". Inegavelmente, é um traje que vai bem a quase todos os tipos e em todas as idades e se presta a inúmeras variações: ora usando blusas de corte masculino, ora outras mais vaporosas e femininas ou ainda "echarpes", laços "jabots", etc. Os nossos modelos são elegantíssimos e próprios para a nova estação. Fazendo ressurgir o tesouro de seda ou palha de seda, Joan Bennett, da Universal-International, exibe um elegante "tailleur" do cor-

'TAILLEURS'



te clássico. Sáia em penas. Casaco abotoando com um só botão. Na página à esquerda, em baixo: Paulo Croset, a simpática "estrela" da Universal-International, com um "tailleur" clássico de gabardine azul. Lapelas largas com muito transpasse. Ao alto, à direita: A gabardine é um dos tecidos favoritos para o verão. Este "tailleur" de Paulo Croset, a francesinha que a Universal-International lançou em "O exilado", é em gabardine bege. O casaco é sem gola, com dois bolsos embutidos sobre o busto. Larga "pestana" na frente e atrás da saia. Em baixo: Outro "tailleur" de Miss Croset. Todo fechado com duas cartolas de botões. Dois bolsos embutidos no casaco. Sáia com "pestana" na frente.

DE VERÃO



A PERSONALIDADE da Semana

LUCIA MACHADO DE ALMEIDA

A escritora mineira, cujos contos parecem o realismo, se baseiam sempre sobre a mais frutífera da pura fantasia poética, quando, na séria base científica, nasceu mesmo para embelezar o mundo das crianças.

— Não gosto do pouco que escrevo para os grandes, confessa, meio encabulada. Só me sinto a vontade quando falo às crianças!

Como também gosto do mundo maravilhoso do fundo dos mares, começamos a discutir as aventuras do dragão marinho, do golfinho, do espadarte e da pablina, da maneira mais séria deste mundo. Mergulhamos neste país fantástico, até que, lembrando-me da entrevista que tencionava fazer, aproveitando-me da minha viagem a Belo Horizonte, pergunto a Lucia Machado de Almeida como ela consegue aliar a verdade poética à verdade didática.

— Observo e leio muito antes de inventar uma história. As vezes penso num livro durante um ano antes de escrevê-lo. E quando começo a fazê-lo, mergulho no mundo dos meus bichos. Raciocino como eles poderiam raciocinar. "Se seus hábitos são estes", vou pensando, "deveriam logicamente ter reagido desta maneira". Vivi durante muitos meses debaixo d'água!

— E onde está vivendo agora?

— Com os insetos. Durante dois meses vivi borboleta! Estou terminando uma história que me apalmei. Você vê, a natureza é tão linda que bastaria despertar nas crianças o amor para com ela. Queria que não passassem ao lado sem senti-la sem compreender sua beleza.

Existe também muita beleza em torno de Lúcia. Sua casa tem a atmosfera que provém da harmonia dos objectos escolhidos para formar o lar. As virgens e os cantos de madeira pintados com ouro e tintas suaves, a Nossa Senhora da Conceição de Ouro Preto e o São Joaquim de Sabará emprestam um ar tradicional à casinha da cidade tão nova de Belo Horizonte. Em todos os cantos, vejo objectos que lembram os antigos artesãos desta terra mineira: velhas pratas, cobses, um fuso, uma grande baderna de ferro, pintada de flores sentimentais, cadeiras confortáveis, porque são equilibradas. Mas a casinha não tem nada de parado e a beleza dos quadros modernos continua naturalmente a beleza dos objectos antigos, formando um conjunto muito natural e, sobretudo, vivo. Um Marie Laurencin nacio, um desenho de Arpad Szenes, uma cena folclórica de Luis Soares, um Di Cavalcanti, e, sobretudo, um Guignard de sonho. E uma floresta de conto de fadas, com árvores, e um lago e um céu feitos para as ninfas brincar. Imagino, debaixo das folhas, leves fadas que se ap. sojeque opuscular "ouquq oead unedead ouro como a Lorelei. Tudo é mistério e poesia. E' uma das obras primas de Guignard, do rei Guignard, como o chamem desde que Cecilia Meireles improvisou no seu atelier:

Árvores de nuvem
e flores do mar
— leval-me a esse mundo
do Rei Guignard!

Porque será que nos lembramos do mar nestas montanhas mineiras, calmas, com suas estrêlas gigantes e seu ar puro?

Lúcia já tornou a falar dos seus peixinhos, quando pergunto o que tem escrito ultimamente.

— Dois livros novos vão sair agora. "A Viagem Maravilhosa de Marco Polo", uma fantasia baseada no original do velho escribo Prusticiano de Pisa. "Lendas da terra do Ouro" conta as velhas histórias do período do ouro. Estes contos são mais para adolescentes. Mas onde me sinto realmente bem e inventando, inventando para as crianças. O livro sobre os insetos que estou acabando realmente me apaixonou.

E como se achasse que falamos bastante sobre suas obras que, ao meu ver, são muito importantes, pois raros são os escritores que compreendem a responsabilidade que tem o autor para crianças e possui, ao mesmo tempo, o verdadeiro espírito poético, Lúcia me chama no jardim.

— Venha ver uma coisa bonita!

Mostra-me um bicho fantástico esculpido na madeira, que vem de um velho barco.

— Está descansando conosco antes de ir para o Museu do Ouro de Sabará!

O ar puro é tão claro que as montanhas se deslinham ao longe, com nitidez, e as cores das flores, dignas de ilustrar os contos de fadas de Lúcia, emprestam à hora algo de sobrenatural.

YVONNE JEAN

O ESPIRITO *Feminino* ATRAVÉS DOS TEMPOS

Si você ainda tem o hábito de jantar aos Domingos, creio que chegou a hora de mudá-lo. É mais econômico, mais prático e mais agradável, realizar-se um "lunch" ou uma pequena ceia que substitua o jantar dos Domingos.

O mesmo se aplica a esse costume de deixar para a noite as "sobras" do almoço. Restos de salada ou de outro qualquer prato, que podem ser muito gostosos a hora em que são feitos, mas que, quando deixados para a noite, na geladeira ou na estufa, perdem todo o seu sabor original, e até o seu valor nutritivo.

Com pouca coisa e em pouco tempo, você poderá fazer pratos verdadeiramente deliciosos, de execução simples e rápida, que substituirão com vantagem o jantar ou as "sobras". Mesmo que você não esteja habituada a entrar na cozinha, mesmo que você não tenha prática "dessas coisas", mesmo que a cozinheira se recuse terminantemente a ficar para fazer o "lunch", acho que você deverá tentar.

É possível que na primeira "investida", as coisas não saiam tão gostosas assim, mas com certeza, nas vezes seguintes os resultados serão bem melhores, até que um dia você se tornará perita "nessas coisas".

E, francamente, é tão grande a satisfação que você proporcionará com isso aos seus, que mais uma vez insisto: vale a pena tentar!

BOLO BAIETA

Ingredientes: 400 grs. de açúcar; 400 grs. de farinha de trigo; 100 grs. de manteiga; 2 côcos; 5 ovos; 1 colher, das de sopa, de banha; raspa de um limão.

Preparação: Batem-se muito bem os ovos com o açúcar e a raspa de limão e em seguida acrescentam-se a farinha, o leite dos côcos extraído com três chicanas, das de chá, de água morna, a manteiga e a banha. Mistura-se tudo muito bem, põe-se numa forma untada com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.

PAO DE LO

Ingredientes: 250 grs. de açúcar; 250 grs. de farinha de trigo; 12 ovos.

Preparação: Batem-se muito bem os ovos com o açúcar e em seguida juntam-se-lhes a farinha com cuidado, mexendo-se com uma colher de pau. Despeja em forma untada e forrada com papel. Assa-se em forno brando.

PUDIM DE INHAME

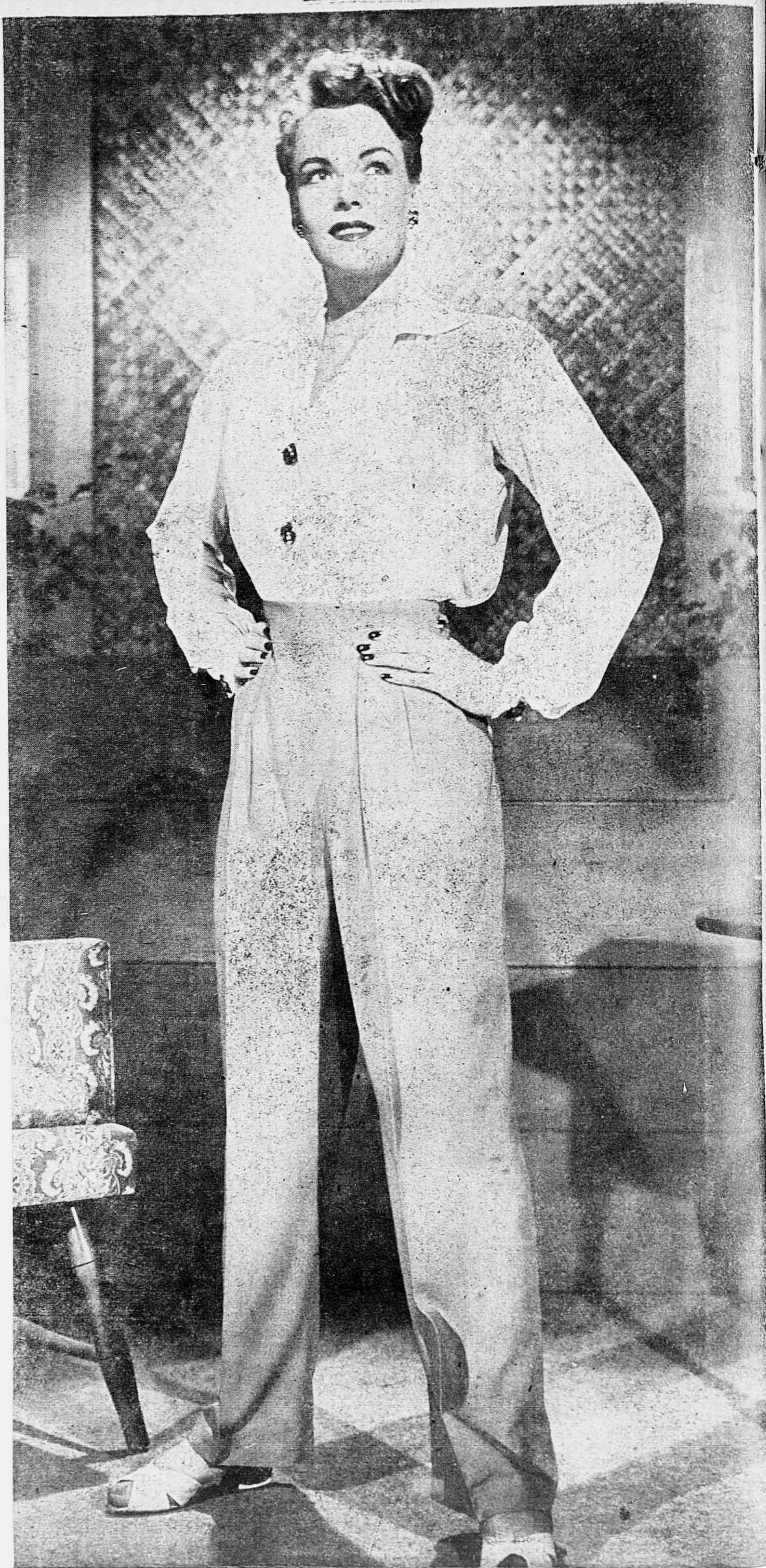
Ingredientes: 250 grs. de açúcar; 100 grs. de queijo ralado; 1 chicara, das de chá, de leite de côco puro; 2 chicanas de inhame cozido e amassado; 1 colher, das de sopa, de manteiga; 6 ovos.

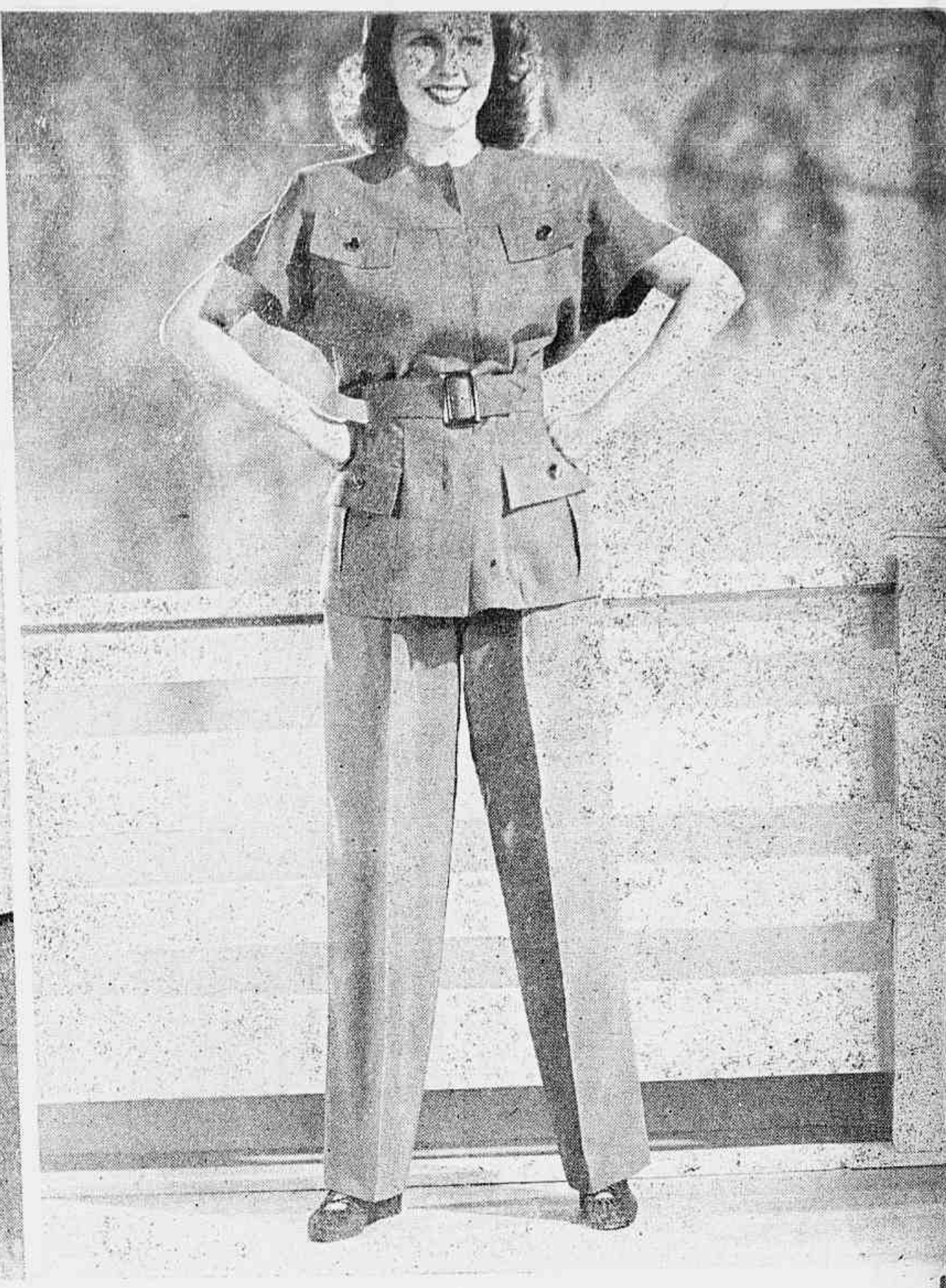
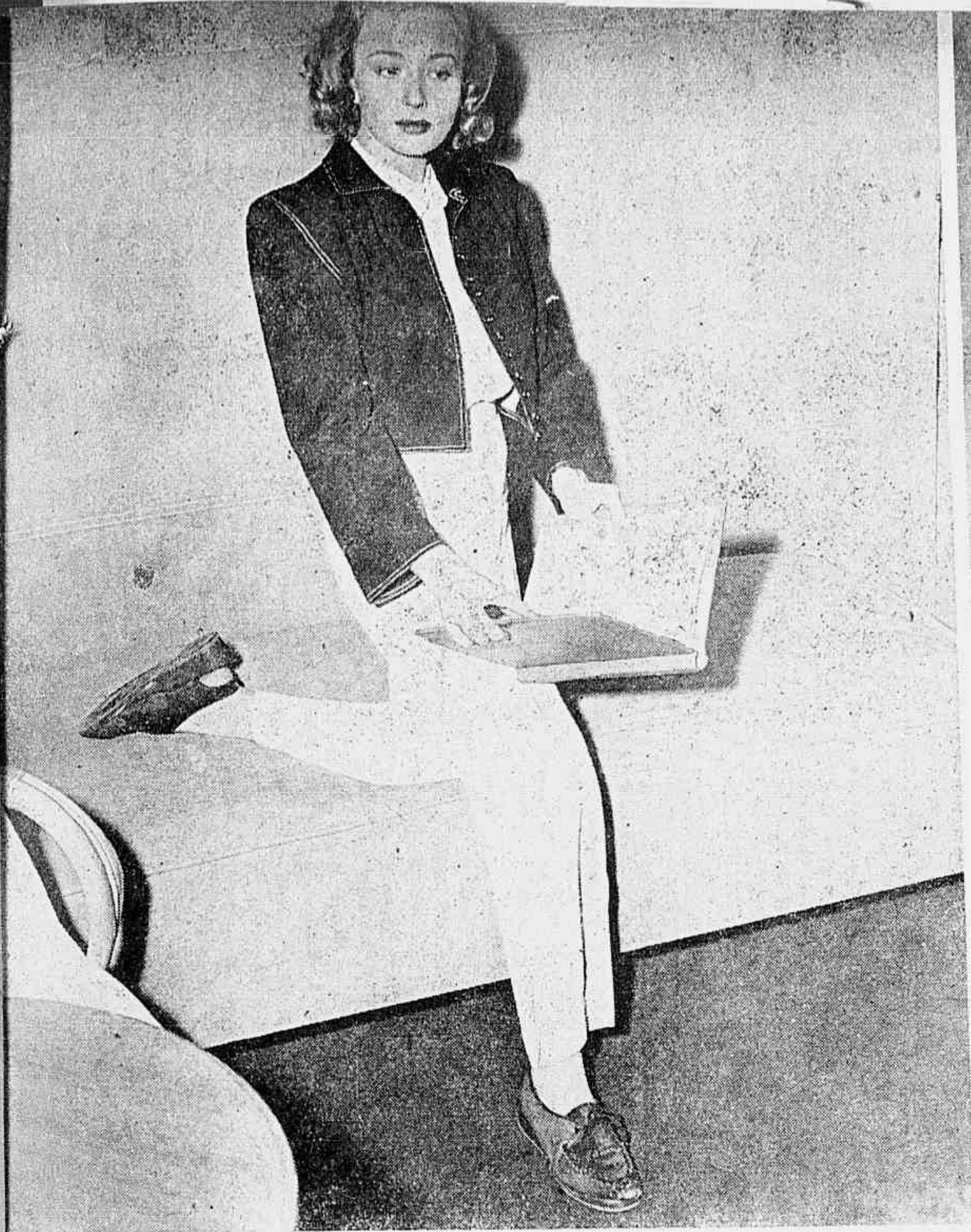
Preparação: Põe-se o inhame numa caçarola e juntam-se-lhe a manteiga, o queijo, o leite de côco, o açúcar e as gemas, mexendo-se tudo muito bem, com uma colher de pau. A parte, batem-se as claras em neve e adiciona-se à massa. Mistura-se tudo muito bem, despeja-se em forma untada com manteiga e assa-se em forno quente.

ROSQUINHAS DE ARARUTA

Ingredientes: 100 grs. de farinha de araruta, 200 grs. de polvilho; 120 grs. de açúcar; 50 grs. de manteiga, 50 grs. de banha, 2 ovos, 1 colher, das de chá, de canela em pó.

Preparação: Juntam-se todos os ingredientes em uma tábua, ou mármore, mistura-se tudo e amassa-se bem. Em seguida fazem-se rosquinhas, põem-se em taboleiro untado com manteiga e polvilhado com farinha de trigo. Salpicam-se com canela e assam-se em forno regularmente quente.





E' curioso que todo esse barulho venha justamente dos Estados Unidos! Sim, é curioso que todo esse barulho sobre o comprimento das saias, venha justamente da terra em que quase que noventa e nove por cento das suas mulheres andam de calças compridas! Gordas ou magras, altas ou baixas, as mulheres de Tio Sam adoram os "slacks" e neles se "enflam" de manhã à noite, sem sequer procurarem se certificar primeiro se eles lhes assentam bem, ou se as tornam ridículas, como no caso das mulheres gordas. Por nós, achamos que devia haver um decreto que, a bem da estética e da decência, proibisse às mulheres gordas o uso das calças compridas! Mas, o que há de incoerente nesse tremendo alarido que vem da América do Norte é que muita gente, homens e mulheres condena o uso das saias compridas, porque elas escondem as pernas... E os "slacks"? Não escondem muito mais ainda? Então, pra que tanto barulho, meu Deus? Vemos nestas duas páginas, cinco lindas estrelas de Hollywood, à esquerda, Angela Green; ao alto, Maria Palmer e Lynne Roberts; em baixo, Dorothy Malone e Wanda Hendrix.

CALÇAS COMPRIDAS





DISPONDO de maravilhosos tecidos em lã, os desenhistas austríacos podem dar liberdade à sua imaginação, resultando daí o aparecimento de modelos graciosos cuja queda é grandemente auxiliada pela maleabilidade dos tecidos. Os modelos aqui apresentados vieram da Austria, onde a moda agora floresce em Viena, com exclusividade para o nosso suplemento feminino. Da esquerda para a direita: Em jersey de lã cinza claro, este modelo tem o falhe de um casaco. A sua parte central é bastante interessante com os seus



FIGURINOS



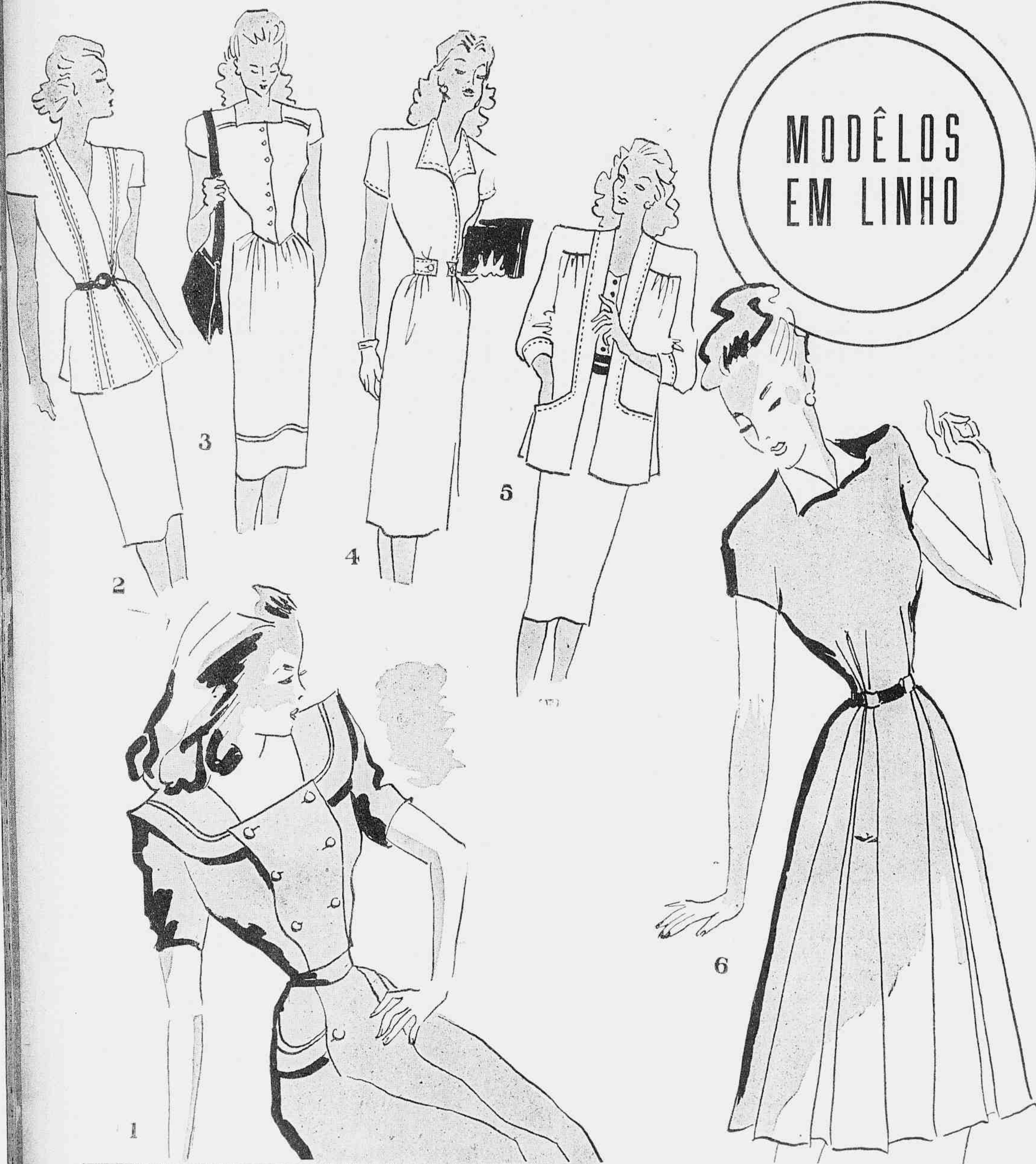
botões quase escondidos. Digno de nota é o cinto de couro de bezerro. Mangas "kimono" três-quartos. Traje esportivo enriquecido por um bolero todo de nervuras. Sáia "godet" com bolsos muito originais. E' executado em lã verde. Contrastando com a austeridade da blusa, a sáia dêste modelo é ampla e de linhas suaves. Manga três-quartos com largos punhos abotoados. Modelo de jersey de lã, rosa-seco. A sáia é bastante bonita. Folhagens do mesmo tom do vestido são aplicadas sôbre a parte mais clara.



DA AUSTRIA



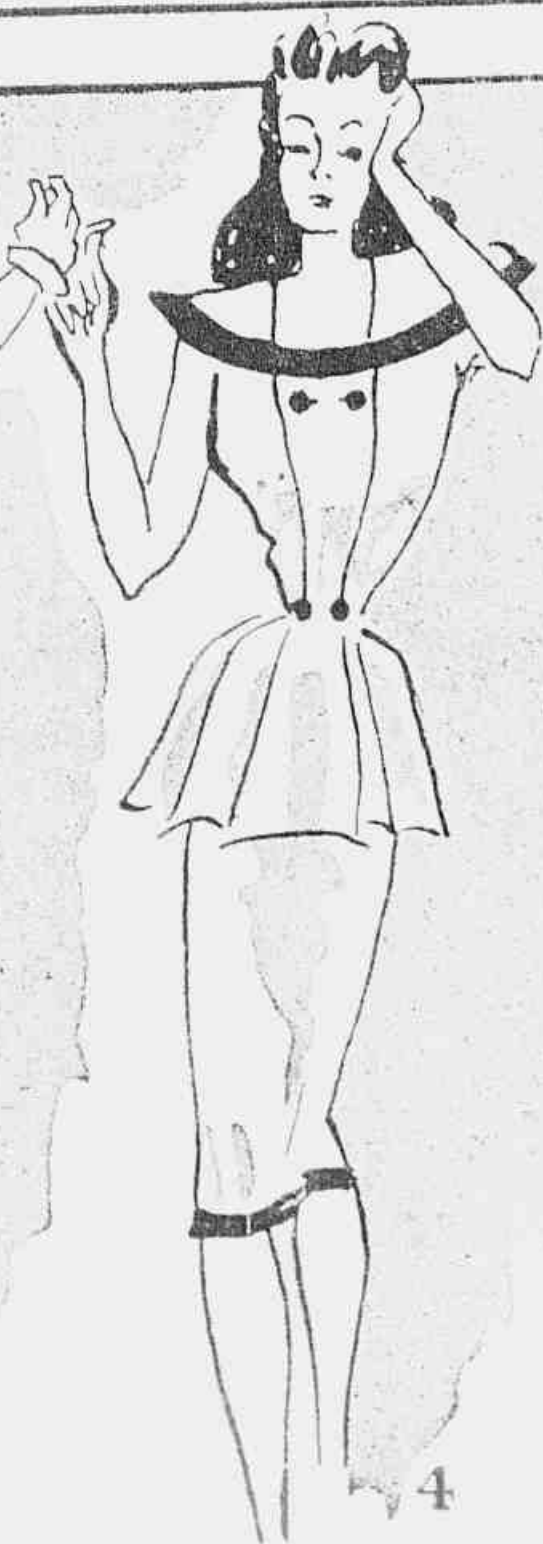
MODÊLOS EM LINHO

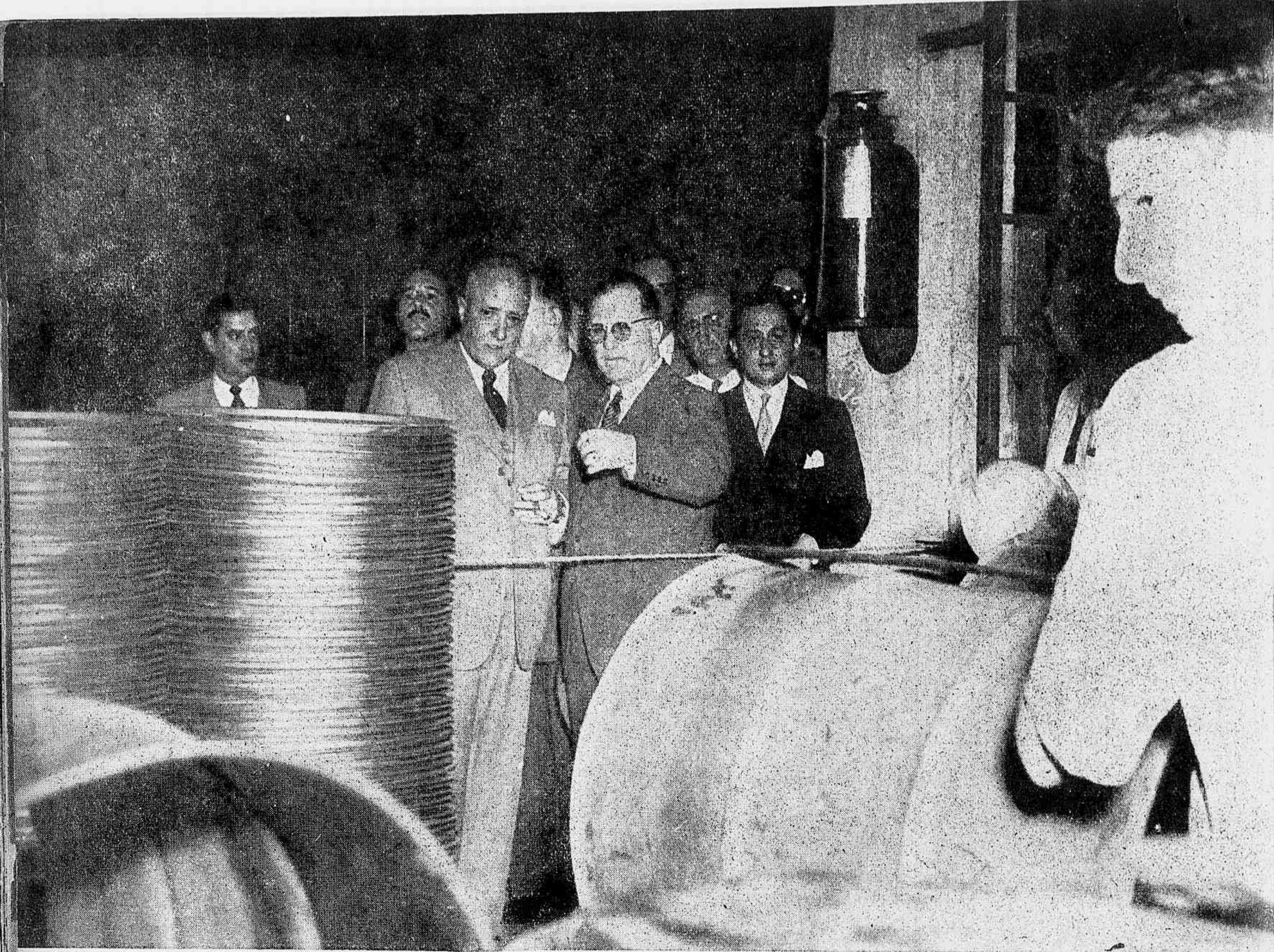


1 — Modêlo de linho com pala sôbre os ombros. Duas carreiras de botões. 2 — Modêlo de linhas simples. O corpo ajustado, a sáia em pregas. Gola branca. 3 — “Duas-peças” de linho. Casaco sem gola e com duas pregas pespontadas. 4 — Para as manhãs de primavera, vestido de linho branco com sáia franzida. Mangas “raglan”. 5 — Simples e esportivo de linho claro com pespontos vivos. 6 — Modêlo de linho com casaco amplo com mangas três-quartos.

MODÊLOS EM SEDA

1 — Vestido de tois e tecidos, abotoado até em cima. 2 — Uma jaqueta moderna de linhas retas, com saia em cor diferente. 3 — Muito "chic" este "ensemble" listrado guarnecido de seda em tom unido, em cor contrastante. 4 — Um vestido ligeiro com "godet" sobre os quadris. Gola redonda. 5 — Os botões estão na moda. Neste modelo eles são aplicados com arte. 6 — A gola, de feitiço de pelerine e a barra do casaco, são bordadas. Grupo de pequenas pregas na cintura. 7 — Os quadris são acentuados pelo emprego de um outro tecido trapeado.





O presidente da Rheem, ladeado pelo governador da Cidade e pelo sr. Hélio Cabal, representante do Presidente da República, durante a visita à fábrica.

O BRASIL SOLUCIONA MAIS UM DE SEUS PROBLEMAS!

*Produção em massa
de tambores e tamboretes*

Texto de JOÃO FIALHO ★ Fotos de CONSTANTINO

A grande escassez de tambores de aço para gasolina, óleo e outros derivados de petróleo, que se fez sentir tão profundamente durante a guerra, veio ter uma solução quando, em maio de 1946, a Rheem Metalúrgica S. A. iniciou a sua produção de tambores. Esse acontecimento não somente deu estímulo às forças econômicas do país como fortaleceu as próprias forças incumbidas da tarefa de sua segurança.

Contribuiu, assim, para a prosperidade e defesa do Brasil.

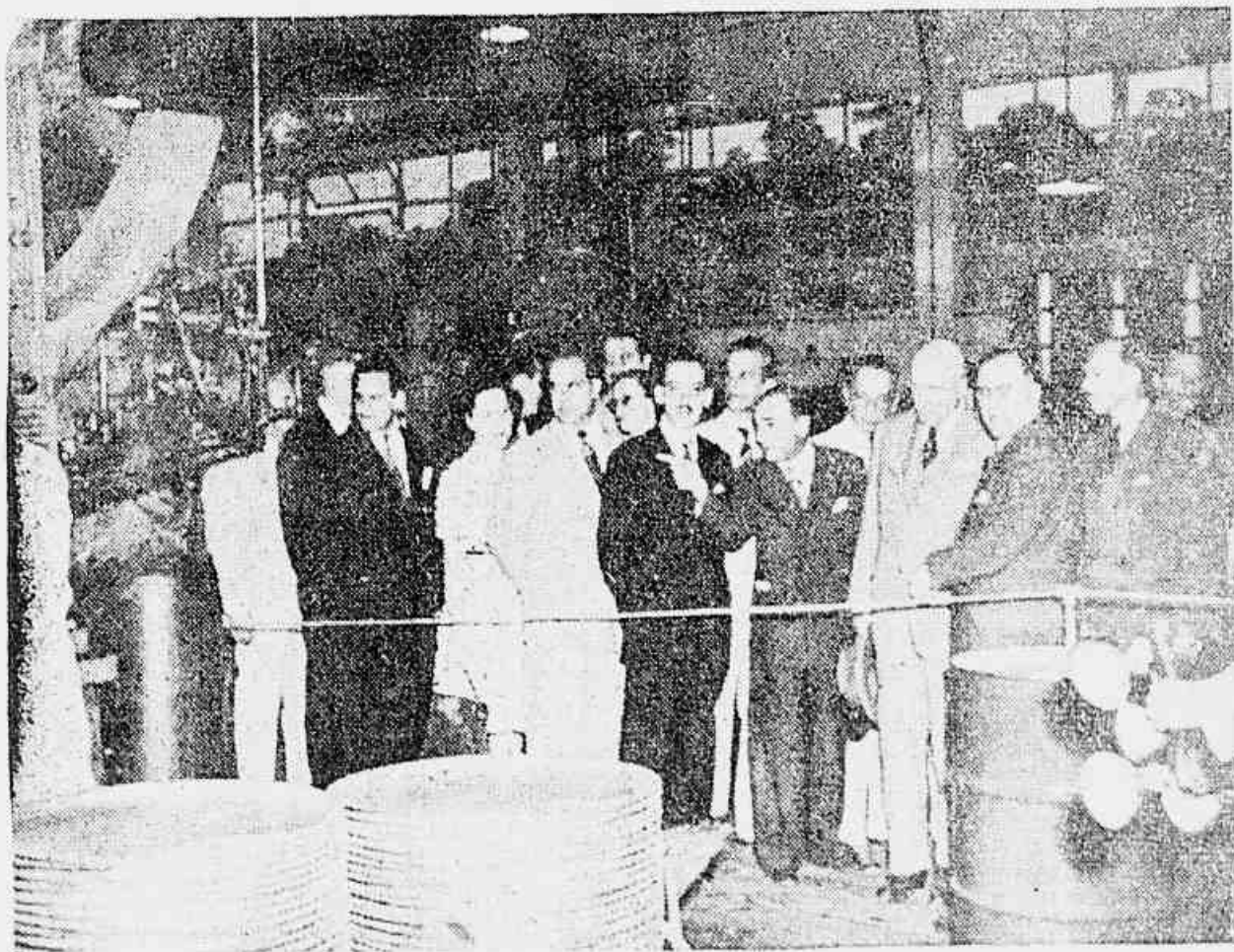
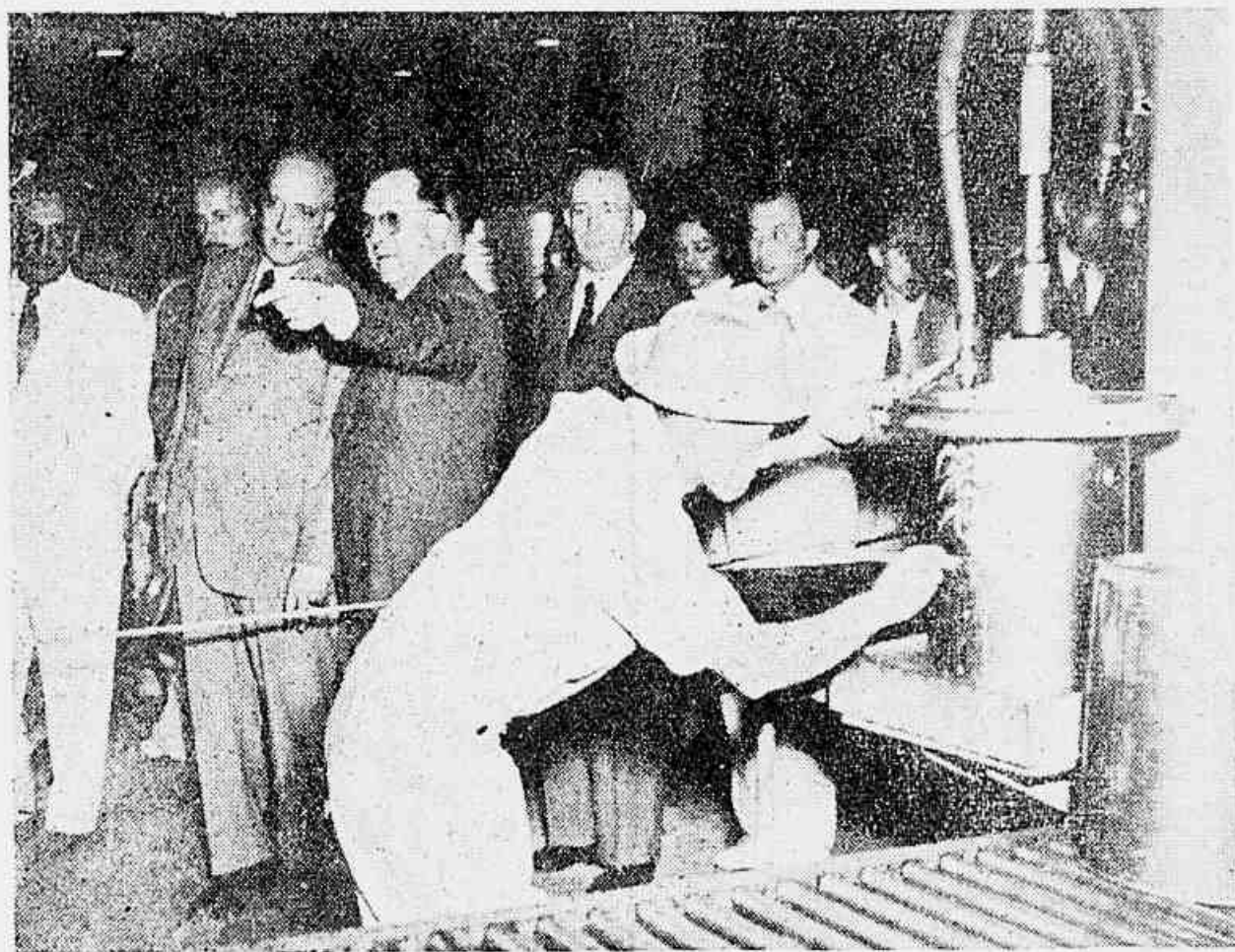
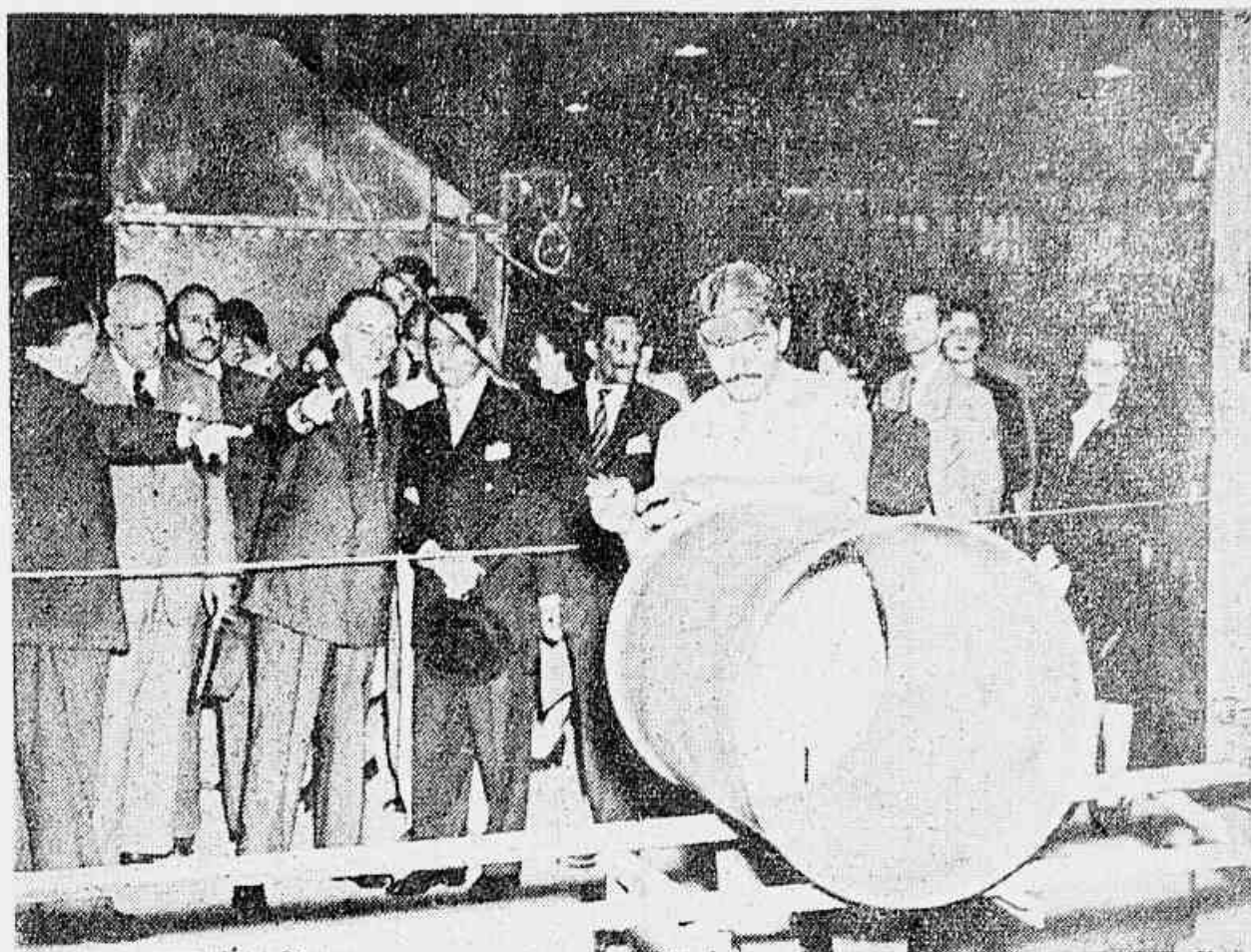
Essas atividades industriais foram coroadas com a inauguração solene do edifício e fábrica da Rheem Metalúrgica S. A., em Cordovil, subúrbio do Rio, realizada a 23 de Setembro, com a presença do representante do sr. Presidente da República, do Ministro do Trabalho e outras figuras representativas do governo, comércio, indústria e operariado nacional.

A fábrica tem capacidade para produzir mais de 1.800 tambores e mais de 4.000 tamboretas, de 20 a 40 litros, por dia de 8 horas; e espera em breve iniciar outros ramos de produção de modo a atender às mais urgentes necessidades do Brasil dentro de sua especialidade.

A já vitoriosa organização conta com capitais brasileiros e americanos e se acha associada à Rheem Manufacturing Co., California, a maior produtora de vasilhames de aço nos EE. UU., prevendo multiplicar suas atividades com o aço de Volta Redonda.

Nomes bastante conhecidos nos círculos comerciais e industriais do nosso país se acham ligados à Rheem Metalúrgica S. A., cuja diretoria é assim constituída: Presidente — Dr. Euvaldo Lodi; Vice-Presidente — Dr. Heitor Bergallo; Diretor-Secretário — Dr. José T. Nabuco; Diretor-Gerente a cargo das operações — Dr. Norman E. Thompson; Diretor-Gerente, a cargo das Vendas — Sr. Mário Capelli.

S. Excia. o Prefeito general Angelo Mendes de Moraes, desata o laço da fita adrede colocada na entrada da fábrica.

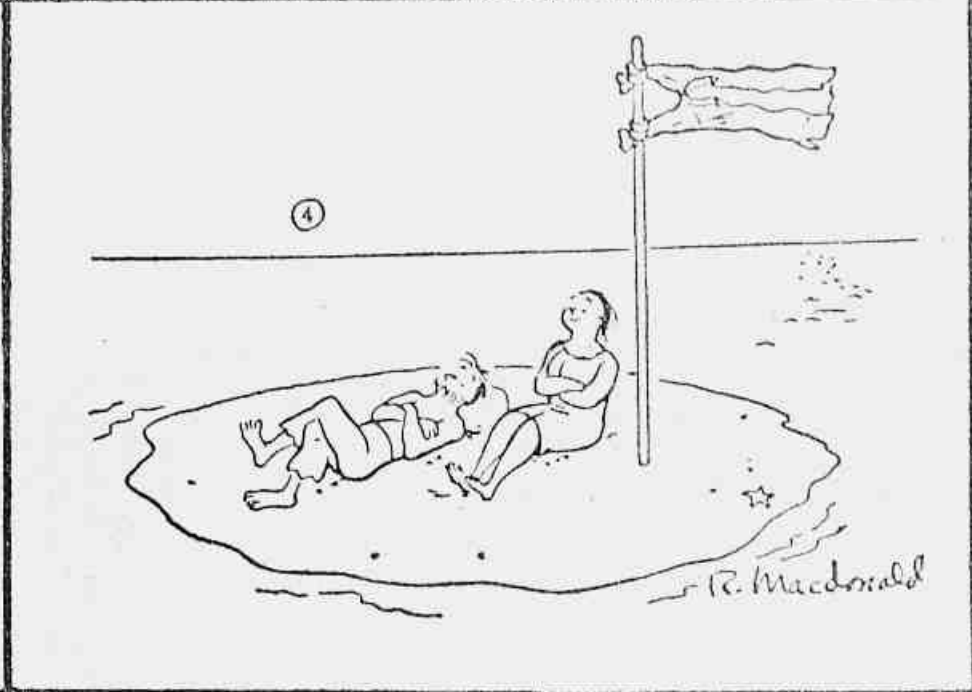
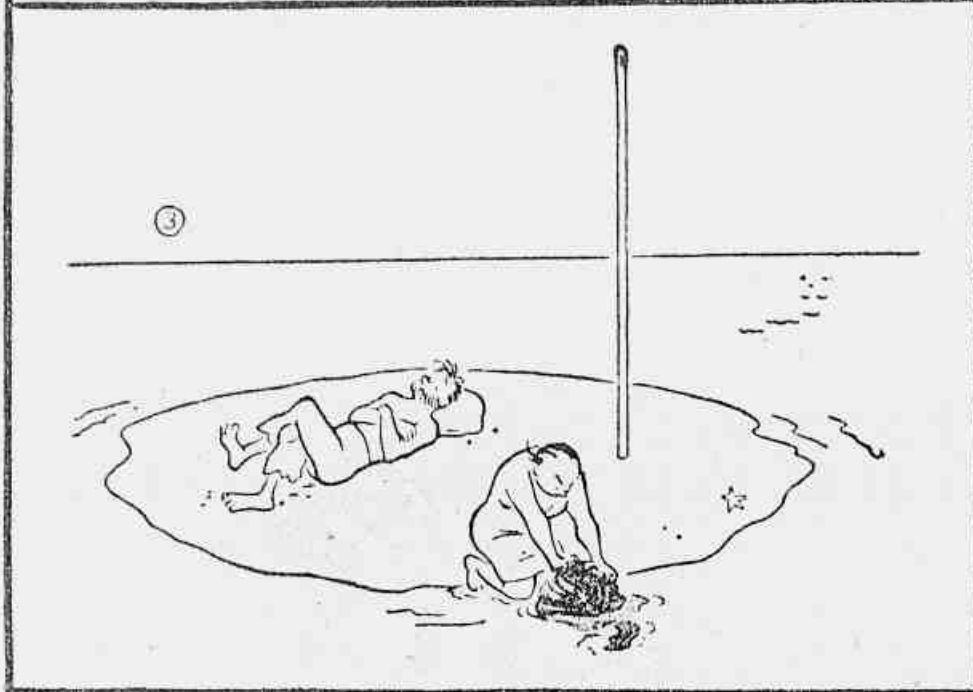
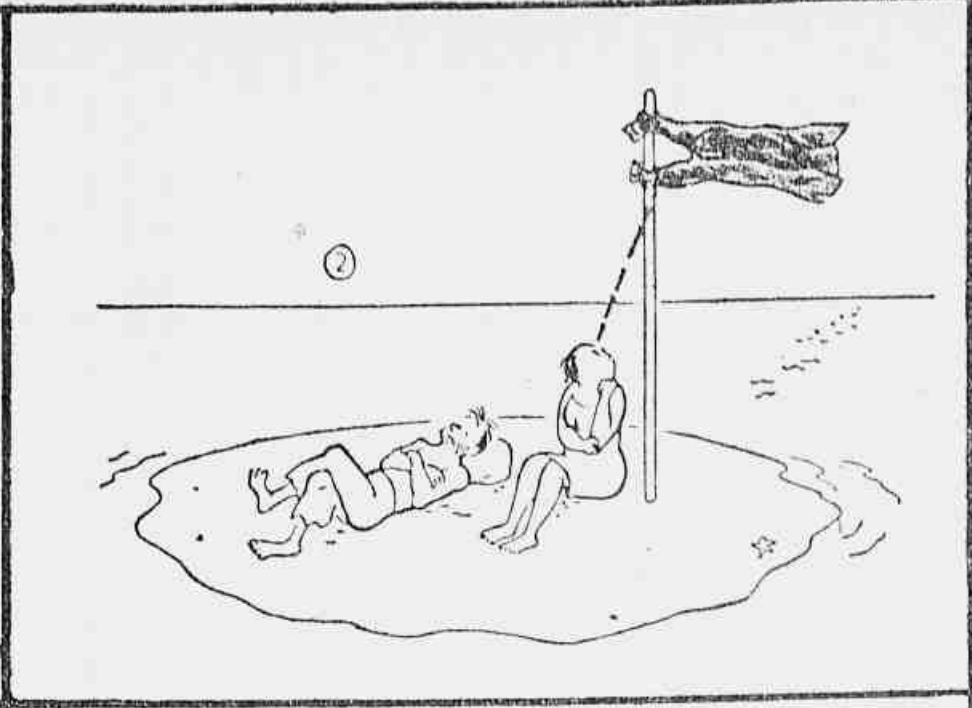
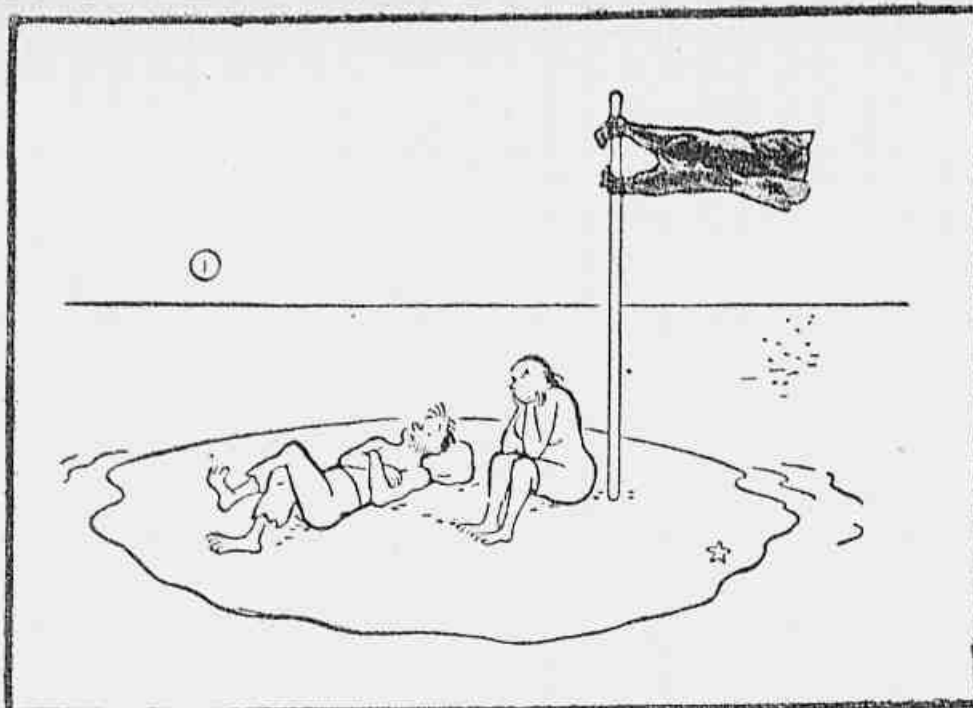


DE CIMA PARA BAIXO:

Outro aspecto da inauguração da fábrica da Rheem. O Ministro do Trabalho externa os seus comentários ao Cônsul Helly Cabal, oficial de Gabinete do Presidente da República, enquanto o Governador da Cidade colhe esclarecimentos do Dr. Euvaldo Lodi. O representante da Confederação Nacional dos Trabalhadores, contempla atentamente os operários em serviço.

O presidente da Rheem Metalúrgica S. A., Dr. Euvaldo Lodi, explica ao general Mendes de Moraes, Prefeito da Capital, e ao Dr. Morvan de Figueiredo, Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, o funcionamento das máquinas.

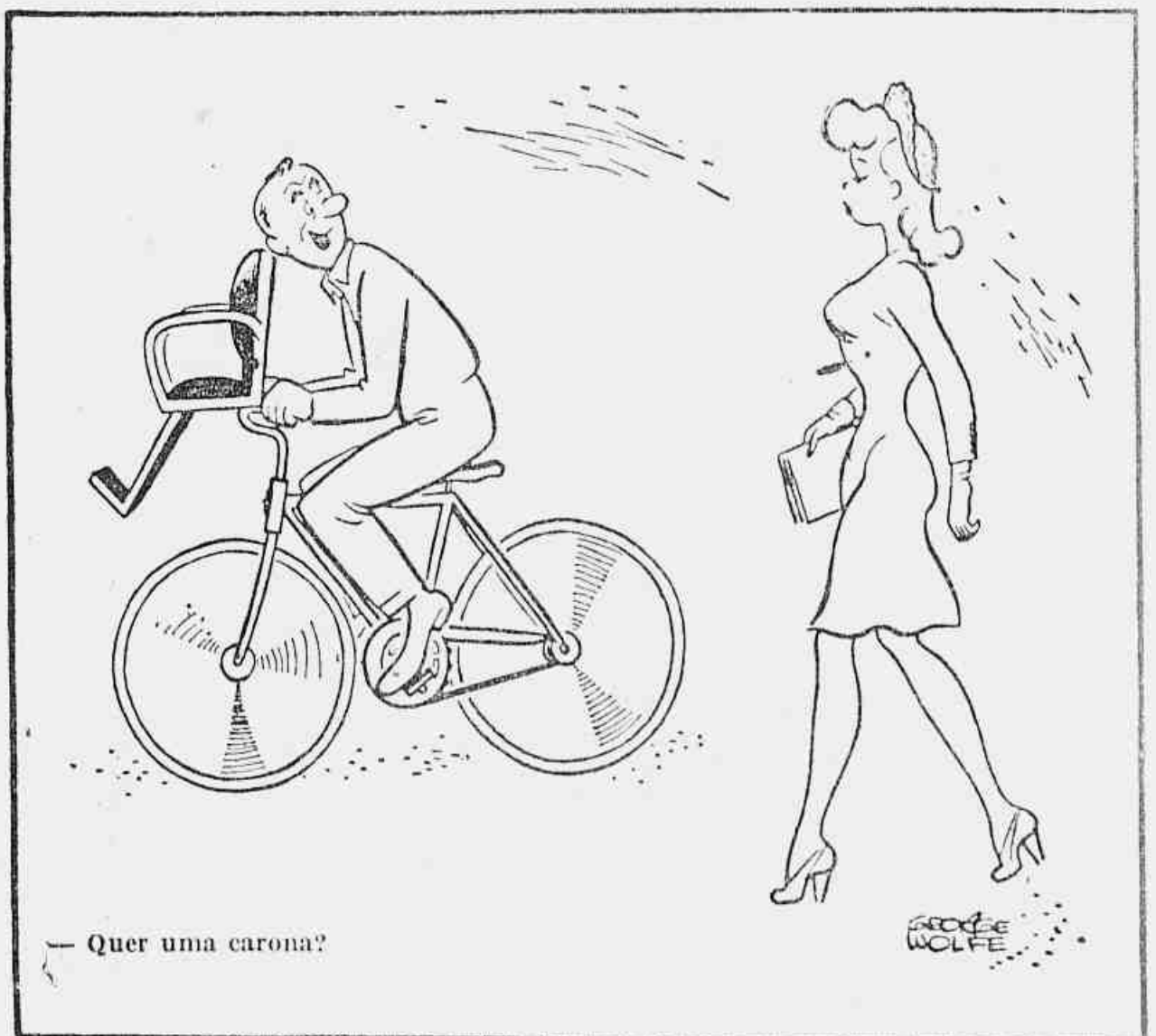
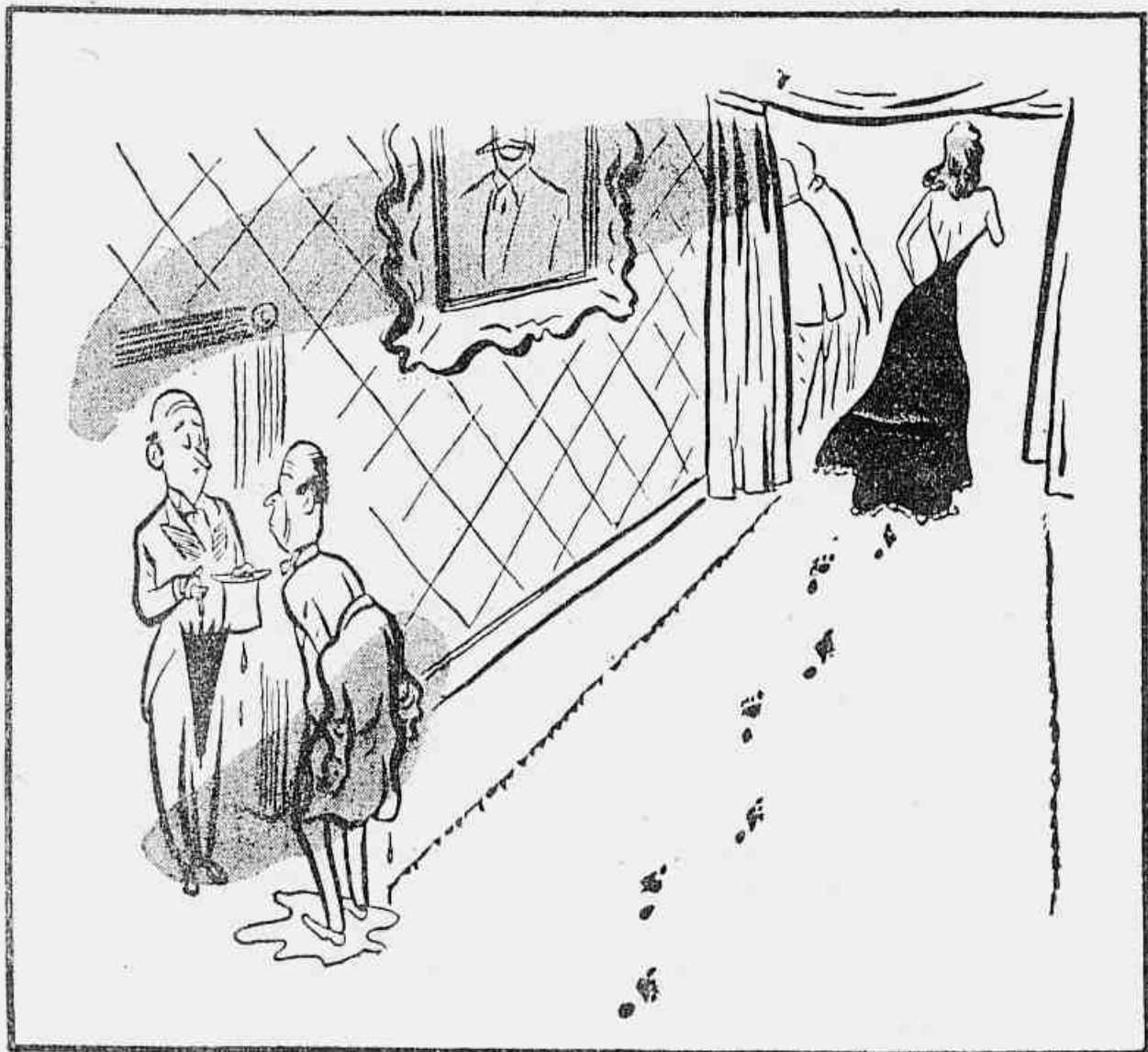
As operações despertaram viva curiosidade de todos, como se depreende do último flagrante acima.



B
O
M

F
U
M

O
R



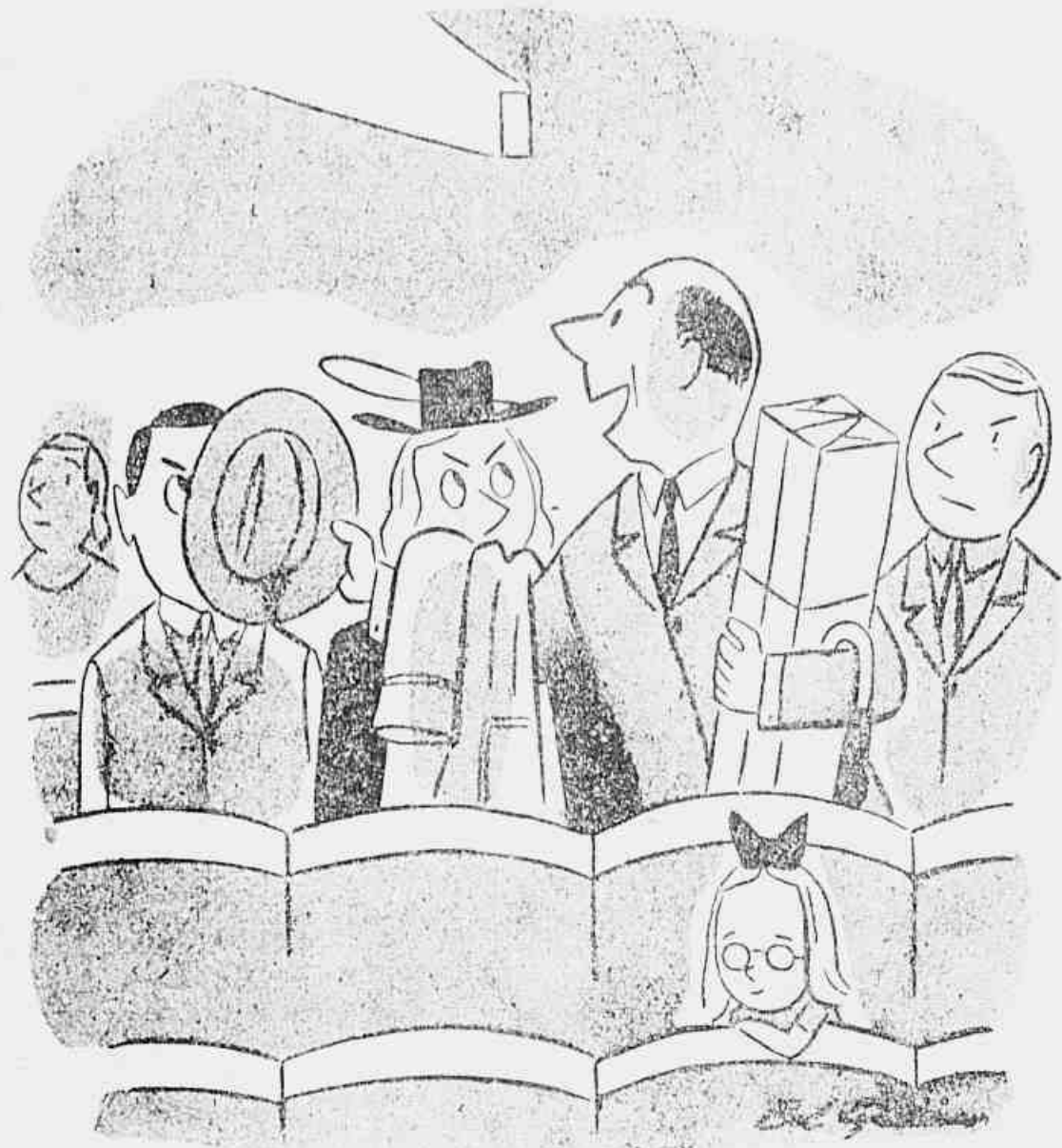
— Quer uma carona?



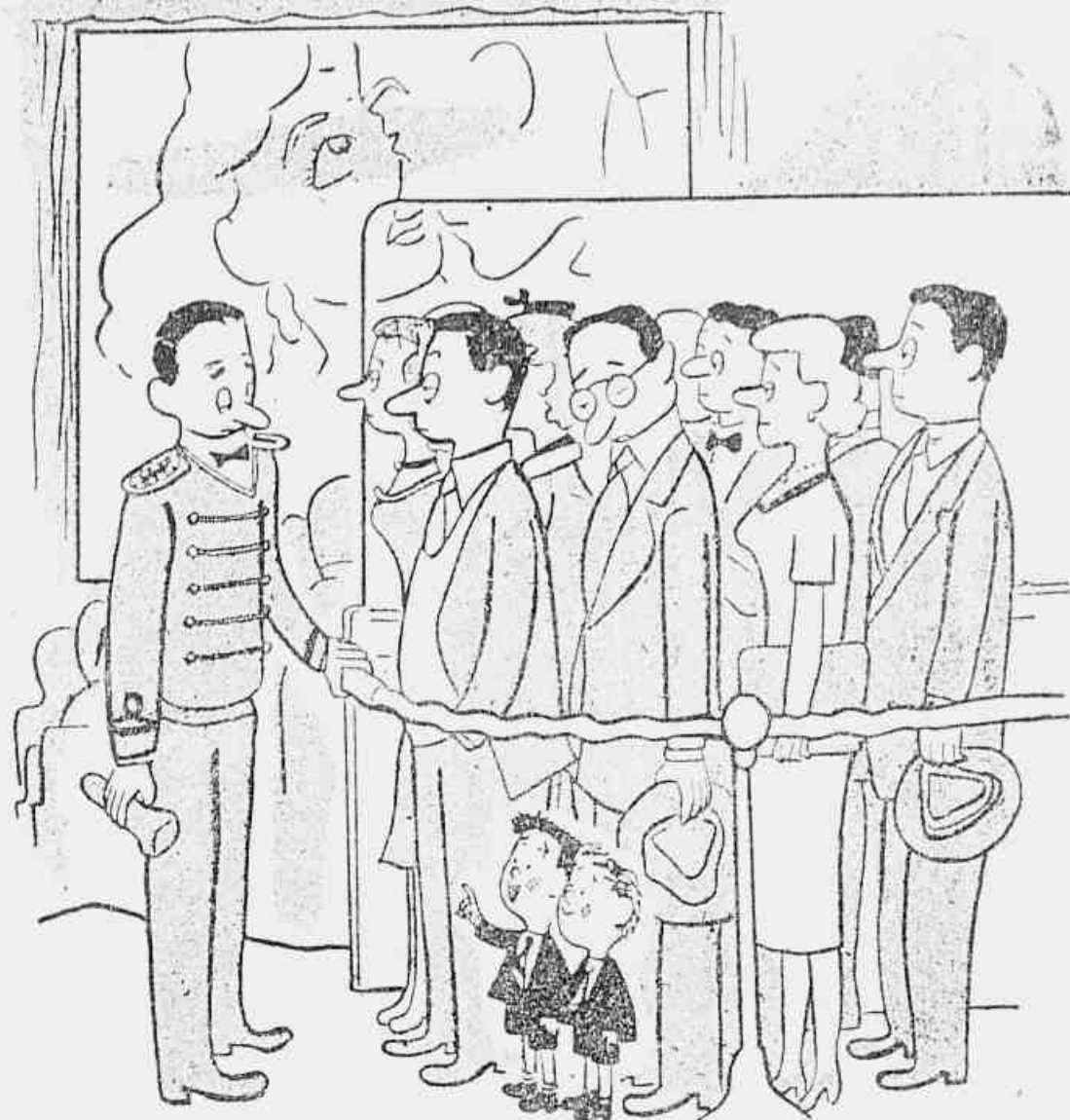
— Santo Deus! E' o nosso vizinho!... tinha desaparecido quando nos ajudou a arrumar as malas...



— Não, senhor! Tire a mão daí! Depois do baile da embaixada do Chile, eu mesma sirvo de cabide para o meu casaco...



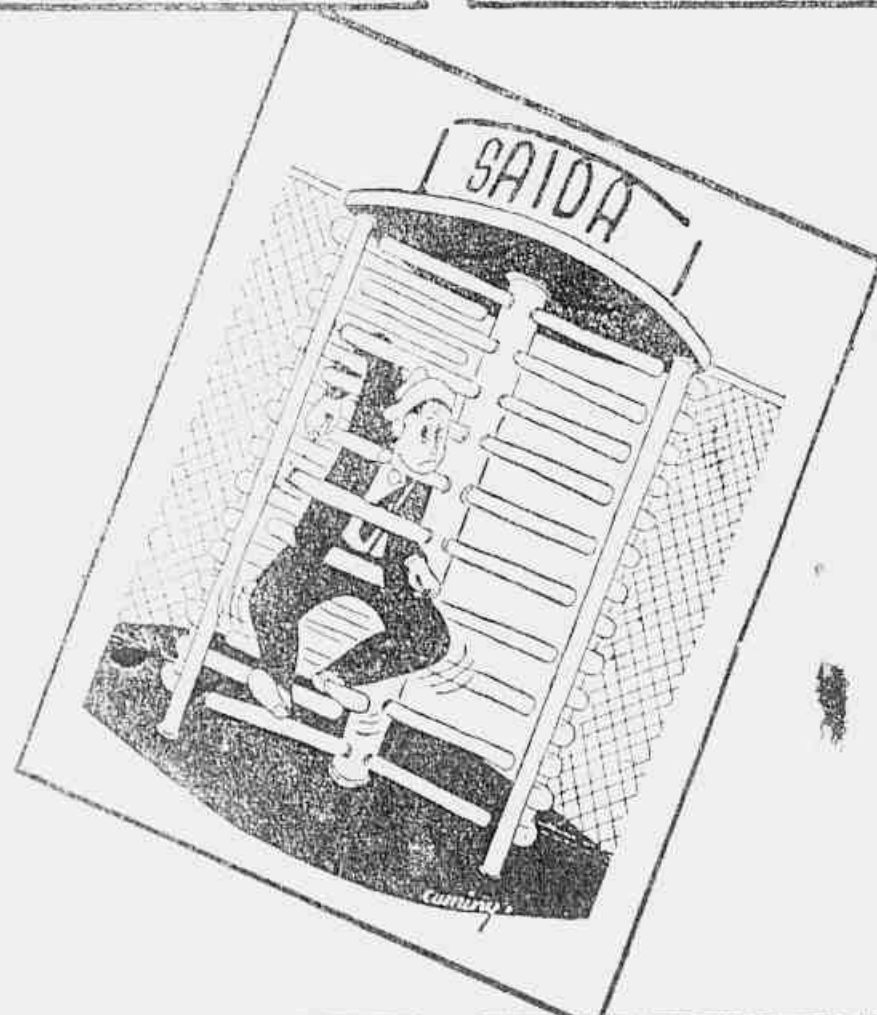
— Alô, querida! Espere aí, que eu já vou, se esta gente me der licença...



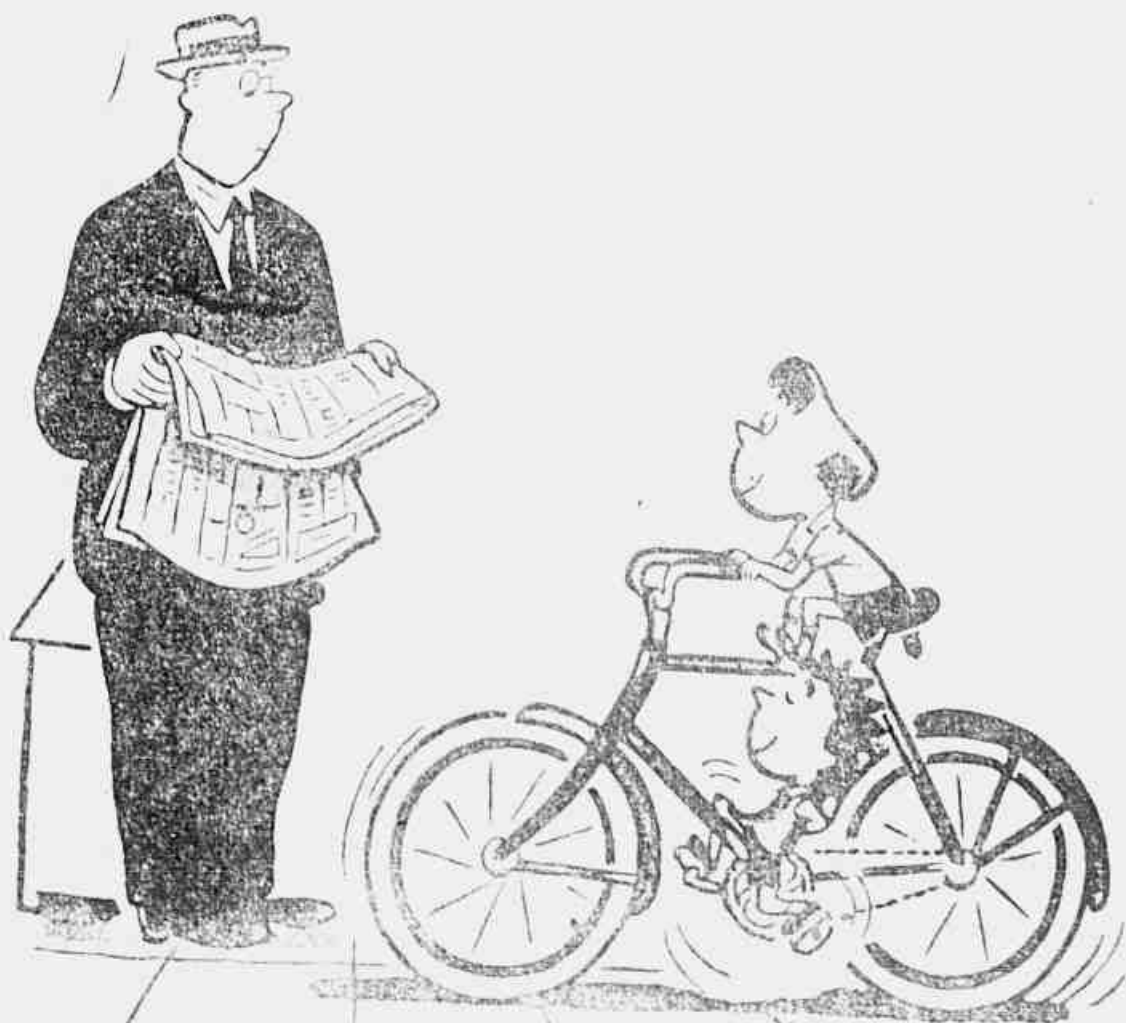
— Calma, Joãozinho! Você não vê que não podemos passar por cima da corda?



— Querido, vá atender à porta... Estão tocando a campainha e eu ainda estou sem baton...



CAROLINA!!!



— Agora, o programa originalíssimo, a novidade absoluta... "Melodias do Passado"!

MÚSICA

UM LUGAR PARA OS ARTISTAS NOVOS — INICIATIVAS VISANDO AMPARAR OS ESTREIANTES — UM CONCURSO ORGANIZADO POR MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA — OS ALUNOS DE MADALENA TAGLIAFERRO — UMA "TOURNÉE" INÉDITA.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

QUANDO Beethoven quis aperfeiçoar sua técnica de pianista, procurou um professor famoso, que, depois de ouvi-lo tocar, exclamou, entusiasmado:

— Não posso aceitá-lo como aluno! E, diante do espanto de Beethoven, acrescentou:

— O sr. é um gênio, enquanto eu não passo de um modesto professor.

Passando a falar nos artistas novos que enchem o nosso meio musical, não queremos com isso, dizer que, em cada um deles, encontraremos um Beethoven em botão, ou um projeto de Chopin. É inegável, entretanto, que há uma quantidade enorme de talento disponível, sem emprego, à espera de que se criem condições para o seu aproveitamento.

Por isso mesmo, é que olhamos, sempre, com simpatia, para todas as oportunidades que se abrem aos moços, permitindo-lhes, ainda que por pouco tempo, aparecer ao lado das celebrações de fama consolidada e situação definida.

Assim, nunca deixamos de acompanhar as recitais que, na Escola Nacional de Música, apresentam estudantes recém-formados, artistas que não encontraram outros salões mais lucrativos para exhibir-se. Compreendemos quanto depende das palavras de encorajamento que são dadas aos primeiros esforços, para que eles continuem, persistentes, vencendo as dificuldades, os obstáculos de toda ordem.

ARTISTAS NOVOS DO BRASIL

A prof. Magdala da Gama Oliveira tem exercido, nesse sentido, uma atividade que merece registro especial. Sua iniciativa, em círculos musicais tão restritos, como são os nossos, reclama os aplausos francos e sinceros de quantos lutam para que cresça e se desenvolva, entre nós, um grande público, amante da boa música, frequentador de concertos organizados com gosto, apresentando os valores de que dispomos, a despeito de todas as circunstâncias adversas.

Com tão escassos recursos, sem auxílio de sorte alguma, valendo-se da própria capacidade de organização e do

próprio desejo de divulgar os artistas que vão surgindo, os desconhecidos, o programa radiofônico Artistas Novos do Brasil se impôs como uma grande realização.

UM MICROFONE E ALGUNS VOTOS

Prolongou-se em várias provas, assistidas pelo júri, o concurso. Os juizes eram Vera Janacópulos, Marion Mathaeus e Edir de Fabris.

O mais curioso, porém, foi que, no resultado do concurso, figurava em primeiro lugar um nome que não tinha surgido ainda em concertos ou recitais públicos. Tanto mais grata foi a surpresa ao descobrirmos em Maria Carmem Pimentel uma cantora digna de sair vencedora de competição a qual tomaram parte elementos já bastante conhecidos e aplaudidos, bastando citar o jovem baixo Jorge Bailly, que obteve uma menção honrosa.

Com a vitória de Maria Carmem Pimentel vimos ascender um dos talentos que temos em abundância, sem oportunidade para se revelarem. Será, portanto, apoiando e estimulando a obra de Magdala da Gama Oliveira que contribuiremos para o lançamento de valores novos. Bastaram um microfone e alguns votos para que o esforço dispensado no estudo, a aplicação indispensável para formar uma cantora, tu, isso passasse a ter seu mérito reconhecido publicamente e além disso, premiado. Trabalhem para que isso não falte a nenhum dos artistas moços.

AULAS E CONCERTOS

Também no sentido da divulgação das possibilidades dos artistas novos as aulas de Madalena Tagliaferro têm constituído um poderoso centro de irradiação de cultura musical. Foi nas aulas da professora patricia que Helio Alimonda surgiu — e eis que aquele discípulo de então já se transformou em um artista de personalidade marcante, bem definida. Vera Pintz, zauer surgiu, também, nas aulas de Madalena Tagliaferro, aulas públicas em que o público observa o progresso de ano para ano, dos jovens intérpretes.

(Cont. da pág. 21)

Maria Carmem Pimentel, primeira colocada no concurso organizado por Magdala da Gama Oliveira.



AS FÉRIAS DE LEDBETTER

E eu poderia fazer outro tanto, — atestava Ledbetter. — Até mesmo só espero ocasião para me arriscar... somente, não me é possível ceder assim aos meus impulsos criminosos. A isto se opõe a minha coragem moral.

No entanto, no momento mesmo em que proclamava o seu valor, a dúvida o assaltava. Daí a pouco, passava ele diante de uma grande casa de campo, rodeada por um jardim espaçoso. Por cima de uma sacada deserta, mal facilmente acessível, abria-se uma janela pela qual se podiam ver as trevas interiores. Ledbetter quase não prestou atenção a isso, mas aquela lembrança implantou-se-lhe no espírito, insinuou-se-lhe no pensamento. Ele imaginou que escalava aquela varanda e que imergia de rastos na escuridão do aposento misterioso.

— Qual! Tu não ousarias! — dizia em ar de mofa o espírito da Dúvida.

— Vedam-me esta ação os meus deveres para com o próximo, — objetava o amor próprio de Ledbetter.

Seriam talvez onze horas. Nenhum rumor subia da pequena cidade, a não ser o do mar, e tudo parecia repousar ao influxo daquela noite enluarada. Só a abertura de uma janela iluminada, na parte mais baixa da estrada, anunciava que havia quem velasse então.

Ledbetter deu meia volta e tornou lentamente na direção da casa onde havia uma janela aberta. Em pé, diante da cerca de madeira que fechava o jardim, ele ficou transformado durante alguns instantes, em um campo de batalha em que se degladiavam impulsos contraditórios.

— Tentemos a experiência, — insinuava a dúvida.

Para dar fim a esta intolerável indecisão, prova que é capaz de te introduzires nesta casa. Comete um roubo sem má intenção. Na verdade, não haverá nisso crime algum.

Muito de mansinho, Ledbetter empurrou a porteira da cerca e tornou a fechá-la, depois esgueirou-se nos sombrios massícios de arbustos.

— E' insensato o que estou a fazer, — murmurava a prudência do professor.

— Eu bem sabia que navias de ter medo! — provocava com insolência a Dúvida.

O coração de Ledbetter batia a mais não poder, ele porém, certamente não tinha medo! Não! Não tinha medo! Todavia conservou-se, ali hesitante, oculto na escuridão, durante muito tempo.

Não havia a menor dúvida de que lhe seria preciso galgar a sacada de um pulo, pois podiam vê-lo da avenida, à claridade da lua cheia. De resto, uma latada, pela qual trepavam alacrememente, galhos de roseiras, tornava a escadaria uma simples brincadeira. Mais ao longe, perto da baía de pedra guarnecida de flores, no meio das trevas opacas, ele poderia agachar-se, para inspecionar à vontade, pela janela aberta, o interior daquela brecha aberta de par em par no reduto de um lar.

Ledbetter estava tão imóvel como a noite; depois, de súbito, o líquido traidor fez pender a balança. Ele deu um salto. Com gestos bruscos, convulsos, escalou a latada, passou a perna pelo pitoril da sacada e deixou-se cair, arquejante, na escuridão profunda, como havia previsto.

Tremia de frio, sem alento, e com o coração a bater furiosamente, no entanto, estava exultante de alegria. Com o sentir-se tão pouco assustado, seria capaz de gritar de prazer.

Atravessou-lhe o espírito um bonito verso de Wills:

— Afigura-se-me que sou um gato em cima dos telhados! — murmurou.

Mas aquela expedição era muito mais divertida do que ele tinha julgado! Na verdade, como eram dignas de lástima todas aquelas pobres pessoas que ignoravam aquela distração! Nada a recear, segurança perfeita! E ele procedia com a maior bravura do mundo!

Agora, a caminho para a janela, afirmou de que o assalto seja completo. Seria ne-

cessário levar tão longe a audácia? Pela posição que ocupava por cima da porta de entrada, a janela devia dar sobre um patamar ou num corredor; e ele não avistava nem espelhos, nem indício algum que anunciasse um quarto de dormir, sugerindo a idéia de que houvesse ali uma pessoa em repouso.

Ledbetter avançou de rastos, ficou um instante à escuta, depois ergueu a cabeça e mergulhou o olhar nas trevas.

Muito perto, sobre um pedestal, e um pouco alarmante a princípio, um bronze gesticulava, quase de tamanho natural. Ledbetter abaixou-se rapidamente, depois, passado um momento, arriscou nova tentativa. Mais ao longe, viu um patamar pouco alumiado, e ainda mais para o fundo, o tecido flutuante de uma cortina ornada de contas e franjas muito negras e muito nítidas, a qual ficava diante de uma janela. Uma larga escada ia perder-se em baixo, no meio de um oceano de escuridão; outra subia para o segundo andar.

Ledbetter deitou um olhar furtivo para trás; nada perturbava o silêncio da noite.

— Isto é um crime! — segredava ele. — É um crime!

Então, em movimento precipitado, ele galgou a janela; o seu pé pisou sem ruído sobre um tapete de peles. Agora, era um verdadeiro ladrão assaltante!

Ímvel, conservou-se com os joelhos dobrados e o corpo voltado para diante, todo olhos e todo ouvidos. Súbito, ouviu-se do lado de fora um leve galope e um tumulto abafado; naquele instante, Ledbetter arrependeu-se do seu empreendimento. Mas alguns breves miados de gatos a se perseguirem, e que daí a pouco não ouviu mais, tranquilizaram-no. Sentiu renascer-lhe a coragem e levantou-se. Todos dormiam ao que parecia. E' singularmente fácil a uma pessoa tornar-se um assaltante, quando tem a intenção firme de o vir a ser! Estava encantado com a sua tentativa.

Pesquisou lerar consigo algum pequeno troféu, simplesmente para provar o seu desapego a qualquer abjecto temor das leis; depois ir-se-ia por onde tinha vindo.

Tornou a olhar em volta de si e, de repente, ressurgiu nele o Espírito de crítica. Os ladrões não se limitam àquela simples intrusão; fazem coisa melhor, visitam os quartos, forçam os cofres-fortes. Pois bem! mas era bem certo que ele não tinha medo! Não forçaria nenhum cofre-forte, não! Seria uma falta de consideração para com os seus hóspedes. Contudo, havia de entrar nas salas, de subir a escada. Além disso, repetiu a si mesmo que estava em perfeita segurança; uma casa deshabitada não ofereceria tão animadora tranquilidade!

Todavia, Ledbetter teve de apertar os punhos e apelar para toda a sua energia, quando principiou muito devagar, a subir a tenebrosa escada, não sem se deter em cada degrau.

Em cima, depararam-se-lhe várias portas que davam sobre o patamar quadrado, e uma das quais estava aberta. A casa continuava absolutamente tranquila. Durante um momento, imaginou o que seria dele se alguma pessoa despertasse em sobresalto e se apresentasse ali repentidamente.

A porta aberta deixava ver um quarto de dormir iluminado pela lua, no qual havia um leito não desfeito e em cima deste uma coberta branca.

Ledbetter gastou três minutos, que foram intermináveis, a esgueirar-se para dentro do aposento; apoderou-se de um sabonete — seu troféu! — depois tratou de tornar a descer ainda mais de vagar do que tinha vindo. Aquilo era tão fácil como...

Com a breca!

Passos... ouviram-se uns passos fora, sobre o cascalho... Um rumor de chaves... Uma porta abriu-se, depois fechou-se... Riscaram um fósforo em baixo, na entrada!...

Ledbetter ficou petrificado ante a revelação súbita da loucura que o impedia daquela empresa.

— De que modo me poderel livrar? A luz de uma vela iluminou o vestíbulo. Uma coisa qualquer, muito pesa-

da, esbarrou contra um porta-chapéus, depois os passos galgaram a escada. Estava cortada a retirada!

Ledbetter conservou-se algum tempo na atitude da mais lastimosa contrição. — Deus de bondade! Que estúpido fui!

Atravessando de novo o patamar cheio de escuridão, ele voltou precipitadamente para o quarto que acabava de deixar, e, trêmulo, esperou com o ouvido à escuta. Os passos chegavam ao primeiro andar.

Que horrível pensamento! Se fosse aquele o quarto do recém-chegado?... Não havia um instante a perder!

Gracias a Deus! A ampla coberta caía até o chão. Ledbetter pôs-se de rastos e meteu-se em baixo do leito... Era tempo!

A chama da vela erradia apareceu-lhe através das malhas do tecido, fazendo dançarem em volta sombras vagabundas que se imobilizaram logo que a luz se fixou.

— Meu Deus! Que dia! — disse o recém-chegado, bufando ruidosamente.

Conforme pareceu, ele depositou sobre um móvel um embrulho pesado; esse móvel, a julgar pelo peso que suportava, devia ser uma secretária.

O desconhecido foi fechar a porta, examinou se as janelas estavam bem fechadas e abaixou os stores; depois voltou para junto do leito em cima do qual deixou-se cair pesadamente.

— Que dia! Deus de bondade!

O desconhecido tornou a bufar, e Ledbetter julgou perceber que ele enxugava a rosto. Calçava umas botas grossas e sólidas. A julgar pela sombra das suas pernas sobre o cortinado, essa pessoa devia ter uma certa corpulência. Passado um momento, principiou a tirar o casaco e o colete, — pelo menos assim o supôs Ledbetter. — e, depois de os atirar sobre a cabeceira do leito, pareceu respirar mais à vontade, como que mais desafogado.

Falava consigo mesmo por intervalos e a meia voz, e até mesmo de uma vez deu uma pequena gargalhada. Ledbetter falava também consigo mesmo em voz baixa mas não ria absolutamente.

— Eis-me em bons lençóis! Que hei de fazer agora?

As alternativas não podiam deixar de ser limitadas.

Passava, é certo, um pouco de luz através das malhas do tecido, mas era insuficiente para que ele pudesse observar distintamente. Quanto às sombras, a não serem as pernas, que se desenhavam nitidamente, todo o resto era um enigma e se confundia com as flores do desenho. Um canto do tapete parecia à beira do cortinado e, abaixando a cabeça com precaução, Ledbetter chegou a conclusão de que o tapete cobria tudo o que ele podia ver do assoalho. O tapete era luxuoso, o quarto vasto, e, a julgar pelo número de rodízios visíveis, confortavelmente mobiliado.

Ledbetter esforçava-se penosamente por saber o que havia de fazer. Esperar que o homem gordo se deitasse e, quando ele dormisse, arrastar-se até a porta, abri-la e precipitar-se para fora sem parar eis — ou parecia ser o único partido a tomar. Poderia ele saltar da varanda ao chão? Era muito arriscado!

Diante de tantas dificuldades, Ledbetter desesperava.

Esteve a ponto de levantar a cabeça perto das pernas do homem; em caso de necessidade, tossiria para lhe atrair a atenção, depois, com um sorriso, lhe explicaria, em algumas frases bem escolhidas, a sua desastrosa presença. Mas embaraçava-o a escolha das palavras: "Sem dúvida, meu senhor, há de achar esquisita a minha aparição", ou: "Espero, meu senhor, que desculpará a minha aparição surpreendente aqui, aos seus pés." Foi isto mais ou menos o que pôde encontrar.

Mas surgiram-lhe no espírito graves complicações. Si o homem não o acreditasse, que seria dele? Seria tida como nada a sua reputação, o seu passado sem mancha? Teoricamente ele era um ladrão; inútil seria discuti-lo!

Perseguindo no seu pensamento, via-se já no banco dos indigidos e elabora-

va uma defesa luminosa: "Sou culpado de um crime teórico!" Súbito, o homem gordo levantou-se e principiou a andar de um para outro lado.

Ouviu-o Ledbetter abrir e fechar gavetas, e teve a esperança de que estivesse a despir-se. Mas não! O homem gordo sentou-se diante da secretária e principiou a escrever; depois rasgou papéis, em seguida um cheiro de papel queimado chegou até o nariz de Ledbetter.

Mais tarde, quando ele narrou a sua aventura, disse-me ele.

— A minha situação era, sob todos os pontos de vista, completamente desastrosa. Uma travessa obrigava-me a ter a cabeça muito baixa, o que fazia cair-me sobre as mãos uma parte considerável do meu peso. No fim de algum tempo comecei a sentir no pescoco o que, segundo creio, costumam chamar calambros. Por outro lado, a pressão das minhas mãos sobre o tecido rugoso do tapete, foi-se-me tornando pouco a pouco intolerável. Os joelhos dolam-me também, por causa do tecido das calças que ficava comprimido entre eles e o chão. Nesse tempo eu usava colarinhos ainda mais altos que os de hoje. — e verifiquei que o que tinha então estava levemente gasto em baixo do queixo. O que, porém, mais me incomodava ainda era uma cocega no rosto que eu só conseguia aplacar por meio de violentas carretas. Bem tinha querido experimentar levantar a mão, mas o rumor do meu punho assustou-me. Em breve tive que renunciar a qualquer alívio, porquanto vim a perceber — felizmente a tempo — que as minhas contorsões faciais acabariam por me deitar os olhos abaixo, e essa queda não podia deixar de trair a minha presença; no entanto, eles haviam tomado uma posição obliqua de uma estabilidade mais que duvidosa. Para cúmulo, eu estava um pouco enfiado e sentia uma necessidade constante de espirrar e de fungar. Para encurtar, além do extremo incômodo de minha situação, eu experimentava um mal estar físico tal que não tardou a se tornar intolerável. E, apesar de tudo, era-me preciso conservar-me ali sem fazer o menor movimento!

No fim de um tempo interminável, ouviu-se um tinido de moedas, com uma espécie de ritmo regular: um... dois... três... quatro... — vinte e cinco tinos — o choque da pilha em cima da mesa e um resmungamento do homem das pernas gordas.

Diz-se-ia que eram moedas de ouro. E o tinido continuava a se ouvir, e Ledbetter sentia aumentar em si uma curiosidade invencível.

A enigmática personagem havia já contado uma centena delas.

Por fim, Ledbetter não se pôde mais conter; com infinitas precauções principiou a dobrar os braços para poder abaixar os olhos até o nível do soalho, na esperança de enxergar por cima do cobertor. Mas fez um movimento com o pé, produzindo um leve estalido.

O ruído do ouro parou subitamente. Ledbetter ficou hirto.

A ruído continuou. Depois cessou novamente, e tudo ficou tranqüilo, excepto o coração de Ledbetter que lhe parecia ressoar como um tambor.

Todavia, nada mais se mexeu.

Ele arriscou mais uma vez abaixar a cabeça até junto do chão e pôde ver as enormes pernas até perto dos joelhos; aquelas pernas estavam completamente imóveis. Os pés, afastados para trás por baixo da cadeira, apolavam-se no chão pelas pontas.

Nada mais se movia, sempre o mesmo silêncio.

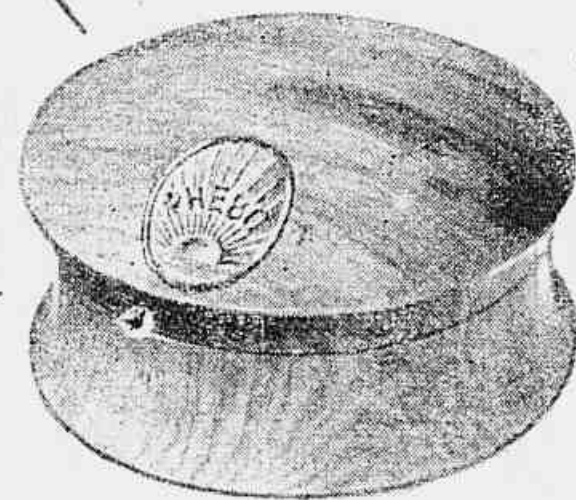
Ledbetter teve uma louca esperança. Se o desconhecido tivesse sido aconetado de um ataque súbito?... Se tivesse morrido, com a cabeça caída sobre a secretária?...

E aquele silêncio que durava tanto... Que se passaria?

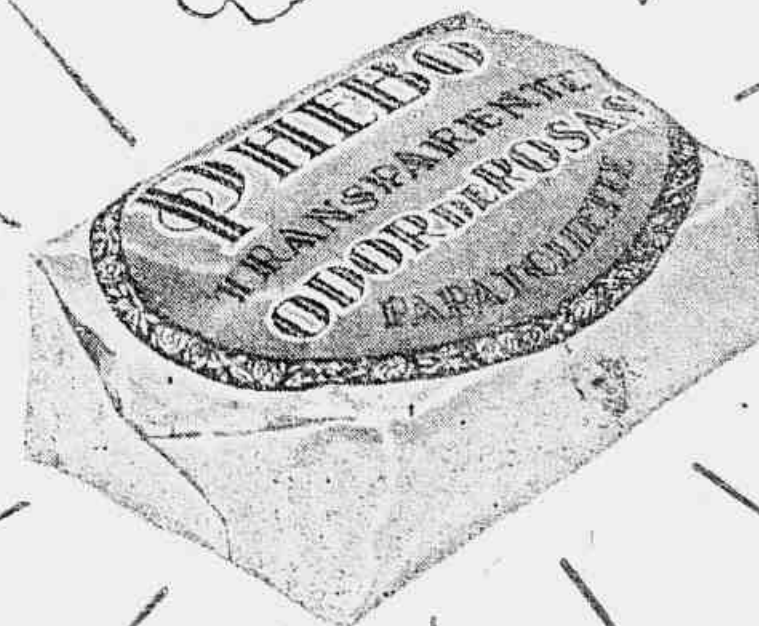
O desejo de ver foi irresistível. O mais cautelosamente que pôde, Ledbetter estendeu a mão, e, com um dedo explorador, principiou a levantar a coberta até a altura dos olhos...

Nada veio perturbar o silêncio.

vidões
PHEBO



PÓ DE ARROZ PHEBO
Finura impalpável. Perfume persistente. Tons sempre em moda. Embalagem de luxo.



SABONETE PHEBO

Único no Brasil. Seu característico odor de rosas o torna insubstituível.
PREÇO - RIO E SÃO PAULO: CR\$ 11,00



PERFUMARIAS **PHEBO** LTDA.



PLÁGIO OU SIMPLES COINCIDÊNCIA?

DE vez em quando, o nosso meio musical vê-se agitado com casos de plágio de composições musicais do gênero chamado popular. Quando a marcha de João de Barro e Alberto Ribeiro, "Touradas em Madri" andou abafando em um dos nossos carnavais passados, Paulo Magalhães, como diretor e conselheiro da SBAT, desfechou uma tremenda ofensiva, apontando-a como plágio de um legítimo paso-doble da terra de Franco. Houve o diabo. Tempos depois, os mesmos autores repetiram a façanha com outra marchinha carnavalesca, "Lalá-Lélé", dessa vez decalcada de um motivo da "Suite Grand Canyon", de Ferde Grofé. Atualmente, "Fim de Semana em Paqueta" é um dos grandes sucessos da música popular brasileira e, por sinal, os seus autores também são os senhores João de Barro e Alberto Ribeiro. O curioso, porém, é que a primeira parte do samba que ocupa o primeiro lugar no programa "Sucessos da Semana", orientado pelo sr. João de Barro, na Tupi, é igualzinha à primeira parte de "Pregonera", tango argentino, de autoria de José Rotulo e Alfredo de Angelis. Ao que se diz, o editor Julio Korn, de Buenos Aires, está muito interessado em saber se, desta vez, houve plágio ou simples coincidência. Vamos assistir a um novo capítulo de "A Luta do Autor Contra o Editor"...

F. CORREA DA SILVA

ORCHIDS IN THE MOONLIGHT

Fox de Gus Kahn, Ed Eliscu e Vincent Youmans.

When orchids bloom in the moonlight
And lovers vow to be true,
I still can dream in the moonlight
Of one dear night that we knew.
When orchids fade in the dawning,
They speak of tears and "Goodbye!"
Tho' my dreams are shattered,
Like the petals scattered,
Still my love can never die.
There is peace in the twilight
When the day is thru,
But the shadows that fall
Only seem to recall all my longing
for you.

There's a dream in the moonbeams
Upon the sea of blue,
But the moonbeams that fall
Only seem to recall,
Love is all love is you.

IT'S THE SAME OLD DREAM

Fox de Sammy Cahn e Jule Styne. —
Do filme da M. G. M. IT HAPPENED
IN BROOKLYN.

I can see a steeple, surrounded by
people
Oh! how real it all starts to seem
Just as the choir is singing my alarm
starts ringing
It's the same old dream.
And then my thoughts inspire,
a scene by the fire
In a cottage close by a stream
I know it all by heart now,
we're about to part now
It's the same old dream.
If you but knew
How many times I pretend that I'm
with you

I'm sure your heart would unbend
You'd see me through until my
dream had a happy ending-and
I can picture clearly,
the things I love dearly
In the center you reign supreme
We kiss and I discover,
I'm lonesome lover:
It's the same old dream.

SWEET AND LOVELY

Fox de Gus Arnheim, Harry Tobias e
Jules Lemare

Sweet and lovely
Sweeter than the roses in May
Sweet and lovely
Heaven must have sent her my way
Skies above me
Never were as blue as her eyes
And she loves me
Who would want a sweeter surprise
When she nestles in my arms so
tenderly
There's a thrill that words cannot
express
In my heart a song of love is taunting
me

Melody haunting me
Sweet and lovely
Sweeter than the roses in May
And she loves me
There is nothing more I can say.

LA ULTIMA NOCHE

Bolero de Bobby Collopy.

La ultima noche que pasé contigo

la llevo guardada como fiel testigo
de aquellos momentos en que fuiste mía
y hoy quiero borrarla de mi ser.
La ultima noche que pasé contigo
quisiera olvidarla pero no he podido...
La ultima noche que pasé contigo
tengo q'olvidarla de mi ayer.

Porque te fuiste aquella noche
Porque fuiste sin regresar
y me dejaste aquella noche
como recuerdo de tu traición.
La ultima noche que pasé contigo
la llevo guardada como fiel testigo
de aquellos momentos en que fuiste mía
y no quiero borrarla de mi ser.

★

T U Y A

Canción-Beguine de Maria Alma.
Tuya soy porque tú me enseñaste a
querer.

porque tú me enseñaste a sentir
el cariño que tuve de ti.
Y seré en tus noches de amargo penar
la que pueda enseñarte a olvidar,
la que nadie pudo comprender.
Yo solo sé que sin ti, yo no puedo vivir
Si faltas tú, yo tendria que sufrir.
Ven a mí que me siento muy sola sin ti
que mi alma te espera otra vez
yo no puedo tenerla sin mí.

★

RUBIA MIREYA

Tango de Julian Ortiz e Luiz J. Mejias.

I

Con su garbo y su silueta
fué Mireya, la pebeta
de um pasado que murió;
con sus ojos color cielo
y las hebras de su pelo
relucientes como un sol;
con la gracia de sus dones
se elevó en los corazones
como flor primaveral;
pero al fin de su ventura
se perdió en la noche oscura
de su triste soledad!

II

Mireya
la más linda y la más bella
irradió como una estrella
en su noche de ilusión;
Mireya
tuvo amores y esplendores
y entre tantos y entre flores
y entre copas de licor,
fué antorcha de luz
de raro fulgor,
con besos de luna,
con rayos de sol
La Rubia Mireya
que al frío aquilón
de los desengaños
marchita murió!

I (bis)

Ya la vieja muchachada
que en alegre carcajada
sus placeres festejó,
acalló sus emociones
por la angustia y el dolor;
y es que, en medio de la fiesta,
al murmullo de la orquesta
y la alegre bacanal,
al recuerdo de Mireya
va apagándose una estrella
que jamás retornará!

Via agora os joelhos, e também as costas da secretária e depois... o cano de um grande revólver que o visava por cima do móvel.

— Sai daí, canalha! — disse a voz do homem, em um tom dos mais resolutos. — Sái. Por aqui, imediatamente! E nada de momices! Vamos, safai!

Ledbetter saiu, um pouco a contra gosto talvez, mas sem momices, e imediatamente como lhe fôra ordenado.

— De joelhos! Ponha as mãos para cima!

A coberta tornou a cair atrás de Ledbetter que abandonou a sua posição rasante e levantou o braço.

— Em trajas eclesiásticos. Deus me defenda!

E o sujeito não tem atitude feroz! Tratante! Que diabo de mania lhe deu de vir postar-se aqui esta noite? E de meter-se em baixo do meu leito?

O inquiridor não pareceu esperar resposta, mas procedeu, logo em seguida, a várias observações assás impertinentes, sobre a aparência exterior de Ledbetter. Aquele não era um homem demasiado gordo, mas pareceu robusto à sua vítima e de envergadura correspondente ao que prometiam as suas pernas; as feições pouco acentuadas estavam distribuídas sobre uma vasta máscara esbranquiçada, completada por uma série de queixos duplos. Falava em tom ameaçador, mas contendo a voz.

— Que diabo de mania lhe deu de vir meter-se em baixo do meu leito?

Ledbetter fez um esforço para encontrar um sorriso parvo e propício. Tossiu, depois principiou:

— Compreendo perfeitamente...

— Hein? Que?... Mas isto é um sabonete! Alto lá! Bandido! Nem um gesto com essa mão!

— E' um sabonete, — prosseguiu Ledbetter, — é o do seu toucador. Certamente, se o senhor...

— Nada de artifícios! Estou vendo perfeitamente que isto é um sabonete. Ora esta! pensa então...

— Se me fosse permitido explicar...

— Nada de explicações! Não creio nessas histórias, e não podemos perder tempo em delongas. Que lhe ia eu perguntar? Ah! sim... Tem cúmplices?

— Dentro de alguns minutos, se o senhor...

— Tens cúmplices, maldito idiota? Se me irritas com as tuas patifarias ensaboadas, mando-te um tiro! Tens cúmplices?

— Não.

— Estás mentindo com certeza; mas, se assim é, hás de pagar-me! Porque diabo não te raspaste quando entrei? Em todo caso, agora não há mais meio de o fazer. Que idéia de se meter em baixo do leito! Afinal, ao menos estás pegado!

— Não sei como poderéi invocar um alibi, — disse Ledbetter, tentando prostrar pela sua conversação que era um homem educado.

Houve uma pausa.

Ledbetter avistou, sobre uma cadeira, um grande saco preto achatado, um monte de papéis amarrutados, e, em cima da secretária, outros papéis rasgados e queimados. Diante destes estavam enfileiradas pilhas e pilhas de pequenos rolos amarelos que brilhavam à luz de duas velas fixas em casticals de brata, — cem vezes mais ouro do que Ledbetter tinha visto em toda a sua vida.

O silêncio prolongava-se.

— E' muito fatigante conservar assim as mãos no ar, — observou Ledbetter com um sorriso persuasivo.

— Não para mim! — replicou o homem gordo. — Mas, na verdade, não sei o que hei de fazer!

— Reconheço que a minha situação é ambígua...

— Meu Deus! ambígua? Ele passeia com o seu sabonete e usa um colarinho de seis polegadas! Ah! Para gatuno, este é um dos mais famosos.

— A falar estritamente... — principiou Ledbetter.

O seu pince-nez escorregou repentinamente e ao cair bateu-lhe de encontro aos botões da roupa.

O homem gordo mudou de atitude: um relâmpago de resolução selvagem

atravessou-lhe o olhar e qualquer coisa estalou no seu revólver. Ele levou a arma à outra mão, depois fixou o olhar em Ledbetter, daí abaixou-os para o pince-nez que estava caído no chão.

— Está bem armado agora! — declarou o homem gordo, que tornara a si, após uma emoção passageira. — Mas posso dizer-lhe que nunca estive tão perto da morte. Meu Deus! Estou quase contente com isto. Se o meu revólver não estivesse no encaixe de segurança, o senhor estaria agora morto.

Ledbetter nada respondeu, mas teve um instante de vertigem.

Por falta de um ponto, Martim perdeu a alma! Felizmente para nós ambos, ele não estava armado. Meu Deus!

O homem gordo respirou ruidosamente.

— Não vale a pena empalidecer e tornar-se verde por uma coisa tão minimal!

— Posso asseverar-lhe, meu senhor... — balbuciou com esforço Ledbetter.

— Não há alternativa. Se eu meto nisto a polícia, estou dentro do saco, e o meu pequeno negócio também. Assim pois, nada disto... Se eu o amarro e o deixo para aí, pode-se vir a sabê-lo desde amanhã... Amanhã é domingo, e segunda-feira é dia de festa... E eu contei com três dias felizes. Se lhe dou um tiro, é um assassinato, com a força no fim. E demais a mais, isto feria um barulho enorme... Diabos me levem se sei o que hei de fazer! Com a breca!

— Queira permitir-me...

— O senhor dá de língua como se fosse um pastor a valer! Quanto que para ladrão, é bem rude. Pois bem! Não permito nada. Não temos tempo para isso. Se recomeça a tagarelar, meto-lhe uma bala em cheio no estômago, entende? Olá, mas! Já sei agora, já sei! O que havemos de fazer? Primariamente, meu velho, vamos proceder à inspeção das suas algibeiras, vamos a ver as armas que traz escondidas. E ouça-me bem... Quando eu lhe mandar fazer uma coisa, nada de réplica, faça-a imediatamente!

E, com as maiores precauções, sem deixar de o alvejar, o homem gordo mandou que Ledbetter se levantasse e revistou-o dos pés à cabeça.

— Um ladrão, este? Qual o que! Um amador! Não existe nem uma simples algibeira de revólver nas suas calças! Não, nada de réplica. Feche isto.

Uma vez terminada a inspeção, ele ordenou a Ledbetter que tirasse o casaco, e levantasse as mangas da camisa, e, mantendo sempre o revólver à altura do ouvido dele obrigou-o a continuar o empacotamento que a sua aparição havia interrompido. Ao seu ver era este evidentemente o único partido a tomar, pois, se ele mesmo fosse quem fizesse os pacotes, ser-lhe-ia preciso pousar o revólver em algum lugar. Dest'arte, Ledbetter teve que manipular todo o ouro ali espalhado.

Segundo ele me disse, havia bem umas 18.000 libras, tanto dentro do saco preto como sobre a secretária. E também vários massos de notas de cinco libras.

Aquele empacotamento noturno não deixava de ser bastante singular.

A idéia do homem era sem dúvida guardar consigo as notas e repartir entre as suas bagagens, do modo menos visível que pudesse, o metal cujo peso não era pouco considerável.

Ledbetter foi obrigado a enrolar em papel as moedas de ouro reunidas em rolos de vinte e cinco cada um, depois a dispô-las convenientemente em caixas de charutos que foram distribuídas em uma mala, em um saco de mão e uma caixa de chapéu. Cerca de 600 libras tomaram lugar em uma caixa de fumo, que por sua vez foi posta em uma maleta.

Dez libras em ouro e os massos de notas de cinco libras guarneceram os bolsos do homem gordo que, de vez em quando, admoestava acrimoniosamente o seu auxiliar em razão da sua falta de jeito, e convidando-o a apressar-se mais. Várias vezes até ele se informou da hora no relógio de Ledbetter.



Finalmente a mala e o saco foram avelados e fechados, e Ledbetter deu as chaves deles ao seu proprietário.

Era então quase meia-noite e, até soar a primeira das doze horas, Ledbetter teve que ficar sentado sobre a mala, conquanto o próprio hóspede se mantinha sentado sobre a mala a pouca distância, munido do seu revólver e pronto para qualquer surpresa.

Parecia achar-se então em disposições menos agressivas, e, depois de ter considerado um bom pedaço a figura de Ledbetter consentiu em fazer algumas observações.

— Pelo seu todo, desconfio que o senhor tem uma certa educação, — disse ele, acendendo um charuto. — Oh! não! Não recomce as suas explicações. Vejo pelo seu rosto que isto seria interminável, e há muito que eu mesmo ponho em prática a mentira para poder interessar-me pelas dos outros... Eu dizia que o senhor tem educação. É uma idéia excelente essa de vestir-se de pastor. Mesmo entre pessoas bem educadas, poderia passar por tal.

— Mas eu sou realmente, ou, pelo menos...

— Está fazendo a experiência disso? Eu sei. Mas não devia fazer-se de ladrão assaltante; isto é que não está nas suas habilitações. O que o senhor é, se me é lícito dizer-lhe... Já com certeza disso o informaram... é um poltrão!

— Mas justamente, — aquiesceu Ledbetter, vendo aí uma entrada em matéria — foi por isto...

O homem gordo interrompeu-o bruscamente.

— Mas está gastando o seu talento experimentando o roubo por assalto. O seu caso é o furto, ou o abuso de confiança: uma das duas coisas. Assim, o meu caso, é o abuso de confiança. Para obter todo este ouro, que pensa que um homem possa fazer senão isso? Ah! Ouça! Está dando meia-noite: leze... onze... doze... Há para mim uma emoção viva em ouvir bater a hora assim tão lentamente. O tempo... o espaço... Quantos mistérios! E' chegado o momento de nos movermos. Levante-se!

Então, benévolo mas firme, ele convidou Ledbetter a amarrar a mala nas costas por meio de uma correia; depois, a carregar a mala nos ombros, e, a despeito de uma tentativa de protesto, a pegar, com a mão livre, do saco de viagem.

Assim sobrecarregado, Ledbetter empreendeu a perigosa descida da escada, enquanto o homem gordo, levando um sobretudo, a caixa de chapéu e o revólver, seguia junto dele, não sem se entregar a algumas observações pouco indulgentes sobre o vigor do carregador, a quem prestava auxílio nas voltas que tinham que dar.

— Pela porta de trás, — indicou ele.

E Ledbetter atravessou em passos vacilantes uma estufa, deixando atrás de si um rastro de vasos de flores quebrados.

— Não faça caso do que lhe fica pelo chão, isto ajuda o comércio! Vamos esperar aqui até meia-noite e um quarto. Pode pôr tudo isso no chão. Está pronto?

Ledbetter deixou-se cair sobre a mala, arquejando.

A noite passada, — suspirou ele, — dormi no meu quartinho e estava longe de pensar...

— Vamos! Inútil pronunciar o seu próprio requintado! — aconselhou o

homem gordo, examinando o gatilho do revólver.

Depois principiou a canavarolar.

Ledbetter fez menção de tornar a falar, mas mudou de opinião.

Ouviu-se então um toque de campainha.

Ledbetter foi conduzido à porta de trás, recebendo ordem de a abrir.

Apresentou-se-lhes um indivíduo de cabelos louros, vestindo um traje de sport náutico. Ele teve um sobressalto ao ver Ledbetter e levou rapidamente as mãos para trás das costas. Mas tinha avistado o homem gordo.

— Bingham! Quem é?

(Cont. no próximo num.)

Maria da Glória

(Cont. da ág. 29)

Irmã Toinette, que vinha chegando nessa ocasião, quis saber o que ela dizia. Julgava que já tinha escolhido Maria da Glória. Tinha até aberto a boca em sinal de satisfação, pois não simpatizava muito com a cara dela e da va graças a Deus por tê-la distante.

Para sua surpresa, entretanto, a mulher lhe gritou a reclamação, que tinha dito somente para o vento, pois as únicas ouvintes anteriores foram Maria da Glória e a filha da visitante, que nem sequer sabiam o significado das palavras que pronunciou.

A religiosa ficou sem dizer nada e Madame Mota Silveira escolheu realmente Maria da Glória. Tinha simpatizado com o seu temperamento, apesar de tanta ignorância, e, por isso não queria saber mais de nada: ela tomaria conta de sua filha e vestiria os vestidos que ninguém em sua casa quisesse mais. Certamente não fazia questão disso. Era indiferente a tudo.

Comunicou à freira qual era a sua escolhida e disse que no domingo seguinte viria buscá-la.

A irmã gabou a sorte da menina e as outras sentiram inveja de Maria da Glória. Todas queriam ir morar na casa de uma família rica. Mas só Maria da Glória não se entusiasmou com a notícia. Nem tampouco ficou triste: permaneceu no seu estado normal, de indiferença por tudo.

E, assim, foi morar no palacete da avenida Rosa e Silva, na casa da aristocrática família Mota Silveira, tradicional em Pernambuco, e que gozava também de grande conceito nos círculos econômicos de todo o país, por causa de sua fortuna. Sempre indiferente a tudo. E, também, sempre foi a mesma Maria da Glória.

"A RUA DO DELFIM VERDE"

O nosso folhetim semanal, extraído do livro de Elizabeth Goudge, que acaba de ser filmado com a atriz Lana Turner na protagonista, começou a ser publicado no número 41 desta revista. Como temos em estoque pequena quantidade de exemplares dos números 41, 42 e 43, poderemos atender a pedidos dessas edições, pelo reembolso postal.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

V.S. montará este maravilhoso Rádio de 8 válvulas.

Receberá um instrumento para medir resistências, condensadores, etc.

E também um jogo completo de ferramentas.

FAÇA SUA FORTUNA ESTUDANDO RADIO

APRENDA EM SUA CASA nas horas de folga para ser um RÁDIO-TÉCNICO COMPETENTE

Com o novo e aperfeiçoado método prático de nosso INSTITUTO V.S. aprenderá todos os trabalhos manuais de um modo eficiente para montar e concertar RÁDIOS de qualquer marca, amplificadores, transmissores, equipamentos de Televisão, Ine Sonoro etc. Poderá V.S. ganhar mais dinheiro do que o custo de seus estudos, logo após de iniciá-los. Duração dos estudos, 25 semanas. Mensalidades suavíssimas. Não é preciso ter conhecimento nem preparação especial. **MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO DEVIDAMENTE PREENCHIDO.**

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR
RUA AURORA, 1021 - SÃO PAULO

72

Snr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto com as instruções como ganhar dinheiro no Rádio

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



DÔRES de CABEÇA

TRANSPIROL



Encanto e frescor primaveril

Ginosedol

O "REMÉDIO DAS SENHORAS"

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

O CATARRO PODE CAUSAR ZUMBIDOS E SURDEZ

UM REMÉDIO QUE ELIMINA O CATARRO NASAL E ALIVIA O ATURDIMENTO CATARRAL

São poucas as pessoas que dão importância e tratam a afecção catarral. Entretanto, a afecção catarral não é um mal passageiro. Se não for tratada em tempo ela pode degenerar numa grave enfermidade, destruindo o olfato, o paladar e, paulatinamente, minar a saúde em geral.

Se V. S. padece de catarro não se desculde. Compre um frasco de PARMINT e tome-o de acordo com as instruções da sua bula.

PARMINT tem demonstrado sua eficácia em muitos casos porque sua ação se exerce diretamente sobre o sangue e sobre as membranas mucosas.

A volta da respiração fácil, da agudeza de ouvido, o restabelecimento do olfato e do paladar, o levantar-se, pela manhã, com novas energias e a garganta livre de catarro — eis o que lhe proporcionará o tratamento com PARMINT. Torne sua vida mais agradável, mais alegre. Para seu próprio bem — se sofre de catarro — comece, hoje, o tratamento com PARMINT.



HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

A vida de Schubert

(Cont. do número ant.)

Em outra ocasião, sugeriram os amigos que ele desse um concerto das próprias obras. "O seu nome está na boca de toda a gente" disseram-lhe, "e cada canção sua que aparece é um acontecimento". Garantiram-lhe que o público disputaria os ingressos e que ele se tornaria um "verdadeiro Creso". Schubert concordou. Preparou-se o concerto e a sala se encheu até à última cadeira. Numa única noite ganhou mais de trinta libras — soma fabulosa para o compositor. O público pediu-lhe, em altos brados, que desse um segundo concerto. A estranha teimosia de Schubert, no entanto, impediu-o de aceder às exigências populares. A arrua-miúda não o interessava e muito menos o seu patrocínio, dizia ele.

Mais ou menos nessa mesma ocasião, deixou passar outra oportunidade para encher o bolso. Pediram os editores que ele lhes entregasse algumas canções tecnicamente mais fáceis. O compositor, no entanto, recusou escrever a música que poderia agradar-lhes. Insistiu, felizmente para os amantes da música das gerações subsequentes, em escrever apenas as canções que estivessem de conformidade com os seus padrões elevados, e, às vezes, difíceis. A sua impaciência para com os padrões do mundo aumentava cada vez mais.

Afinal de contas, o mundo não tinha culpa se deixava às vezes, de compreender-lhe as idiossincrasias do temperamento. Os que o conheciam procuravam distraí-lo e tratavam-no com uma bondade concedida a poucos homens. E mesmo aqueles que não o conheciam intimamente, salvo alguns editores sem escrúpulos que dele se aproveitavam deliberadamente não lhe eram hostis. Mostravam-se, em realidade, bastante compreensivos. Schubert, porém, minado pela enfermidade e pelas decepções contínuas, assumira uma atitude áspera que afastava o público.

Descarregava a sua márgura não só contra o público senão ainda contra os próprios colegas. Certa vez, um grupo de músicos bem intencionados, se bem medíocres, encontrou Schubert tomando cerveja na Gasthaus. Precipitaram-se todos ao encontro dele e pediram-lhe que escrevesse algumas composições para os seus instrumentos. Franz empertigou-se. "Para vocês", gritou, o rosto abrasado com o conteúdo do copo, "para vocês não escrever coisa alguma!"

"E por que não, Herr Schubert?"

"Vocês se julgam artistas", continuou Franz. "Mas não passam de tocadores de flauta e de rabeca. Eu sou um artista — eu, Franz Schubert. Escrevi coisas grandes e nobres, as mais belas sinfonias, cantatas, óperas e quartetos. Os outros, no entanto, chamam-me de cantor de ninharias, e a vocês, artistas — vermes rastejantes e roedores, que eu teria nojo até de calçar aos pés. Porque, ao passo que vocês se enrolam e apodrecem no pó, eu aprendi a caminhar entre as estrelas!"

VI.

Schubert continuou o seu sonho solitário entre as estrelas. A pobreza, a desilusão, a doença não conseguiam silenciar-lhe a música. Muitas vezes protestou que jamais escreveria outra canção, cansado de espalhar os seus tesouros aos ventos inconstantes. Entretanto, nunca parou. Sentado na taberna entre a bucha dos jogos de pau e o riso dos bebedores, tomava inopinadamente de um cardápio e escrevia, de um facto, nas costas um melodia que, como vinho borbulhante, lhe transbordava do coração.

Um belo dia um amigo lhe pediu que compusesse uma música para um coelho que escrevera com o intuito de comemorar o aniversário de uma jovem senhora. Schubert, que não conhecia a lenda em questão escreveu-lhe um punhado de notas e entregou-as ao amigo escusando-se "Você me desculpe, mas agora não tenho tempo para coisa mais séria. O amigo apanhou a música e experimentou-a ao piano. Agradou-se tanto dela que obteve de Schubert a pro-

messa de ir tocá-la em casa de um amigo comum, diante de um círculo seleto de apreciadores.

No momento aprazado, compareceu toda a gente — exceto Schubert. Ninguém conseguia encontrá-lo. Desesperada, a dona da casa mandou que um dos seus companheiros saísse a procurá-lo por todas as cervejarias da cidade, certa de que o encontrariam em algum canto isolado tomando cerveja e dando forma aos seus sonhos. Com efeito, Schubert foi descoberto em um dos seus antros favoritos. Arrastado sem-cerimoniosamente para a sala le visitas confessou haver-lhe esquecido o compromisso. Sentou-se ao piano e tocou a canção que tão à pressa buscara para o amigo. Ao terminar as lágrimas ovalhavam-lhe os olhos. "Eu não sabia que era tão bonita", disse.

O nome dessa canção? A Sereia, de Schubert.

Schubert compôs-a quase no fim do rápido verão da sua vida. Acercava-se o inverno — um inverno prematuro, pois mal completara trinta anos. E como se tivesse ciência da morte próxima, compôs um hino à Virgem, Ave Maria. Pois, como ele mesmo observava, "para se ter compreensão é preciso ter fé". Disseram os que o ouviram tocar piano nesse último ano de sua existência, que as teclas se convertiam em "vozes cantantes". Vozes que cantavam em todas as fibras do seu ser — um hino de fé entoado nos derradeiros instantes da sua vida, longe das contendas dos editores e dos ruídos dos homens. Certa vez escrevera ao pai, num momento de exaltação, durante uma viagem pelo sul da Alemanha: "Por que é que os homens temem a morte? Se pudessem, ao menos, contemplar essas montanhas e esses lagos maravilhosos, cujos contornos gigantescos esperam, a cada momento, absorver-nos, consagrar-nos menos amor ao brevíssimo espaço de tempo concedido à existência humana. Aspirariam a entregar à terra os seus corpos a fim de que as forças dela lhes incutissem nova vida".

E enquanto se preparava para essa nova vida, aurora de uma primavera ignorada, compôs a última Sinfonia (em Dó maior) e uma série de cantos de despedida — Winterreise (Jornadas de Inverno). "Nas horas escuras e santificadas dos seus últimos dias". Observou o seu amigo Bauernfeld, "ele escreveu as canções mais tristemente belas". Que-daram os amigos espantados e amedrontados diante do mórbida melodia dessas canções de Inverno. Schubert, porém, devolveu-lhes o ânimo. "Algum dia há-de confortá-los essa música como ora me conforta, pois nela ouvirão o rogar das asas ao anjo que chama por mim".

Em março de 1827, acompanhou o enterro de Beethoven. Terminada a cerimônia, dirigiu-se, em companhia de vários amigos, a uma taberna e levantou o copo de vinho à altura dos lábios com estas palavras: "Aquele que viemos de enterrar". Tornou depois a encher o copo e brindou "ao que enterraremos em seguida". Mal sabia ele que brindava a si mesmo. Dezenove meses depois (19 de novembro de 1828) era colocado em seu túmulo a poucas jardas de distância da sepultura do grande mestre.

(Do livro "Vidas de Grandes Compositores").

O drama da Grécia

(Cont. do número anterior)

Nessa região as tropas dispõem de um Quartel General dos Andartes da Tessália, donde são expedidas todas as ordens de operações. O caráter da luta é tipicamente político, a disciplina é rígida, o armamento excelente. As metralhadoras alemãs de que dispõem têm um alcance de tiro de 4.000 metros, o que lhes dá uma superioridade sobre as tropas dos governistas, cujas metralhadoras ligeiras, de fabricação inglesa, não atingem senão 1.800 metros.

O sofrimento do povo da Tessália é quase o mesmo do da Macedônia. Em contacto com as massas sofridas da

região, conhecemos um cidadão que simboliza perfeitamente a situação atual dos gregos. É o caso do meu amigo Costas:

Costas reside numa casinha baixa de uma pequena vila da Macedônia. O pequeno trato de terra, que possui e que não é fértil, pouco lhe rende, malgrado o trabalho insano em cultivá-lo. É pai de cinco crianças, com as quais não sabe o que fazer. As guerras, a ocupação alemã, as revoluções, desorganizaram sua família. Com os poucos produtos da terra, apenas pode viver. O governo não lhe dá proteção, higiene, educação para os filhos, vias de transporte para produtos que extrai da terra, porém, não deixa de lhe enviar regularmente o coletor de impostos e de taxas.

Este meu amigo é francamente revolucionário. Seus dois filhos maiores lutam com os "maquis", que ele favorece e abastece na medida de suas possibilidades, e os auxilia em expedições noturnas junto às tropas. Esta atividade corresponde a uma necessidade imperiosa de seu espírito. É fruto de um século de opressão e de miséria. Ele é um heleno que, como os refugiados políticos e os intelectuais, engrossa as fileiras dos "maquis".

Não nego a importância dos erros da política grega nem as ambições que dominam os vizinhos da Grécia, nem também os conflitos que agitam os "grandes". Mas creio que é necessário, antes de tudo, examinar o elemento permanente e primordial da situação da Grécia do Norte, o camponês macedônio, cuja situação desastrosa no passado, é ainda mais trágica nos dias de hoje. Não podemos deixar de salientar que para salvar a paz do mundo se torna necessário harmonizar as questões políticas internas e externas. Entretanto, será possível a harmonia enquanto sobreexistir, na Macedônia, a questão econômica.

O PROBLEMA DO RESSURGIMENTO GREGO

Que se deve fazer para que a paz domine entre aqueles que tanto fizeram, no curso das idades, para a civilização e a liberdade?

Repitamos mais uma vez que o reino das questões políticas não é um fim em si, mas que se torna necessário, se quisermos fazer algo de sólido e duradouro, resolver as questões econômicas na Grécia do Norte.

Na realidade, o destino político desta região interessa a todo mundo, mas apenas sua situação econômica interessa aos macedônios.

O povo macedônio, pelo que pude observar, ama acima de tudo sua terra, sua aldeia. Seu patriotismo é muito local. As idéias nacionalistas que procuram incutir em sua mente não encontram eco em seu espírito. O que todos desejam é trabalhar em paz e segurança, colhendo da terra os frutos que esta pode produzir. A aspiração de todos é obter condições de trabalho mais favoráveis, com um nível de vida mais elevado. Eis o que lhes interessa. Todas as formas políticas que lhes permitirem isso, eles as aceitarão com alegria.

Procurando contribuir de certo modo para a solução do problema grego, eis o que fulgamos que se deva fazer:

Primeiro: é necessário substituir a UNRRA, cujos trabalhos, segundo parece, nas condições atuais, não podem ser executados pelo governo grego.

Segundo: torna-se necessário proceder à reconstrução e, especialmente, ao restabelecimento das comunicações. As estradas estão em situação desastrosa. Apenas funciona uma linha de estrada de ferro, de Salônica a Alexandria, e o trajeto dura dois dias. As linhas telefônicas estão sempre ocupadas em todas as direções. A companhia de aviação possui apenas uma linha.

Além disso é necessário desenvolver a indústria onde for possível, sobretudo a indústria têxtil e de todos os artigos cuja matéria prima e utilidade possam ser encontrados no país. Não se deve esquecer o problema de um equipamento agrícola dos campos. Muitos camponeses não possuem nem charruas. Imperiosa é a

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Queda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e as perezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sa dá volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

IMPRESSONANDO OS MEIOS
CIENTÍFICOS DO PAÍS!
EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento das gordas e a conservação da elegância dos magros.

Adquire nas farmácias ou drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso
CAIXA POSTAL, N.º 2335
Rio de Janeiro

necessidade da abertura de escolas e de hospitais. Para tudo isso é indispensável muito capital. Necessário se torna fornecer à Grécia auxílio financeiro, e sem segundas intenções. Como não se admite hoje que um industrial não possa enriquecer enquanto seus trabalhadores morrem de fome, também se pode decidir de uma vez por todas, dentro da O. N. U. que é profundamente imoral que certas nações vivam em abundância enquanto outras sejam obrigadas a recorrer a empréstimos e a esmolar comida. Outro problema a resolver é o da imigração. A administração, devido sua lentidão e morosidade, precisa ser reorganizada. Os costumes políticos precisam ser modificados para se evitarem injustiças políticas e sociais.

Com isso a atmosfera se modificará. Meu amigo Costas, o campônio macedônio, poderá trabalhar em paz e recolher os frutos de seu trabalho, e os chefes de Estado não serão mais odiados.

BOB HOPE VIROU BAIANA E BING CROSBY VIROU MALANDRO!

(Cont. da pág. 18)

com a censura de vários Estados, que achavam torridas, demais certas cenas, Jane Russell conquistou a celebridade. A própria Associação dos Produtores foi contra o filme, vetando-o, mas Howard Hughes rompeu com ela, e, apesar de toda a oposição, lançou a película com grande sucesso, obtendo um lucro de milhões de dólares. Até o lançamento do filme, — e a luta de Howard durou anos, — o teimoso produtor pagou um excelente salário a Jane Russell, apenas para que ninguém a apresentasse em qualquer outra película antes da exibição de "The Outlaw". Agora, Jane Russell está em circulação e sendo seu filme com Bob Hope a história de um "cara pálido", é bem provável que se trate de muita paródia a "The Outlaw", com a própria heroína dessa película, a dona do mais belo colo dos Estados Unidos...

VARANDO O CORAÇÃO SELVAGEM DO OESTE BRASILEIRO

(Cont. da pág. 11)

certos de que a partida será prorrogada para oito ou dez dias depois, no mínimo.

Além dos contratempos que padecemos ocorreu outro fato lamentável: o nosso cargueiro, o único que encontramos ali, quando manejava uma das armas, foi gravemente ferido no ventre. A nossa situação tornou-se crítica. Naquelas desvãos do interior do Brasil, médico é coisa rara e cara. Acrescenta-se a isso a falta de recursos para socorrer o pobre homem. Por felicidade, o caminhão em que viajávamos ainda se encontrava em Leopoldina, e dessa forma podia ser feito o transporte do ferido para o hospital de Goiás. Se o doente não resistisse, sem dúvida o cadáver seria enterrado logo, à beira da estrada, pois nesta região a decomposição orgânica se dá com muita rapidez. Uma cova rasa e uma cruz no caminho indicam que ali repousam os restos mortais de alguém, se à noite, qualquer animal da floresta não vier desenterrá-lo e devorá-lo.

Em virtude disso foi que meu amigo Meireles me preveniu de que não viesse a sofrer de crise de apendicite, ou qualquer outra destas moléstias do homem civilizado, pois se tal acontecesse só havia um recurso: a resignação. A falta de recursos médicos no interior é uma

coisa lastimável. As mulheres durante o parto são ajudadas pelas comadres, improvisadas em parteiras. E as doenças, em geral, são enfrentadas com as mézinhas caseiras.

Na madrugada do dia seguinte a caravana tomou o destino do rio das Mortes. Cinco cavalos e um jumento, montados por seus cavaleiros, em fila indiana, marchavam a passo lento por uma estrada muito estreita. A frente do comboio ia o guia, caboclo conhecedor dos mistérios do sertão, precedido de um índio da tribo dos Parecis, do chefe da expedição, Francisco Meireles, de um cinegrafista do Rio de Janeiro, de um mulato triste e do repórter que escreve estas linhas.

As dez horas da noite, após o percurso de 110 quilômetros, chegamos a uma pequena cabana que serve de parada obrigatória para descanso de todos os que se aventuram por esta região. Novamente o civilizado sente a desolação, o abandono dos que vivem nas brechas do Brasil. Como dissemos, aqui é uma parada obrigatória, onde se faz a muda dos animais. Não encontramos nada para comer ou beber, pois a família que mora no casebre é prisioneira da distância. Vivendo como vivem num quase permanente isolamento, todos fazem festas aos visitantes, indagando das novidades, procurando saber notícias dos conhecidos, das mortes, dos casamentos e dos nascimentos.

Um comprador de peles, que andava por esta região, passou pela cabana, e armou sua rede perto da nossa. Há trinta anos que viaja por todos os recantos de Goiás e Mato Grosso, adquirindo peles. Diz-se que conseguiu fazer boa fortuna, podendo já perfeitamente deixar o negócio de peles de onça, jacaré, capivara e cobra que faz com os índios e os caçadores profissionais, mas não o abandona. Não pretende retirar-se do negócio, porque já o faz mais por prazer que por necessidade material. Mais uma vez se prova que o hábito é mesmo uma segunda natureza.

A noite passa rapidamente. De madrugada estamos iniciando a nova etapa da jornada. As onze horas acampamos nas margens do rio Cristalino. Armamos nossas redes entre as árvores e o guia nos previne de que vai haver chuva. Na realidade dentro de poucos minutos temos que nos cobrir completamente com as mantas e as capas para não nos molharmos.

Chove. Chove constantemente, copiosamente, — prova evidente de que nos encontramos sob os trópicos. Outro dia de viagem, outra noite, nova partida... As roupas encharcadas, o cabelo comprido, a barba crescida eis como se apresentam os homens após dias e dias de viagem pelo interior do Brasil. Quantas vezes nas caminhadas pelo sertão, a fome, a sede, o desconforto não se fazem sentir?

Frequentemente tivemos que abrir picadas na mata para alcançarmos o ponto que nos parecia mais interessante neste deserto verde. Isso sucedeu especialmente quando divisamos o posto de São Domingos, o objetivo de nossa viagem. Em lá chegando teremos completado os 340 quilômetros de percurso em três dias.

Esfomeados, extenuados e esgotados por uma febre acompanhada de destituição, que de certo adquirimos na água de um rio, numa cacimba ou de uma poça qualquer de que nos servimos para mitigar a sede, eis como terminamos o passeio pelo interior do Brasil. Contudo, não nos arrependemos. Porque, através de uma experiência que para nós é nova, inédita, difícil de suportar, aprendemos a respeitar ainda mais o esforço titânico dos desbravadores daqueles ermos, o heroísmo de homens que ali tomaram no cumprimento do seu dever, como Pimentel Barbosa e seus companheiros, e dos que estão vivos, — desajudados, sem conforto, sem comunicações, sem médicos, lutando corajosamente com um meio hostil, com uma natureza ainda indomável e selvagem, mas, que um dia, o homem brasileiro há de vencer.

**AS MULHERES LINDAS
AFIRMAM:**



RUGOL

facilita o tratamento da
pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura, diáfano esplendor de primavera.



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

**CREME
RUGOL**

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

TRATAR COM

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA CONSELHEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha do seu sapato, da sua meia, do seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquiagem, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta é a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2. O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o N.º 1 ou N.º 2, conforme o seu caso — e esteja certa de que fez uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, do seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça pois: escolha para os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a sua beleza mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetuá-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.

PÈRE-LACHAISE

(Cont. da pág. 34)

OUTROS EPITÁFIOS

Vimos, sobre um túmulo modesto, o seguinte epitáfio:

"À Margarida,

O seu esposo agradecido".

Na sepultura de André Chénier, poeta que morreu na guilhotina em 1794, lê-se o seguinte:

"Auprès d'André Chénier; avant que de descendre,
J'éleverai la tombe ou manquera sa cendre;
Mais où vivront du moins et son doulx souvenir,
Et sa gloire et ses vers dictés pour l'avenir".

Os túmulos de Molière, la Fontaine, Sara Bernhardt, Chopin, Rossini e muitos outros de grandes personagens, são muito modestos, sem epitáfios quaisquer. Simples sepulturas que indicam apenas onde jazem os restos mortais dos desaparecidos.

Grande e expressivo é o túmulo de Oscar Wilde. Será esta uma recompensa para os seus grandes sofrimentos nos últimos anos da sua existência? Quem sabe...

HERÓIS E MARTIRES

Em 1871, desenrolara-se no cemitério de Père-Lachaise o último e mais sangrento episódio da Comuna. Os últimos insurrectos se refugiaram na cidade dos mortos e ali se entrencharam. De 21 a 28 de maio, sustentaram galhardamente uma resistência feroz. Na madrugada de 28, porém, os canhões inimigos derrubaram o portão do cemitério, pelo qual as tropas penetraram, dando caca aos rebeldes, tarefa assás difícil, pois a luta continuava sangrenta por entre as sepulturas. Finalmente vencidos, foram os rebeldes aprisionados. Eram ao todo cento e quarenta e sete sobreviventes. Encostados ao muro, foram sumariamente executados. Uma vala comum, aberta no mesmo local, recebia os cadáveres dos infelizes.

Esse muro, famoso pelo nome de "Muro dos Condenados", situado no fim do cemitério, é um dos lugares mais visitados pelos franceses e estrangeiros, sendo sempre objecto de peregrinações de carácter político.

Père-Lachaise conserva em seu sub-solo as cinzas de heróis e mártires da história francesa. Desde tempos remotos até à última guerra, a terra desse grande cemitério vem recebendo os corpos de marechais, generais, soldados, heróis e mártires de todos os tempos, que deram sua vida na luta por grandes ideais.

A Gestapo e as forças de ocupação, enriqueceram bastante a famosa cidade dos mortos. Não existe uma quadra sequer, em toda a extensão de Père-Lachaise, que atinge a cerca de cinquenta hectares, onde não ha'iam sepulturas de fuzilados pelas forças de ocupação e torturados até a morte pela Gestapo. E quanta gente nova... Alguns nem atingiram a maioridade quando os bárbaros nazistas os eliminaram. Há muitos túmulos coletivos desses infelizes.

Além de muitos monumentos históricos, que rememoram as grandes epopéias do passado, existe um monumento em memória dos soldados, outro em memória dos Guardas Nacionais, que tomaram no campo de batalha em 1871; mais um aos soldados belgas, outro aos soldados italianos e franceses, que desapareceram na guerra de 1914-1918.

OUTROS CEMITÉRIOS NOTÁVEIS

Père-Lachaise é, como já dissemos de início, o mais importante da França. Depois desse, vem os de Montmartre e Montparnasse.

Como em Père-Lachaise, nesses dois cemitérios também se acham inúmeros túmulos de grandes homens, escritores, poetas, filósofos, militares, etc.

No cemitério de Montmartre, entre outros homens notáveis, se encontram os seguintes túmulos de homens célebres: Lucien Guitry, Família Cavaignac, Labiche, Rochefort, Waldeck-Rousseau, Stendhal, Gambeta, Meilhac, Theophile Gautier, Frères Goncourt, Alfred de Vigny e Alfonsine Plessis, que entrou para a literatura universal, famosa como "A Dama das Camélias".

No cemitério de Montparnasse, são enterrados as seguintes grandes personalidades: Baudelaire, Bartholdi, Theodore de Banville, Girodet, Broca, J. B. Dumas e muitos outros.

A VIDA DE EPICURO

(Cont. da pág. 12)

ção dos deuses — isto é, "na contemplação da natureza do mundo com o espírito descansado".

IV

E assim chegamos, mais uma vez, à investigação epicurista sobre a natureza do mundo. Esse nosso mundo, sustenta Epicuro, foi por si mesmo gerado como resultado do turbilhonamento acidental e da colisão de uma infinidade de átomos. Mas ao se unirem, como se podem ter combinado as partículas, sem direção de matéria, na feitura de árvores e flores, de pássaros, das feras e dos homens? Por que processo lograram os átomos produzir um poeta como Homero, um cientista como Demócrito, um filósofo como Epicuro? Pelo processo das tentativas e dos erros, redargue Epicuro; pelo desenvolvimento gradual da matéria de formas mais grosseiras para formas melhores; pela eliminação dos incapazes e a sobrevivência dos mais aptos. Em suma, pelo processo da evolução.

Expôs Epicuro a teoria da evolução, dois mil e duzentos anos antes de Darwin. Em seu poema *Da natureza das coisas*, dá-nos, Lucrécio, um retrato interessante do mundo como figurado na teoria epicurista da origem das espécies e da descendência do homem. Os átomos em seu turbilhonamento eterno, depois de muitas combinações e dissoluções, uniram-se finalmente no que chamamos "o mundo". A princípio, era a terra uma massa de argila, sem vida, mas, gradualmente, principiou a produzir relva, arbustos e flores, exatamente, como produzem cabelos e penas os animais e as aves. Veio, depois, a vida. Principiaram os pássaros a voar e a fazer música no ar e as feras se puseram a saquear as florestas e a enchê-las com os seus urros. Algumas dessas espécies adaptaram-se ao seu ambiente e assim, já pela coragem, já pela astúcia, lograram sobreviver. Nasceram outros com a vista, a audição, ou os meios de locomoção insuficientes. Eram os monstros da natureza, vítimas de uma cega experiência num mundo sem plano, condenado à extinção. O homem, protagonista dessa peça interessante sem enredo, foi o último a aparecer em cena. Endurecido, selvagem e nu, errou pelo mundo como os outros animais, vivendo de ervas, frutas e bolotas e dormindo nos campos rasos, à noite.

Atacado por animais mais ferozes, aprendeu, depois de algum tempo, a procurar refúgio nas cavernas. O ajuntamento de muitos homens-feras numa caverna única para proteção mútua trouxe consigo o desenvolvimento gradual da fala e os primeiros sentimentos rudimentares de amizade. Os homens-animais descobriram o uso do metal e, dessa maneira, conseguiram produzir melhores instrumentos para a sua própria proteção e para matar os outros. O grupo de uma caverna principiou a trocar bens e idéias — e golpes — com os grupos de outras cavernas e, assim a pouco e pouco, conheceram as artes da troca, do comércio, da navegação, da agricultura, da poesia, da música, da arquitetura, da política, da diplomacia, dos pleitos e da guerra. Em suma, observa Epicuro, nada mais é a nossa civilização que um processo de evolução que capacita o homem a adaptar-se a um mundo inóspito e sobreviver, por breve espaço de tempo, na eterna luta pela existência. Porque toda a vida é um guerrear contínuo, e não há trégua para nenhum de nós senão na morte.

E a morte, sustenta Epicuro, é o fim de nossa existência. A alma, como o corpo, é mortal. Porque a alma também é um composto de átomos, uma espécie de energia líquida, que enche o vaso do corpo como a água enche o jarro. Enquanto dura o corpo, mantém-se a alma unida. Quando, porém, o corpo se rompe, a alma líquida extravasa e desata-se nas gotas isoladas de seus átomos individuais. Nascida com o nascimento do corpo, morre com a sua morte. Fora do corpo não há pensamento, não há sentimento, nem sensação, nem memória, nem vida. "Tu és pó, e em pó te hás-de tornar", é igualmente verdadeiro para o corpo humano e para a alma humana.

Isso, pois, quanto à teoria científica de Epicuro. Teoria interessantíssima que todavia, não alcança convencer o espírito moderno como, na verdade, não conseguiu convencer muitos espíritos antigos, em virtude de duas omissões importantes. Primeiro, não explica como o movimento da matéria inconsciente pode produzir o pensamento consciente. Segundo, não dá contas do princípio do movimento primeiro. O que é que faz o movimento dos átomos? E quem os faz mover? E por que? Como um estudante europeu ainda não perfeitamente familiarizado com o idioma inglês expressou ingenuamente, "Se o mundo gira, onde está quem o faz girar?" (*)

V

Presentela-nos Epicuro com uma ciência triste, fria, melancólica — máquina intrincada sem mecânico, espetáculo sobre-humano sem plano divino. Prossegue, depois,

apresentando-nos uma filosofia triste, fria, melancólica — sistema de prazer sem alegria, a negativa tranquilidade da morte como fuga às perplexidades positivas da vida. A terra em que vivemos, lembra-nos ele, é-nos arrendada por algum tempo, e, ao chegar o momento de partirmos, somos despejados sem aviso prévio. Se, todavia, não nos é dado subjugá-lo a morte superemos o medo da morte. Não nos lamentemos da brevidade da vida. Em vez disso, aceitemos-la com ânimo plácido. Porque após a morte não há consciência, não há dor nem castigo no inferno pelos erros que possamos ter cometido em nossa estada na terra. Embala-nos a mão branca da morte com doce sono sem sonhos. Pois é a Morte carcereiro amigável que assina os papéis para a nossa libertação do hospício do mundo. E' o médico delicado que nos cura da mais terrível de todas as doenças — a Vida.

Entretanto, ainda que se reconheça ser a vida uma festa contínua de bênçãos, será acaso, desejável continuarmos a desfrutá-la indefinidamente? Ou será melhor abandonarmos a mesa antes que nos sintamos por demais fartos retirando-nos sorridentes, como convivas cansados mas felizes, a um sono agradável? Nós nos queixamos que um dia fatal nos arrebatará todos os prêmios da vida. Esqueçamos, contudo, de que esse mesmo dia fatal nos libertará do desejo de possuir tais prêmios.

E, assim, ponhamos de lado o medo da morte e pensemos nas bênçãos que podemos obter da vida. Busquemos uma vida de prazer — um máximo de prazer e um mínimo de sofrimento. Na procura de uma vida agradável, Epicuro adotou a princípio a idéia dos Hedonistas, os chamados "filósofos do ventre" que não se preocupavam tanto com a calma felicidade do espírito como com os imediatos prazeres do corpo. Como os Hedonistas, aconselhou aos discípulos que gozassem todos os dourados momentos da existência. Depois, no entanto, à medida que os apetites de seu corpo perdiam a veemência e crescia a agudeza de seu espírito, compreendeu que o prazer de um momento pode, às vezes, acarretar o sofrimento de uma vida inteira. E então, concebeu uma teoria mais negativa que positiva, do prazer. O maior prazer, disse, é a completa ausência da dor. De acordo com isso, começou a pregar uma nova espécie de felicidade — a felicidade de um espírito desencapelado ao observar, à distância, as inquietações e tumultos do mundo. Absten-de-vos de negócios. Afastai-vos da política. Observai de parte o jogo da vida. Evitai as tempestades, que podem fazer naufragar o barco de vossa felicidade. Quedai-vos na praia como espectador, ao passo que se rompem os navios de vossos semelhantes ao açotitar das vagas.

Havia, contudo, um aspecto positivo na negativa filosofia epicurista do prazer. E este aspecto era a veemência com que insistia no evangelho da amizade. Era Epicuro enormemente dotado para a amizade. Embora vivesse a pão e água, procurava sempre partir o seu pão na companhia de um amigo. "E' mais importante saber com quem vamos comer", dizia ele, "que o que vamos comer." A sua filosofia era, em verdade, egocêntrica; mas era um egoísmo partilhado o que ele pregava. A única maneira de sermos felizes, dizia, consiste em convidarmos os outros a partilhar de nossa felicidade — não porque seja nobre fazê-lo, mas por ser conveniente. "Não é possível viver agradavelmente sem viver sábio, justa e generosamente." Tratai os outros como quiserdes que vos tratem. Não injuriéis, afim de não serdes injuriados. Vivei e deixai viver.

Porque esta nossa vida deve ser uma festa entre amigos. Cultivai o gênio da amizade. Fazei dela uma religião. Cultuai-a. Porque é a amizade uma coisa doce, bela e sagrada. A simpatia da verdadeira amizade é o único dom certo que possuímos neste mundo de duvidoso valor. Se os sofrimentos da vida podem reconciliar-nos com a morte, a santidade da amizade pode reconciliar-nos com a vida.

VI

A simpatia dos amigos reconciliou Epicuro com os próprios sofrimentos. A pobreza, as privações e a doença tornaram-lhe, realmente, a vida, uma coisa de duvidoso valor. Não obstante, encontramo-lo, em seu leito de morte, escrevendo a seguinte carta a um amigo: "E agora, ao passar este derradeiro e abençoado dia de minha vida, escrevo-lhe. A estranheza tomou conta de mim e inflige-me tormentos terríveis além dos quais não pode ser suportado o sofrimento. Contra tudo isso, sem embargo, forjo a minha alegria com a lembrança dos pensamentos e palavras que, juntos, trocamos no passado." Tal foi o último testamento desse mestre sábio e tranquilo cujo nome hoje se associa a um credo tão tólo e tão indelicado. Nenhum filósofo foi, jámais, tão pouco reverenciado. Nenhum filósofo foi, jámais, tão pouco compreendido.

(Do livro "Vidas de grandes filósofos").

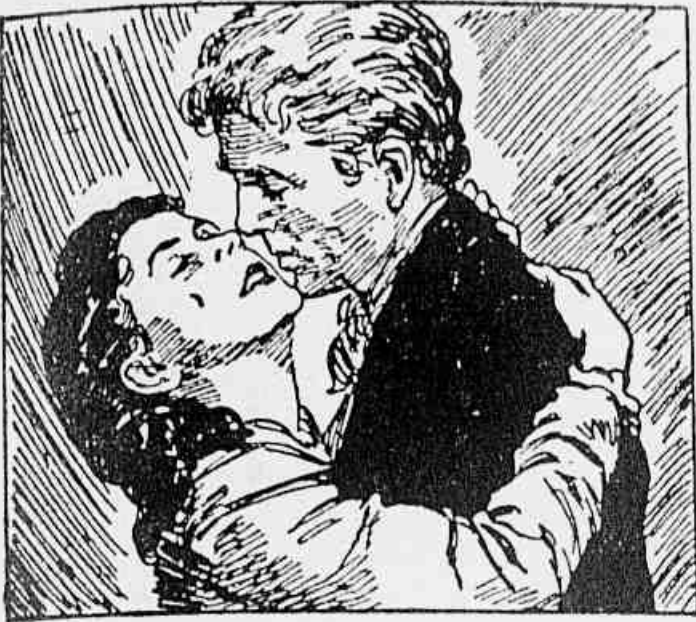
(*) Em Inglês "If the world revolves, where is the revolver?"

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

"A RUA DO DELFIM VERDE"

Um folhetim-sintético-ilustrado de
"REVISTA DA SEMANA"

Por ELIZABETH GOUDGE
Desenhos de LAWRENCE BUTCHER



— Se apenas você me amasse, William!

A vida, na "casa que William construíra para Marguerite", prosseguia, amarga e pontilhada de frequentes discussões, muitas vezes violentas, entre William e Marianne. Ela recriminava-o por beber pelos amigos desclassificados... inclusive o sócio, Tai Haruru, e chegava a se queixar de "mulheres maoris". Até que um dia, William lhe disse — Olhe aqui, Marianne. Eu tenho sido um grande idiota desde o nosso casamento; um ébrio, um bruto egoísta. E tenho desgraçado a sua vida. Mas reconheço minha culpa e peço-lhe que me perdoe. Procurarei de agora em diante me conduzir melhor.

— Sim! Sim! — soluçou Marianne, apaixonadamente. — Se apenas você me amasse, William. Se apenas você me amasse!

E assim, por algum tempo, houve harmonia no lar dos Ozanne.



E o cataclisma destruiu o trabalho de meses...

Marianne, sempre ambiciosa, já assumira completa e eficientemente a direção do negócio de madeira muito para o divertimento do filósofo Tai Haruru. Ela inaugurara um sistema de despachar a madeira por meio de barcas para Wellington, onde estabeleceu um escritório que visitava de vez em quando. Governava com mão de ferro e o negócio prosperava.

No entanto, ela sentia que ainda não possuía todo o amor de William. — Se eu pudesse ter um filho, — pensava ela, — ficaríamos muito mais unidos. — E um belo dia ela teve a certeza. Afinal! Ela já quase perdera a esperança, pois estava com 38 anos, mas afinal o milagre acontecera. William compartilhou da sua alegria e se tornou solícito e bondoso. Por algum tempo, Marianne foi feliz.

Era outono e as barcas estavam carregadas de tron-

William correu para a borda dos penhascos.

cos e prontas para partir para Wellington. A madeira devia ter sido despachada antes, mas William perdera muito tempo de trabalho na floresta para ajudar Marianne no lar. Agora, talvez fosse necessário lutar contra os elementos. — Época de terremotos, — disse William, na manhã da partida.

A noite encontrou o grupo acampado a uma milha do mar, estando ancoradas as barcas. Quando despontava a manhã, o céu se abriu... e a terra também. O primeiro pensamento de William foi para as barcas, mas nada havia a fazer. Num cataclisma daquele ficava perdido o trabalho de meses inteiros, tudo transformado em destroços. William, o velho Scant, Isaac e os nativos continuaram a pé para Wellington. Muito longe, a esquerda, um canhão detonou. Então veio o débil badalar de um sino. — Navio em perigo, — gritou William e correu para a borda dos penhascos.



William mergulhou na espuma revolta.

DURANTE a corrida, seguido pelos outros, William percebeu que os sinais de socorro vinham bem de perto. Na orla dos penhascos eles pararam, olhando com atenção através do nevoeiro e da chuva. — O "Delfim Verde!" — gritou William. — Tragam as cordas! — E ele começou a descer a encosta, em direção ao mar, com todos os outros nas suas pegadas.

Era mesmo o "Delfim Verde". William tinha absoluta certeza. E bastava aquilo para completar o desastre da sua vida. E ele não estava se incomodando se ia arriscar a vida na tentativa de salvar Nat e o capitão O'Hara. Sua vida seria apenas uma parcela mínima no pagamento do que lhes devia. Sem vacilar, William se atirou na espuma revolta, rebocando uma corda, e começou a nadar em direção ao navio. Lutando duramente contra esco-



Um a um, toda a tripulação foi trazida à Terra.

lhos e redemoinhos, ele afinal alcançou um rochedo de onde poderia lançar um cabo dentro no navio encalhado. Sobre o rugido da tempestade, ele ouviu a voz do capitão O'Hara: — Aqui está ele, rapazes! Aqui está Ozanne! — William olhou firme por entre a chuva e deu com o capitão e Nat acenando para ele.

A corda foi lançada e a tripulação do "Delfim Verde" abandonou o barco sob as ordens calmas do capitão O'Hara, os mais moços na frente. Quando chegou o último homem, William tornou a olhar para o "Delfim Verde". Nat e o capitão estavam sozinhos no tombadilho, a água rodando alucinadamente já à altura das suas cinturas. O temporal já começava a ceder e os primeiros raios da manhã clareavam os céus. William ouviu a voz

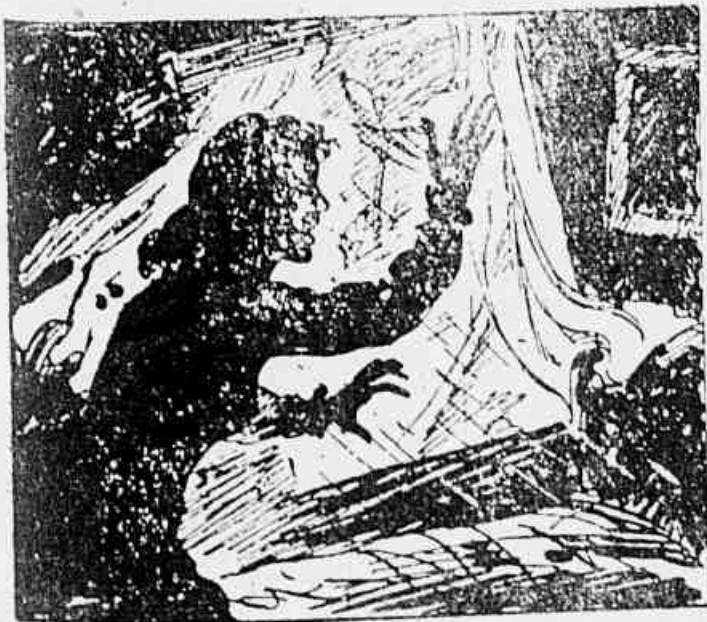


Ele sempre gostara de viajar com uma bela carga

do capitão O'Hara. — Dê o fora, Nat! Dê o fora, já! — E William procurou encorajá-lo: — Vamos, Nat, o capitão O'Hara virá depois! — E com isso as grandes mãos do capitão suspenderam o homenzinho, mandando-o sobre a amurada para dentro da água. E foi a mão de William que recolheu Nat, que lutava e se debatia entre as ondas. E foi a força de William que pôde fazer com que ele consentisse em ficar em segurança.

Mas não era intenção do capitão O'Hara "vir depois". Seu pensamento estava no tesouro sob a sua guarda. Ah, aquela era uma bela carga para acompanhá-lo ao reino dos céus!

E o capitão O'Hara sempre gostara de navegar com uma bela carga!



A casa pareceu ruir sobre ela.

QUANDO calu o terrível temporal e a terra tremeu, Marianne, lá na colônia da floresta, preocupava-se com William. Uma mulher maori, a bonita Hine-Moa, estava dormindo com ela na casa, e Tai Haruru estava apenas a distância de um grito, mas eles não eram William. O vento aumentou e sua ansiedade também. — Época de terremotos, — dissera ele antes de partir. E Marianne jazia no leito, ouvindo e sentindo a casa estremecer ao choque dos elementos desencadeados. E, de repente a casa pareceu ruir em cima dela como um castelo de cartas. Ela ouviu uma mulher gritando e não sabia quem era ela mesma. — Calma, senhora, — a voz veio de Hine-Moa, meiga, soou a seu lado. Marianne viu-se então em plena treva, caída ao chão. Pingos grossos de chuva entravam por algum lugar e ela começou a chorar.



Tai Haruru e Hine-Moa lá estavam ao lado dela.

— Não chore, senhora, — murmurou Hine-Moa. — Logo Tai Haruru virá salvar-nos. Logo virá.

Nunca Marianne desejara tanto uma pessoa como agora o detestado Tai Haruru. Suas lágrimas deteram-se subitamente e ela não disse uma só palavra a Hine-Moa do malestar que a invadia. Ela permaneceu sentada contra a porta caída, trincando os dentes para abafar a dor que sentia. Quando tornou a abrir os olhos já Tai Haruru estava ajoelhado a seu lado, com uma lanterna quebrada a treva. — Você vai ter a criança, — Tai Haruru falou com certeza. — Pegue a lanterna, Hine-Moa. Vamos levar a sra. Ozanne para a minha casa.

— Chame o médico depressa, — soluçou Marianne. — O médico está aqui. Eu, — disse Tai Haruru, fazendo-a recordar que o médico estava a dias de distância. — Hine-Moa será a enfermeira.



— Ele está bonzinho sim... só que ele é ela!

Num instante Marianne compreendeu a situação e gritou histéricamente de vergonha e medo. — Ouça, Marianne, — disse Tai Haruru. — Eu sei fazer isso. Quando vivi na floresta eu trouxe muitas crianças ao mundo, e assim também Hine-Moa. Confie em nós.

— Que farão comigo? — perguntou-se Marianne. — São apenas selvagens, os dois. Eu quero mamãe comigo... mas mamãe está morta. — E então ela disse alto: — Sim, confio em vocês.

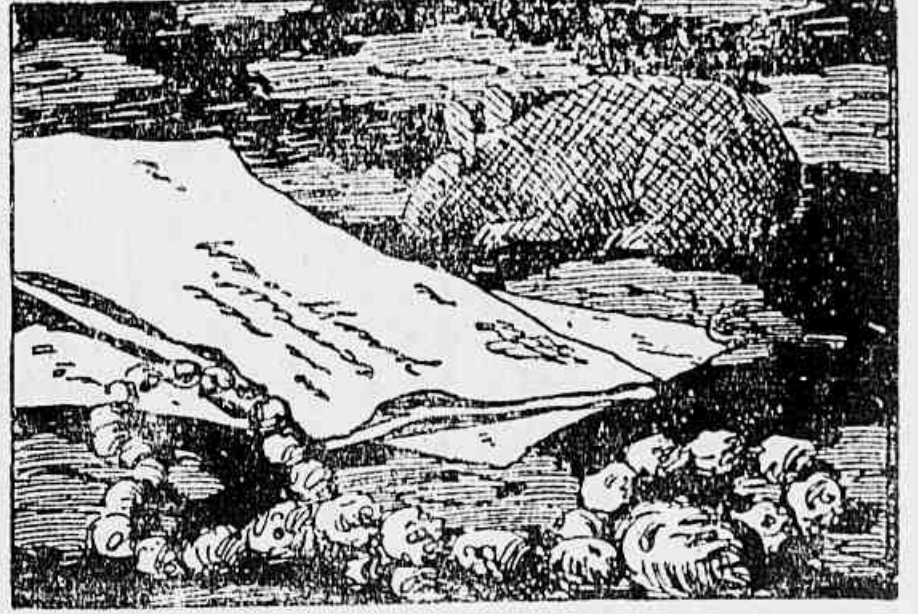
O quarto estava cheio de crepúsculo quando ela voltou a si. Ela olhou em torno. Tai Haruru e Hine-Moa sorriam bondosamente para ela. — Quero vê-lo, — disse ela. — Ele está bonzinho?

O sorriso de Tai Haruru alargou-se. — Ele está bonzinho sim, — disse ele. — Só que ele é uma menina.

"A RUA DO DELFIM VERDE"

Este folhetim continua
na próxima semana,
nestas mesmas páginas

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate
Tradução de JORGE A. FORTES



— Olhos azuis e cabelos louros! — gritou William.

Era a sua última noite de vida mundana...

... e ela guardou a carta e os presentes de William.

OLHOS azuis e cabelos louros! — Houve na voz de William um tom exultante quando ele viu pela primeira vez a filha... e houve uma punhalada de dor no coração de Marianne. E' que Marguerite tinha olhos azuis e cabelos louros. — Que nome lhe daremos? — William perguntou a Marianne. Numa voz que não parecia a sua, Marianne respondeu: — Marguerite? — E William beijou-a quase como ela esperava que ele um dia a beijasse, quase com fúria. — Mas ela precisa ter também o nome da mãe, — disse ele. — Será Marguerite Veronique.

Depois, William contou-lhe o naufrágio do "Delfim Verde" e a trágica morte do capitão O'Hara. Contou-lhe também a completa destruição da propriedade madeireira em Wellington. Tudo lá estava perdido, inclusive a casa residencial. — Não faz mal, William, — disse ela. —

Começaremos de novo. E estou tão contente por você ter salvo Nat, William. Ele agora deve ficar conosco. — William, beijando-a, afastou-se, e ela chorou um pouco; pelo capitão O'Hara e pelo "Delfim Verde", por aquele capitulo feliz e para sempre encerrado da sua vida...

De volta à ilha, Marguerite Le Patourel, da janela de "Le Paradis", olhava para a baía de St. Pierre. Acabara de receber a carta de William noticiando o nascimento da criança... "ela tem olhos azuis, cabelos louros e grande beleza", escrevera William. "E recebeu o nome de Marguerite Veronique, por causa da mãe e da tia".

O coração de Marguerite abrigava uma tremenda confusão de sentimentos. Ela cruzou o aposento e apanhou uma carta e um pacote que recebera de William algumas semanas antes. A carta dizia: "Marianne agora está esperando a criança. Creio que vai ser homem, mas eu gos-

taria muito de uma garotinha de cabelos louros e olhos azuis", e ele terminava assim: "Você, sempre terá meu amor e devoção. Penso em você dia e noite". O pacote continha um colar de contas lavradas (o colar que William comprara para ela na China) e um pequenino rato de madeira que ele próprio esculpira para ela, quando ainda criança. Marguerite, sentada no chão, imaginava o que fazer com aquelas suas últimas posses terrenas, de que ainda não se desfizera. Seria aquela a sua última noite de vida mundana. No dia seguinte receberia o hábito religioso na capela de Notre Dame du Castel, embarcando em seguida para a França, onde passaria, em Paris, o período de noviciado. Até que se levantou, guardou a carta e os dois presentes de William numa caixinha, que depositou cuidadosamente no fundo de um grande armário, ao lado da lareira.



Veronique estava cada dia mais linda.

Marianne ergueu a arma e disparou, vendo cair o "maori".

Ela ficou imóvel, esperando a morte.

MARIANNE e William receberam com emoções diferentes a notícia da entrada de Marguerite para o convento. Marianne ficou satisfeita e prontamente sentou-se para escrever à irmã; William, sem dizer palavra, saiu imediatamente.

A tarefa de reconstruir a casa e as barcas destruídas pela tempestade e pelo terremoto há muito fora terminada, e o negócio de novo prosperara sob a direção de Marianne. Veronique estava cada dia mais linda e seus companheiros favoritos eram Nat e o Velho Nick, o papagaio, já bastante velho mas ainda ágil e cáustico na língua. E Marianne já começara a desconfiar que Veronique e William valiam mais um para o outro do que ela própria para qualquer um dos dois. Corriam rumores na colônia de uma guerra próxima com os maoris. William,

apoiado por Tai Haruru, que tanto vivera com os nativos e os conhecia tão bem, repetia incessantemente a Marianne que fosse com Veronique para Wellington, onde estariam em segurança. Ela recusava-se. — Há bastantes homens e armas aqui, — respondia. — Se vocês quiserem construir fossos e paliçadas para a defesa da colônia, nós estaremos seguras o bastante. William protestava: — Isto mostrará aos amigos maoris que não temos confiança n'elles, virando-os contra nós. Ainda mais que Tai Haruru está de partida para Wellington, e vocês duas podem ir com ele. Mas Marianne, teimosa, continuou resolvida a ficar, e foram iniciados os trabalhos nas paliçadas. Dois dias depois já estava quase tudo pronto e os rumores eram tais que Marianne já começava a duvidar da sabedoria da sua resolução de ficar...

O ataque veio de madrugada. E o terror calou sobre eles como um relâmpago. William e os homens se armaram e saíram de suas casas. Marianne correu para Veronique e ordenou-lhe que não saísse do quarto. Então, ela, também se armou e correu para fora. Os maoris estavam atacando principalmente a parte inacabada das defesas, mas Marianne não olhou para o punhado de brancos que ali combatia. Ela olhou para o outro lado, para uma figura bronzeada, silhuetada contra o céu, no instante exato em que o maori se equilibrava em cima das estacas. Marianne ergueu a arma e disparou, e viu a figura desequilibrar-se e tombar. E de repente os maoris caíram sobre ela como uma onda gigantesca. O odor dos seus corpos a paralisou. E ela ficou encostada à janela, com os braços abertos para proteger Veronique, esperando que as lanças lhe atravessassem o peito.



Eles entravam mais e mais na floresta.

— William! — gritou Marianne, correndo pelo terreno.

O rosto pintado de Tai Haruru aparece...

MAS as lanças não se moveram. Em vez de matá-las, os maoris ordenaram-lhe que os acompanhasse, no momento exato em que Veronique pulava a janela e corria para junto da mãe. Eles não a matariam já, pensou Marianne, e todas as histórias que já ouvira sobre as atrocidades cometidas pelos maoris voltaram-lhe de novo à mente. Durante três dias eles caminharam mais e mais para o fundo da mata, a pequena Veronique nas costas de um guerreiro maori quase todo o tempo, até que alcançaram uma pequena aldeia circundada por uma alta e forte paliçada. As duas cativas foram metidas numa das choças e deixadas a sós. Veronique, assustada e exausta, adormeceu imediatamente. Marianne reparou num homem sentado ao lado de um fogo, diante de uma cabana próxima. Ela chegou à porta e olhou de novo. O homem tinha qualquer coisa familiar... William!

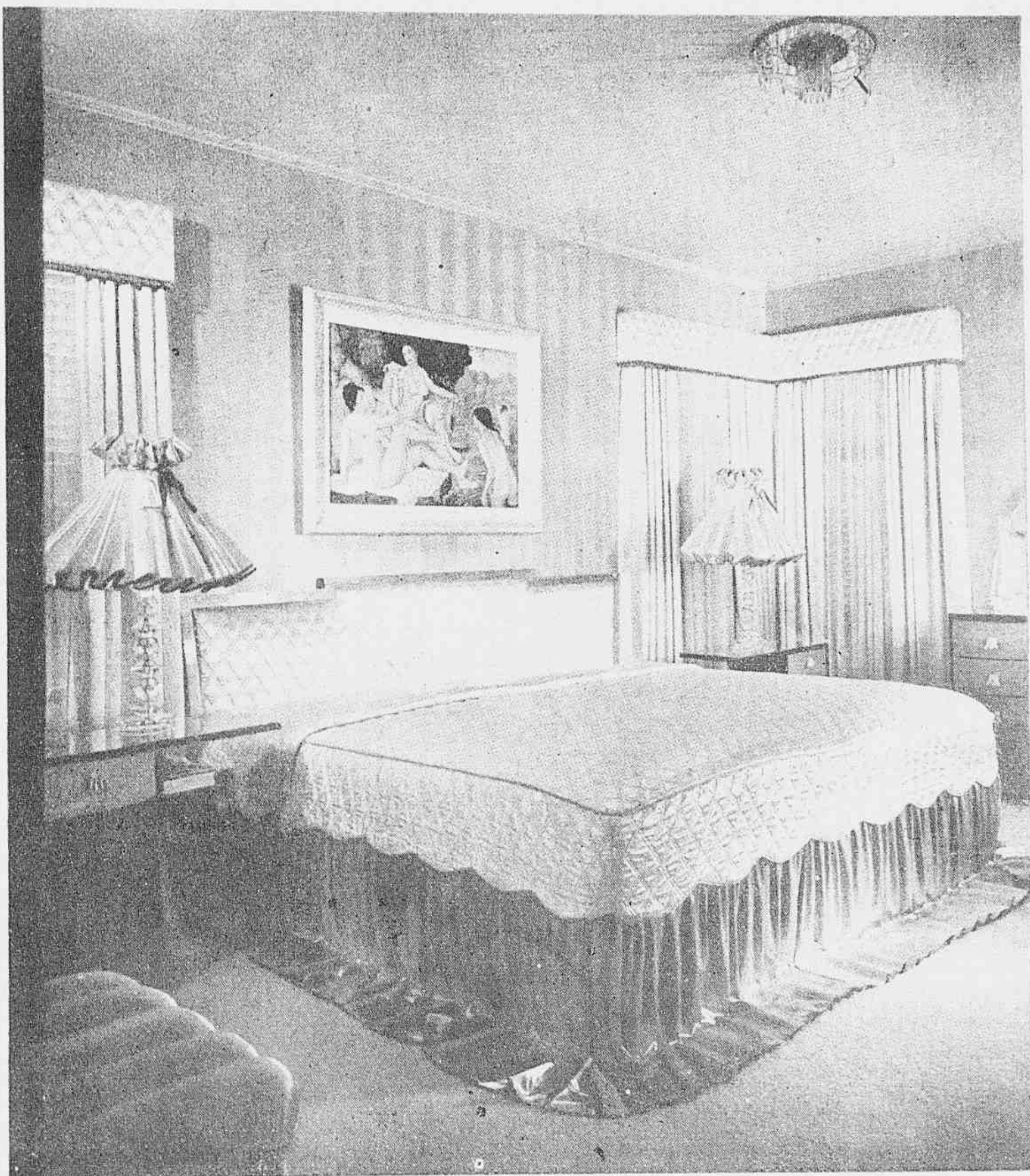
William! — ela gritou, atravessando de uma corrida o terreno áspero e caindo-lhe nos braços — Santo Deus, querida! — E William estreitou-a mais. — Veronique está salva! — sussurrou Marianne. — Nat também, — respondeu William.

— Que farão conosco, William? — perguntou Marianne no dia seguinte. — Por que terão poupado a nós quatro?

— Não sei, meu bem, — respondeu William. — Também estou intrigado. Imagino onde estará Tai Haruru agora... — E eles não tiveram de esperar muito pela resposta, pois naquela mesma noite toda a população veio para dentro da paliçada. Fogueiras foram acesas e era claro que seria levada a efeito alguma cerimônia. Subitamente, William segredou para Marianne: — Olhe aquele camarada sentado à esquerda. — E'... é ele? — gague-

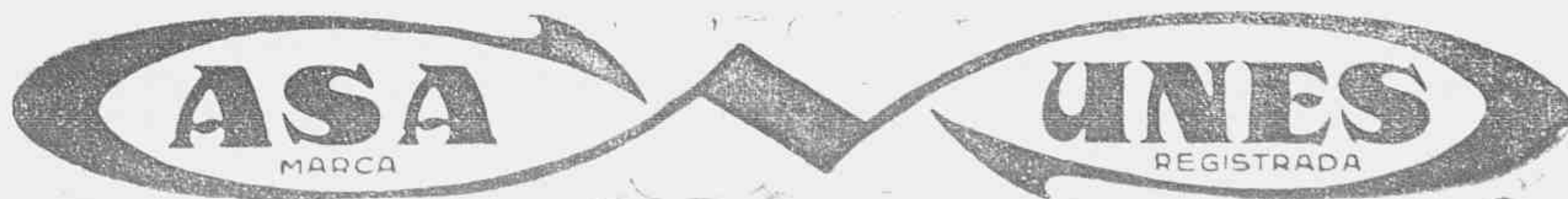
jou ela. — E', — disse William, já cheio de esperança. Eles tornaram a entrar na choça e aguardaram. E logo ouviram ruídos na parte traseira da cabana, e não se assustaram quando o rosto pintado de Tai Haruru apareceu numa brecha da palha. — Rápido! Vistam isto, — sussurrou ele, passando-lhes alguns trapos imundos e um pote de tinta vermelha. — Deixem suas roupas aqui mesmo; besuntem o corpo com a tinta. Ficarão sujos, e é se quiserem! — Se forem vistos, serão caçados. E você, Nat, você sabe o que fazer. Adeus! — E ele desapareceu.

Nat sabia o que fazer. Após terem todos trocado de roupas, ele espalhou-as pelo chão da cabana, desordenadamente, dando a seguir um corte no braço e deixando o sangue cair sobre elas, de modo que os maoris, quando chegassem, fossem levados a pensar que outros assassinos já tinham vindo antes deles.



Mobiliarios -- Tapeçarias -- Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - DUA DA CARIOCA 67 - RIO

CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ

Epoca

Cigarros Hollywood

CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

